Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23279 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA QUARTA-FEIRA 11 JULHO 90 70$00

Tribunais: a degradação da Justiça

Bem pode o ministro falar da «dignificação da Justiça», que o que ao cidadão se depara é o seu contrário. O DL visitou os tribunais da periferia de Lisboa. É um mundo alucinante.

Os segredos de justiça viajam de eléctrico, os processos têm as páginas roídas pelos ratos, os juízes combinam a hora e a vez do direito a uma sala, as testemunhas amontoam-se na escada, faz-se justiça à luz de uma vela. Como falar, em tais condições, de transparência, facilidade de acesso, celeridade, confiança no sistema?

Págs. 2, 3 e 4

EDITORIAL

Carta do director do «DL» a si próprio

Senhor Director,

Bem sei que os livros de estilo dos jornais recomendam aos jornalistas que fiquem fora do palco, remetendo-se ao papel de observadores que, por definição, lhes está reservado, mas nem sempre isso é possível ou desejável. Em casos de grande revelância, como sucedeu no Watergate, os jornalistas desempenharam papel interventor, agiram, actuaram, «protagonizaram», como se escreveria nos jornais que *fazem a moda*, mas pode, também, justificar-se abrir excepção à regra, a fim de referir situações aparentemente banais, em que o jornalista se limitou a assumir papel idêntico a qualquer outro cidadão, mas que valem (podem valer) como sintomas do «espírito do tempo».

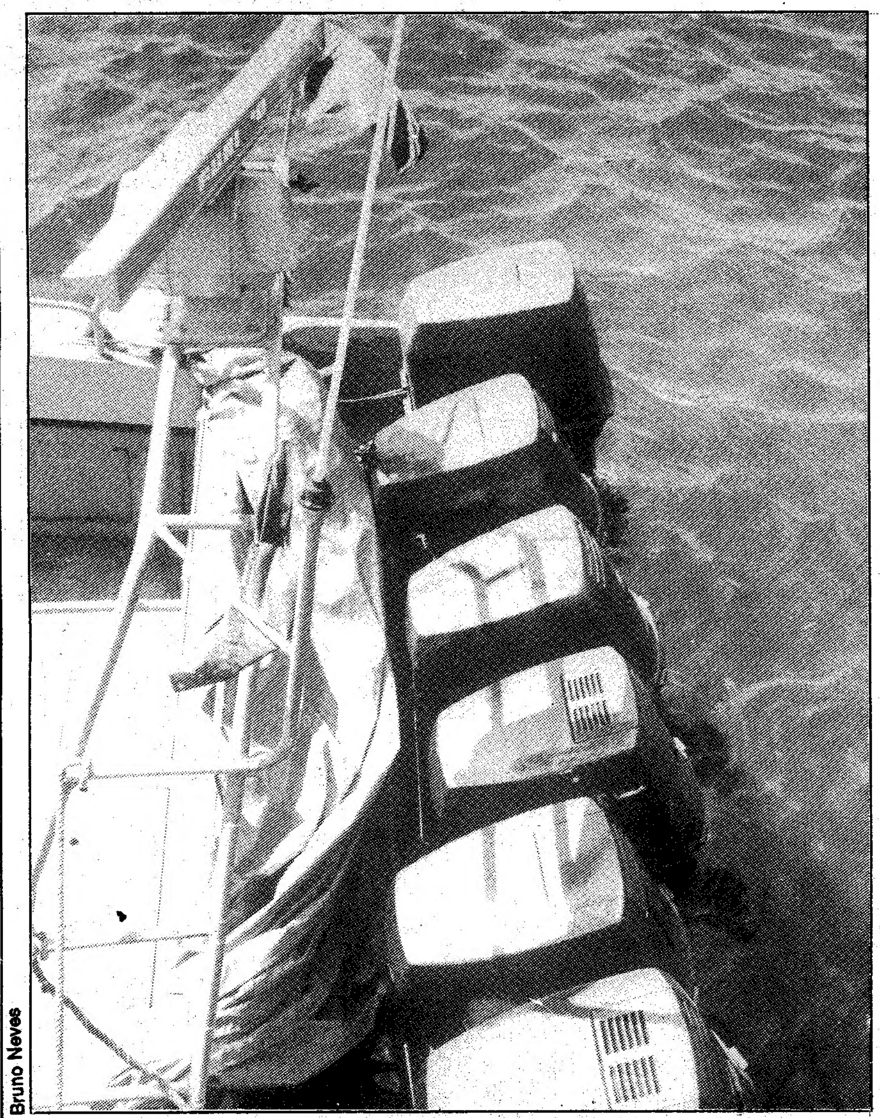
É o que sucede neste texto, escrito na primeira pessoa, que diz respeito à minha mais recente experiência no universo kafkiano dos tribunais portugueses. Preferi desfulanizá-la: as personagens, incluindo o narrador, são pouco importantes - o que talvez justifique alguma atenção é a situação relatada.

Peço-lhe, Senhor Director, que conceda a estas linhas o abusivo privilégio de o mandar inserir no local habitualmente reservado aos editoriais, acompanhando o inquérito que o seu jornal efectuou acerca do «mundo dos tribunais» e hoje publica em «Grande Angular». E mais lhe solicito que, em homenagem a João Chagas e a Vasco Pulido Valente, que bem recentemente focou o tema dos tribunais, o in-

Mário Mesquita

Continua na pág. 6

Contrabandistas galegos aceleram em Portugal



Bruno Neves

Lanchas com seis motores de 500 cavalos de potência cada um

O capitão do porto de Viana do Castelo confessa a sua impotência, por falta de meios operacionais e legais, para combater a actividade das poderosas lanchas que naquela zona da costa portuguesa estão ao serviço dos «barões» da droga instalados na Galiza.

Em Portugal, eles movimentam-se à vontade; na Galiza, as autoridades espanholas desenvolveram uma operação que já levou à prisão de numerosos chefes das redes de contrabando de droga e de alguns empresários que lhes davam cobertura.

As autoridades portuguesas continuam inertes, apesar de, na própria cidade de Viana do Castelo ser notória a existência de indivíduos que subitamente começaram a dar sinais de ostentação de riqueza, cuja origem não é perceptível a olho nú, e de falar, à boca cheia, de gente graúda que estará implicada no negócio, nomeadamente em operações de branqueamento das receitas deste cartel de droga do norte da Península. Alguns desses nomes são citados em voz alta, mas todos eles continuam em liberdade.

Anuncia-se agora que o porto de Viana do Castelo vai ser dotado de uma lancha de fiscalização mais potente, com uma tripulação de oito homens comandados por um tenente da Armada, a quem caberá dar combate que certamente não se resolverá por meio de uma qualquer batalha naval.

Págs. 16 e 17

Portugal na lista negra da Amnistia Internacional Pág. 6

Seis albaneses fogem de barco para Itália Pág. 10

Menem prepara reabilitação dos militares argentinos Pág. 11

Rendas a prazo autorizadas pelo Parlamento Pág. 8

Sorte madrasta na UEFA

FC PORTO - Portadown (Irlanda)

ESTRELA DA AMADORA - Neuchatel (Suíça)

BENFICA - Roma (Itália)

SPORTING - Malines (Bélgica)

Fehnerbace Istambul (Turquia) - GUIMARÃES

Em Genebra (Suíça) procedeu-se esta manhã ao sorteio dos jogos da 1.ª eliminatória das provas futebolísticas uefeiras: sorte madastra para a maioria dos nossos clubes que vão jogar à 19 de Setembro e a 3 de Outubro.

(O «DL» no TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO com o patrocínio
TOITORRES TORRES VEDRAS
O SEU CONCESSIONÁRIO TOYOTA NO OESTE
TOYOTA uma FORÇA para o FUTURO
Banix
BMW
pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS

O ministro da Justiça está hoje no Parlamento a ser interpelado pelo PRD acerca das condições da Justiça em Portugal. Preocupado com a dignificação das instituições judiciais, conforme afirma no seu programa, Laborinho Lúcio tem à sua frente uma tarefa árdua face à degradação em que se encontram os tribunais

GRANDE ANGULAR

Segredos de justiça viajam nos eléctricos da Carris

Se ao viajar no eléctrico que faz o percurso entre a Gomes Freire e o Conde Redondo, se sentar ao seu lado uma pessoa carregando grandes volumes, olhe com atenção. Trata-se, provavelmente, de um funcionário do Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa, transportando processos - em segredo de justiça, claro - entre o edifício da Polícia Judiciária, onde funciona o tribunal, e o Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP), onde estão instalados os delegados do Ministério Público.

O TIC (como vulgarmente é conhecido) é um dos tribunais onde a delicadeza dos processos justificaria grandes medidas de segurança. No entanto, a palavra segurança é algo que faz sorrir todos quantos lá trabalham. A pequena sala onde são guardados os processos - à mistura com as batas e os detergentes das funcionárias da limpeza - já não é suficiente para a quantidade de volumes que ali chegam diariamente. Assim, os processos têm que ser distribuídos pelos gabinetes dos juízes, onde se vão amontoando dentro e por cima dos armários, bem à mão das dezenas de pessoas que todos os dias se juntam nos corredores.

Os objectos apreendidos e as provas materiais dos processos estão sujeitos às mesmas condições de segurança. O único cofre existente no tribunal não chega para guardar tudo o que seria necessário, o que levou já ao desaparecimento de amostras de droga de vários processos.

Instalado, em 1973, em parte do quarto andar do edifício da Polícia Judiciária - inicialmente destinado aos arquivos daquela polícia - o Tribunal de Instrução Criminal é a antítese do que deveria ser um tribunal. A falta de espaço aliada à degradação das instalações, dá ao TIC aquele ar lúgubre da esquadra de Hill Street. O corredor serve ao mesmo tempo de sala de espera, de testemunhas, de advogados, e ainda de reprografia, uma vez que é ali que funcionam - entre uma avaria e outra - as duas únicas fotocopiadoras existentes no tribunal. Os processos ali copiados estão, assim, acessíveis aos olhos indiscretos de quem espera a sua vez de ser ouvido.

Os arguídos mais perigosos aguardam as suas audiências numa pequena sala - pomposamente apelidada de cela - com cerca de dois metros de largura por quatro de comprimento, sem janela e com apenas um banco.

Uma cela para 30 presos

Em dias de maior movimento, chegam a juntar-se ali mais de três dezenas de presos, homens e mulheres. Recentemente, só a providencial intervenção dos funcionários do TIC conseguiu impedir que uma jovem fosse violada.

As más condições de trabalho são democraticamente partilhadas por funcionários e juízes. Cada magistrado é obrigado a partilhar, com um colega, um exíguo gabinete, o que inviabiliza totalmente a audição simultânea de testemunhas. A solução encontrada foi a alternância de tarefas: enquanto um ouve testemunhas, o outro analisa processos, com o consequente atraso que isso representa.

O grande problema surge quando há necessidade de fazer debates instrutórios com muitos arguídos. Como não há nenhuma sala com dimensão suficiente, os juízes vêem-se obrigados a pedir uma sala emprestada a outro tribunal, o que significa a deslocação dos processos e dos funcionários. O famoso «processo da Primavera adiada», que envolve várias dezenas de arguídos, é um caso paradigmático deste tipo de dificuldades.

A confusão entre polícia e juiz

O facto de partilharem o edifício da PJ, dificulta muito o trabalho dos juízes. «A desejada transparência do funcionamento da Justiça fica bastante prejudicada quando as pessoas chegam aqui sem saberem muito bem se vão ser ouvidas por um agente policial ou por um juiz, o que acontece com alguma frequência», disse ao DL uma fonte do tribunal.

Outra das dificuldades prende-se com o sistema de segurança de entrada no edifício e com a hora a que este abre as suas portas. As audiências marcadas para as 9 da manhã raramente se realizam com pontualidade,

Seis quilómetros e meio para pagar as custas

No caso de algum dia se ver envolvido num processo que corra no Tribunal Judidicial da Comarca de Oeiras, fique desde já a saber que, ali, as custas judiciais são mais caras. É que além do preço normal, vai ter que gastar um dinheirão em táxi ou em gasolina para percorrer os seis quilómetros e meio que separam os vários departamentos daquele tribunal e a Caixa Geral de Depósitos.

O percurso é normalmente o seguinte: o cliente começa por se dirigir ao edifício principal do tribunal, situado no centro da vila, onde funciona a sercretaria-geral, para saber em que juízo está o seu processo. Se tiver a sorte de estar no primeiro juízo, pode levantar as guias e ir à Caixa Geral de Depósitos efectuar o pagamento. Caso contrário, terá que percorrer dois quilómetros para ir ao edifício de São Pedro do Areeiro, onde funcionam o terceiro e quarto juízos, levantar as guias e voltar à CGD para pagar as custas.

O Tribunal Judicial de Oeiras deve ser o mais dividido dos tribunais portugueses. Com apenas três juízos (há um quarto que foi criado há anos mas nunca instalado), ele funciona em três locais diferentes: dois edifícios do tribunal e um terceiro, ocupado pelos delegados do Ministério Público.

As dificuldades daqui decorrentes são óbvias. Acontece, por exemplo, com alguma frequência que um julgamento não se realize porque o advogado não consegue descobrir a tempo em que edifício este vai ter lugar. Tal como acontece em Lisboa, também aqui os processos «passeiam» entre os diversos departamentos, com tudo o que isso significa em termos de segurança.

Os serviços centrais do tribunal encontram-se instalados numa vivenda alugada, provisoriamente, em 1976. O crescimento populacional da zona obrigou, entretanto, à procura de mais dois locais - um outra vivenda e o rés-do-chão de um prédio - para a instalação, respectivamente, dos restantes juízos do tribunal e dos delegados.

Assim, neste momento, a questão do espaço já é apenas um mal menor para os magistrados do «tribunal-mãe» de Oeiras. O que os preocupa realmente é a degradação das instalações.

Tectos sustentados por pilares de ferro

Chove nos gabinetes, alguns dos tectos só não caem porque estão seguros por pilares de ferro e, no segundo andar, não há qualquer hipótese de colocar um cofre sob pena de o edifício se desmoronar.

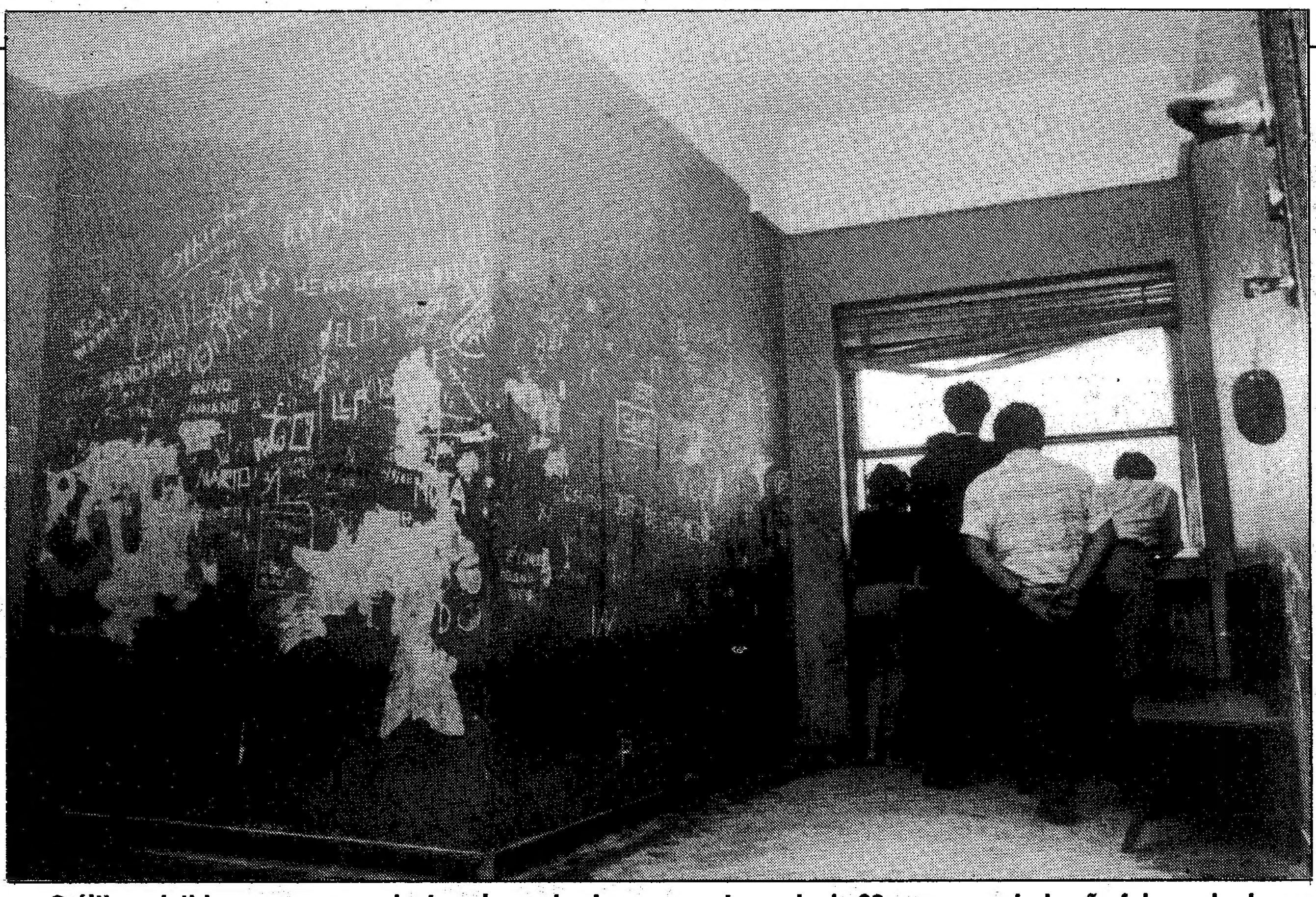
O jardim, que inicialmente servia de estacionamento para os funcionários e clientes, está hoje apinhado de carros apreendidos e apodrecidos. E o lixo da última limpeza que a Câmara fez ao jardim continua lá porque os carros de recolha não conseguem entrar no recinto. O segundo edifício, bastante mais novo, também não apresenta quaisquer condições. Além da falta de espaço, que obrigou já há deslocação das secções para o sótão, a instalação eléctrica não tem capacidade para ter todas as luzes acesas, o que significa que, quando chega o Inverno, só é possível fazer julgamentos depois das cinco horas da tarde desde que seja à luz da vela.

As instalações dos delegados do Ministério Público, inauguradas com grande pompa e circunstância na terça-feira da semana passada, foram construídas para albergar lojas. Desta forma, os gabinetes têm grandes janelas para a rua, o que representa uma total falta de privacidade, tanto para os delegados como para os arguídos e testemunhas.

A primeira pedra do novo tribunal, prometido há vários anos, vai ser finalmente lançada em Setembro. No entanto, até à conclusão da obra - que os magistrados não prevêem para tão cedo - os trabalhadores do Tribunal de Oeiras terão que continuar a «segurar as paredes» para que o edifício não caia.

D.S.

Por quanto tempo continuarão os pilares de ferro a impedir que o Tribunal de Oeiras de desmorone?



O último detido que escapou desta cela, onde chegam a estar mais de 30 pessoas, ainda não foi apanhado

uma vez que a PJ só abre as portas do edifício a essa hora e as filas de espera para a identificação são geralmente bastante longas.

A exiguidade das instalações obrigou igualmente à transferência dos serviços do Ministério Público para a Rua do Conde Redondo. Devido a esta divisão, um processo urgente que deveria ser resolvido em 24 horas, como por exemplo um pedido de liberdade condicional, demora seis ou sete dias a fazer o percurso entre os diversos departamentos.

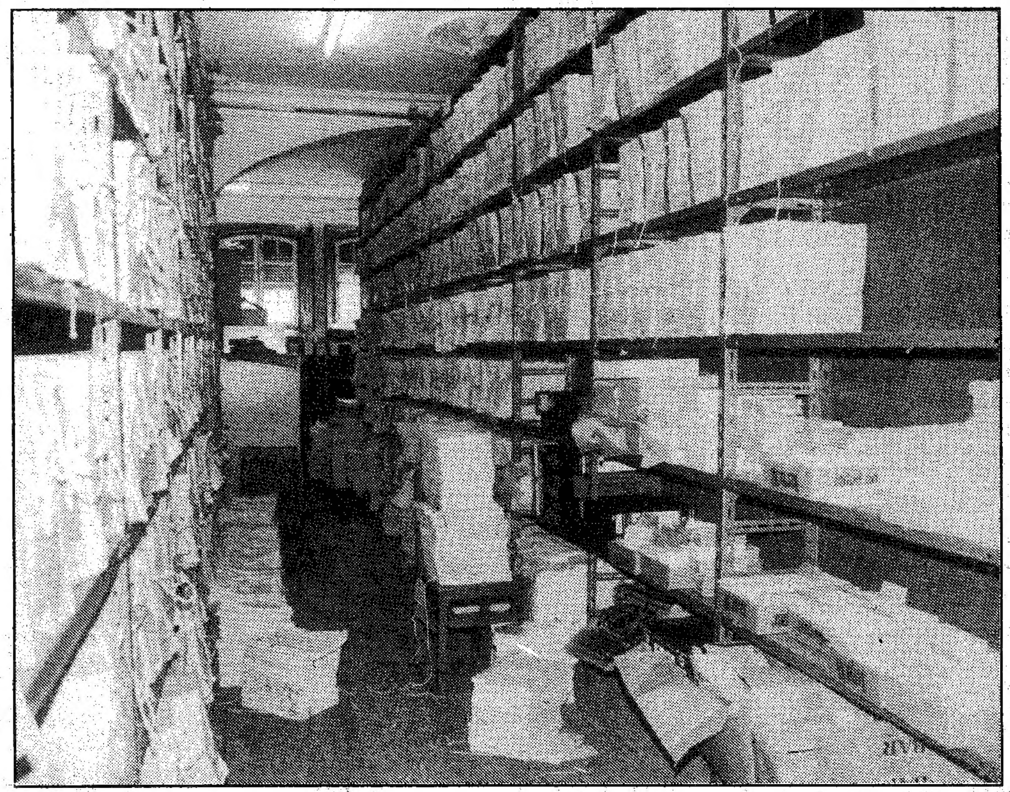
A classificação deste tribunal como tribunal de primeiro acesso, onde só podem trabalhar juízes com menos de sete anos de carreira, é outro dos entraves ao seu bom funcionamento. A maioria dos magistrados apenas permanece ali durante cerca de um ano, tempo que muitas vezes não chega para instruir os processos mais complexos.

Os juízes já fizeram várias diligências no sentido de alterar esta situação, transformado o TIC em tribunal de acesso final. No entanto, tanto este como os outros problemas que povoam o dia-a-dia do Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa, continuam à espera de resolução.

Dina Soares

O palacete das necessidades

Num bonito palacete de pedra junto à praia fica o Tribunal Judicial da Comarca de Cascais. Aparentemente, trata-se de um lugar paradisíaco para trabalhar, com grandes janelas rasgadas sobre o mar. Uma bela vista é, contudo, a única coisa agradável de que os juízes daquele tribunal desfrutam porque, no interior do edifício, as condições de trabalho são bastante adversas. Instalado provisoriamente naquele palacete há alguns anos, o Tribunal de Cascais aguarda desde 1950 o prometido Palácio da Justiça. O terreno para a sua construção existia já nessa altura, e os projectos têm vindo a suceder-se de então para cá. Recentemente, foi lançado um novo concurso, mas os trabalhadores do tribunal têm poucas esperanças de que desta vez o projecto seja finalmente concretizado.



Arquivos a rebentarem pelas costuras: um cenário comum a todos os tribunais

O seu principal problema nada tem de original relativamente ao outros tribunais, resumindo-se em três palavras: falta de espaço. Abrangendo uma área que vai de Carcavelos à Malveira da Serra e ao limite de Sintra, o Tribunal de Cascais conta normalmente com seis juízes, entre efectivos e auxiliares, onze delegados do Ministério Público e várias dezenas de funcionários.

A primeira tentativa para resolver a exiguidade do espaço foi feita através da divisão dos gabinetes com contraplacado, o que cedo se revelou insuficiente e, actualmente, há gabinetes onde chegam a trabalhar três juízes ao mesmo tempo. «Neste tribunal aparecem muitos casos de divórcio e de poder paternal, que são bastante íntimos e as pessoas são obrigadas a falar nos seus problemas em frente de estranhos», lamenta uma fonte ligada ao tribunal.

Esta questão põe-se não só durante as audiências preliminares, mas também no decorrer dos próprios julgamentos uma vez que, face à falta de salas de audiências, os juízes são obrigados a fazer julgamentos nos gabinetes a fim de não atrasar mais os processos, habitualmente pouco em dia.

Juízes resolvem 1500 processos por ano

Este atraso deve-se não só à falta de condições de trabalho, como também à grande quantidade de processos que todos os dias ali chegam. Na realidade, cada juiz tem, em média, cerca de 1500 processos a seu cargo, anualmente. A classe já vem reivindicando há vários anos o estabelecimento da contingentação de processos, não como solução definitiva, mas como forma de remediar o problema.

«A contingentação já foi estabelecida em vários países da Europa onde cada juiz não pode ter mais de 300 ou 400 processos por ano, ou seja, quatro a cinco vezes menos do que os portugueses», afirmou ao DL a mesma fonte.

Pior que os juízes estão os delegados do Ministério Público, que trabalham em

Continuação na pág. 4

COMENTÁRIO

Prodígios

A dignidade da Justiça. A celeridade da Justiça. O imperativo de Justiça. O segredo de Justiça. Os governantes continuam autorizados a proferir estas palavras como se a realidade não se contorcesse de despropósito. A investigação a que o DL procedeu revela manchas envergonhantes num mundo onde presumimos gravidade e que, afinal, nos suscita o riso incrédulo. É o mundo dos tribunais, relegado, em alguns casos, para as profundas de uma marginalidade que ofende os cidadãos, os magistrados e os funcionários, e é impensável num Estado moderno. A Justiça só não desce à categoria de simulacro porque há juízes e procuradores vocacionados para heróis.

O culto do heroísmo entre os magistrados e demais elementos da máquina judicial tem sido diligente e tradicionalmente estimulado pelo Ministério da Justiça. Mas não é essa, decerto, a sua vocação. Tão-pouco a de promover julgamentos à luz da vela, quais jantares românticos ao som de violinos, ou a de colocar os procuradores em espaços previstos para lojas, assim os expondo, com arguidos e testemunhas, à curiosidade pública — o respeito e a compaixão impedem-me de propor comparações com famosos comércios de carne que prosperam na Alemanha e na Bélgica.

Esta forma singular e perserverante de dignificação da Justiça é equitativa na partilha dos frutos, como convém. Aos magistrados reserva o quádruplo dos processos que lhes deveriam caber; aos arguidos vai ao esmero de propiciar violações. E a todos nós oferece o privilégio de, um dia, nos cruzarmos num eléctrico lisboeta, com o segredo viajando. O segredo que se perfila intransponível, como a lei postula, ante os jornais, sujeito a ser apalpado nas horas de ponta!

A transparência atingiu a perfeição, mercê do contraplacado que divide os gabinetes, da simbologia do cofre, da polivalência dos corredores que harmoniosamente albergam testemunhas e advogados. É a Justiça aberta: um toxicodependente em carência de droga e de dinheiro pode ir aviar-se no *self-service* do TIC de Lisboa; um rato à míngua de queijo sempre tem o recurso de ir petiscar uma deprecada ao tribunal de Cascais. É a Justiça limpa: os processos convivem, na arrecadação, com os detergentes, e a água das chuvas lava de pecados o depoimento do réu mais contumaz. É a Justiça lúdica: em Oeiras, simula *rallies paper* em intenção dos advogados que procuram descobrir a tempo em qual dos edifícios por onde se dilaceram as audiências terão que intervir.

É a Justiça inacreditável, de tão exigente: extrai de todos o suor e as lágrimas, preço da sua administração decente em condições tão adversas. Que, ainda assim, vença, é um prodígio de dedicação e alto sentido do dever, creditável aos magistrados e aos funcionários judiciais enredados num mundo implacável, apostado, dir-se-ia, em pô-los à prova. E a pôr à prova o ministro Laborinho Lúcio, que conhece bem as agruras de julgar. De julgar assim, reverte porventura a glória de não haver soçobrado, certamente o amargo sabor da retórica em que se esgotam, nestas circunstâncias, palavras tão nobres como dignidade e celeridade da Justiça.

João Paulo de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa , Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Sintra espera Palácio da Justiça há 30 anos

Um tribunal dividido por apartamentos

GRANDE ANGULAR

Anabela Loureiro

Se o edifício não estivesse identificado por fora, ninguém imaginaria que aqui funciona o tribunal de Sintra

O Tribunal Judicial da Comarca de Sintra funciona, desde 1979, num edifício concebido para habitação. Apesar de relativamente novas, as instalações são, como é bom de ver, totalmente inadequadas para as funções, especialmente se se tiver em conta que, exceptuando Lisboa, Porto e Coimbra, Sintra é o maior tribunal português.

Com cinco juízos nos quais trabalham cinco juízes efectivos, seis auxiliares e dois de círculo, este tribunal recebe diariamente mais de uma centena de pessoas, que se amontoam pelas escadas enquanto esperam a sua vez de serem ouvidas.

O acolhimento das testemunhas, arguídos e advogados é, aliás, um dos mais graves problemas com que se debate o tribunal de Sintra. «Se um dia algum arguído mais exaltado se lembra de empurrar as pessoas que estão no cimo das escadas, vem tudo por aí abaixo e acontece aqui uma catástrofe», disse ao «DL» um elemento do tribunal.

Sintra consegue, apesar de tudo, uma coisa rara nos tribunais da zona da Grande Lisboa: todos os juízes têm um gabinete individual, embora muito pequenos e sem qualquer dignidade. Em contrapartida, não possui um arquivo próprio, tendo que se socorrer das instalações do Tribunal de Instrução Criminal, situado em frente. «O arquivo é um verdadeiro caixote do lixo. É complicadíssimo encontrar um processo antigo e, quando os processos ultrapassam os 20 anos são destruídos», afirmou a mesma fonte.

Pneus e motas nos corredores

Os objectos apreendidos e as provas materiais, por seu turno, vão sendo arrumados nos corredores por falta de um armazém adequado. Os funcionários judiciais há muito vêm reivindicando que se accionem os mecanismos de venda ou destruição dos objectos que já não são necessários. No entanto, pouco tem sido feito neste, tornando-se vulgar encontrar pilhas de pneus, motociclos e bicicletas nos corredores do tribunal.

Em termos de falta de segurança, o tribunal de Sintra em nada fica a dever aos seus colegas da Grande Lisboa. Além de não ter qualquer polícia de serviço, o edifício tem várias janelas ao nível da rua, pelas quais é muito fácil penetrar. Mesmo dos andares mais altos, não é difícil saltar, embora tal nunca tenha acontecido.

A realização de julgamentos nos gabinetes dos juízes é, também aqui, uma prática comum. O facto de existirem apenas três salas de audiências para 13 juízes obriga a que isso aconteça, sob pena de a resolução dos cerca de 18 a 20 mil processos que ali dão entrada anualmente se atrasar ainda mais.

Esperançados numa pequena melhoria da situação assim que seja criado o Tribunal de Círculo - o que levará à extinção automática do quinto juízo - os magistrados de Sintra consideram que só a construção de um Palácio da Justiça poderá pôr cobro à situação de ruptura que ali se vive.

As promessas relativas a esta construção vêm-se arrastando desde 1960. Ao que parece, no início da década terá sido feito projecto de um edifício, não concretizado devido à recusa da câmara em ceder terrenos. Mais tarde, chegou a haver terreno e verba, mas nada foi feito.

«No último Orçamento de Estado, todas as localidades à volta de Lisboa tinham investimentos previstos na área da Justiça menos Sintra», lamenta um magistrado. Neste momento, as coisas parecem estar mais bem encaminhadas na medida em que a edilidade de Sintra e o Ministério da Justiça estão em negociações para a cedência de um novo terreno. Vejamos se é desta que se consegue quebrar uma tradição de trinta anos...

D.S.

Juízes e ratos partilham tribunal

continuação da pág. 3

grupo de três ou quatro em pequenos gabinetes no sótão. Esta situação leva a que os delegados não possam, muitas vezes, cumprir cabalmente as suas funções, tendo que as delegar na polícia local.

«Luxos» como uma sala de advogados, uma sala de testemunhas ou uma sala de espera são coisas em que os magistrados de Cascais nem pensam. As pessoas que recorrem ao tribunal são obrigadas a aguardar durante horas num pequeno *hall* de entrada e nas escadas e corredores.

Segurança é também coisa que não existe em Cascais. A entrada nas instalações do tribunal é totalmente livre e, fora das horas normais de funcionamento, as suas portas têm que ficar abertas para que as funcionárias da limpeza possam entrar. Só os tradicionais brandos costumes dos portugueses têm impedido o desaparecimento de processos. Mas há quem tenha outra explicação: «As pessoas não imaginam, sequer, que é tão fácil entrar aqui e roubar um processo, senão já teríamos tido alguns casos destes», ironiza um magistrado.

Apinhado - como é normal - o arquivo funciona na cave do palacete, com os consequentes problemas de humidade e bicharada. «A última aquisição do tribunal foi uma ratoeira para apanhar os ratos e impedir que roam os processos», conta um funcionário. A falta de espaço levou já a que o pequeno gabinete da telefonista fosse também transformado em arquivo.

No entender de alguns magistrados, muitas destas dificuldades poderiam ser resolvidas se os tribunais tivessem maior autonomia financeira. As suas receitas - que em alguns casos são bastante consideráveis - poderiam ser utilizadas em obras de beneficiação. No entanto, todo o dinheiro é canalizado para o Orçamento de Estado, do qual o Ministério da Justiça está totalmente dependente.

D.S.

ana

aeroportos e navegação aerea. ana - e.p.

AEROPORTO DE FARO

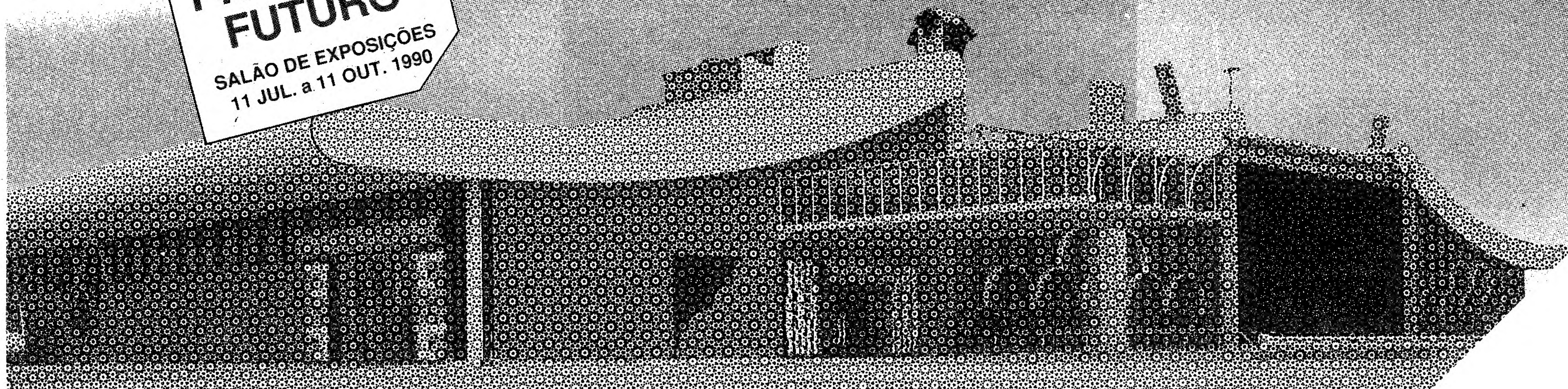
Há 25 anos, o potencial de uma região ímpar desperta para um maior número de pessoas. A inauguração do Aeroporto de Faro veio facilitar a abertura do Algarve ao mundo exterior, através de uma ligação aérea mais rápida. Paralelamente e em plena comunhão de interesses, o desenvolvimento e o progresso não se fizeram esperar. São efeito e causa, ao mesmo tempo, de um incremento que não pára e obriga a novas e mais arrojadas respostas a uma procura cada vez maior e mais exigente. Missão que desempenha dinâmicamente a ANA E.P., responsável pelo desenvolvimento e gestão do aeroporto de Faro a partir de 1978.
Novas e modernas infra-estruturas, incluindo uma aerogare, são já, em curto espaço de tempo, o resultado dessa dinâmica que teima em não parar. Por isso, o Plano de Desenvolvimento do Aeroporto permite soluções de adaptação aos desafios do futuro.

25° ANIVERSÁRIO

1965
1990

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION
AEROPORTO DE FARO
PASSADO
PRESENTE
FUTURO
SALÃO DE EXPOSIÇÕES
11 JUL. a 11 OUT. 1990

Boutique Criativa



POLÍTICA

Redução do Serviço Militar Obrigatório

Governo e generais fazem contas diferentes

O ministro da Defesa respondeu já aos militares que se têm lamentado dos custos da redução do Serviço Militar Obrigatório para quatro meses. Fernando Nogueira, acompanhado pelo Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, general Soares Carneiro, disse aos jornalistas que os custos da redução do SMO serão muito inferiores aos avançados pelo estudo preliminar realizado pelas Forças Armadas, se houver uma complementaridade com o sistema de voluntariado.

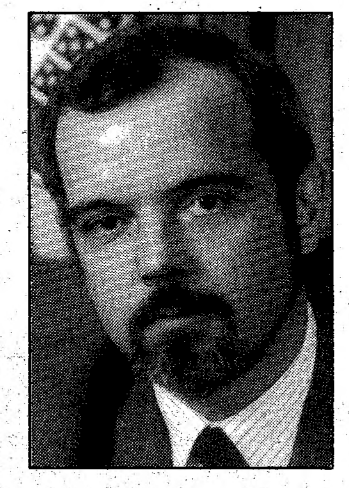
O ministro explicou que os custos da redução do SMO, desde que articulados com uma política de atracção de voluntários para as Forças Armadas, deverão rondar um terço das verbas indicadas pelas chefias militares.

O general Soares Carneiro sublinhou, por seu lado, que o estudo preliminar não abordava a questão da reestruturação e modernização das Forças Armadas, nomeadamente no que respeita à estrutura futura do sistema de forças permanentes, mas admitiu que, feita a articulação dos dois estudos, os custos sejam inferiores.

Fernando Nogueira sugeriu que uma das formas de atrair voluntários para as FA's consiste em dar-lhes formação profissional e disse aos jornalistas que « até Outubro» deverá ter prontos os estudos necessários para a fundamentação de medidas definitivas para a instituição castrense.

O ministro inaugurou, ontem, em Vila Real, as manobras militares integradas no exercício anual « Orion 90».

Redacção DL/LUSA



Fernando Nogueira

Televisão

Igreja Católica em dois andamentos

Em carta enviada a Cavaco Silva, a Igreja Católica mantém-se firme na recusa de entrar num concurso público para acesso à televisão, mas lembra «o direito que assiste aos cristãos de, organizados legalmente e como julgarem melhor, poderem e talvez deverem concorrer» e não exclui que, «observadas as normas canónicas, algumas instituições eclesiásticas de direito civil também se habilitem ao concurso».

«Ao reclamar o acesso a um espaço próprio de televisão, jamais a Igreja quis obter privilégios: de nenhum Governo ela está disposta a aceitá-los. Foi esse, aliás, o motivo básico pelo qual rejeitou o projecto de proposta legislativa, que lhe atribuía tempo de emissão em um dos novos canais a licenciar, solução considerada, desde logo, inconstitucional». No entender da Conferência Episcopal, «as dificuldades surgidas no processo de atribuição de um canal televisivo à Igreja não surpreenderam porque até eram previsíveis. Ficam a dever-se à interferência, não só de forças económicas e de política partidária, como também à acção eficaz de organizações que fomentam o laicismo na sociedade portuguesa e tradicionalmente se opõem à missão evangelizadora da Igreja».

Procurando esclarecer as intenções da instituição que representa, a Conferência Episcopal sublinha que «quando a Igreja pede maior acesso aos novos meios de comunicação social, nomeadamente à televisão, não o faz por desejo de poder ou por ganância de lucro».

Sobre a questão do acesso, a Igreja Católica refere que a proposta que estabelece a atribuição um espaço de duas horas no segundo canal da RTP, mediante concurso com outras confissões e seitas religiosas, da responsabilidade do PSD, «não corresponde ao direito que lhe assiste».

Embora não deixe de reconhecer o direito de acesso a outras confissões religiosas aos meios de comunicação públicos, a Igreja afirma na missiva enviada ao primeiro-ministro Cavaco Silva que «o acesso deve ter em conta a representatividade social de cada denominação». E acrescenta que «um concurso interconfessional só é de aceitar se for regulado por cláusulas que assegurem tratamento adequado a realidades socialmente diferentes».

Pequim responde a Melancia

O Governo chinês, num comunicado divulgado à agência Lusa pelo porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, afirma que « nunca teve nem tem intenção de interferir na administração diária de Macau».

É a primeira reacção oficial às acusações proferidas por Carlos Melancia, em Lisboa, sobre a «incontenção dos responsáveis da República Popular da China em apreciações sobre matérias que são apenas da responsabilidade do Governo português em Macau».

Estas afirmações do governador destinavam-se a Lou Ping, vice-director para o gabinete de Hong-Kong e Macau junto do Governo chinês e membro da comissão de redacção da Lei Básica de Macau.

Lou Ping criticou a presença de alguns monumentos, considerados «sinais de colonialismo que terão de desaparecer», e voltou a defender a posição chinesa ao recusar a hipótese da abertura de uma representação da Formosa em Macau.

A nota emitida pelo Governo chinês diz que estas declarações «não devem ser entendidas como uma acção indiscreta ou de crítica à vida administrativa de Macau».

Contra a corrupção

O governador Carlos Melancia, considera «imperativo» a criação, ainda durante a corrente sessão legislativa, do cargo de Alto Comissário contra a Corrupção.

Melancia anunciou as suas intenções após uma audiência com o Provedor-Geral de Justiça Adjunto, Luís Silveira, que se encontra no território para ultimar com a Assembleia Legislativa os preparativos para a criação do cargo. O responsável pelo Governo de Macau admitiu que o projecto já anda há alguns anos para ser aprovado, mas tem sido protelado por razões diversas.

O governador de Macau encontra-se de partida para Hong-Kong, para uma visita oficial a convite do seu homólogo da colónia britânica, destinada a retribuir a estada de David Wilson em Macau no ano passado.

LATI Liga dos Amigos da Terceira Idade

LIGA DOS AMIGOS DA TERCEIRA IDADE

CENTRO DE DIA — APOIO DOMICILIÁRIO — INTERNAMENTO
CENTRO DE ACTIVIDADES DE TEMPOS LIVRES — A.T.L.

SEDE: Rua Fialho de Almeida, 2 e 4 Telef. 2 26 31 2900 SETÚBAL
A.T.L.: Rua Júlio Diniz Telef. 7 33 70 2900 SETÚBAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 3 do Art.º 29.º dos Estatutos e alínea b) do n.º 1 do Regulamento Eleitoral, convoco a Assembleia Eleitoral para reunir no próximo dia 28 de Julho, das 14 horas às 19 horas, na Sede da Associação, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Eleição dos Corpos Gerentes
• As listas deverão ser apresentadas até ao dia 18 de Julho.
• Os Cadernos Eleitorais estarão afixados na Sede da Associação, onde poderão ser consultados.

Setúbal, 5 de Julho de 1990

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
A. CÂNDIDO CASIMIRO

EDITORIAL

Carta do director do «DL» a si próprio

continuação da pág.1

titule «Carta do director do «DL» a si próprio, acerca da excelência dos tribunais», com licença para cortar se imperativos de paginação a tanto obrigarem. Se os casos aqui descritos se verificassem com um leitor do jornal (entenda-se: leitor não jornalista), é possível que lhe tivesse ocorrido escrever ao director, com pedido de publicação. Neste caso, o director resolveu escrever a si próprio.

Tribunal criminal. Fui convocado, a contra-gosto, sem qualquer espécie de consulta prévia (a que a lei, de resto, não obriga), como testemunha de defesa num julgamento de escândalos. A convocação baseava-se (conforme verifiquei à posteriori) na publicação, no «Diário de Lisboa», de uma sondagem motivada por um parecer do Conselho de Imprensa, entretanto extinto, acerca de questões relacionadas com o caso em apreço. O interrogatório a que fui submetido destinava-se a recolher a minha interpretação da sondagem e de outros problemas relacionados com a Comunicação Social, designadamente os conflitos possiveis entre o direito à informação e o direito à protecção da vida privada.

Até aqui, nada de especial a anotar: são malhas que o império (da lei) nos tece. O que levou o cidadão Mário Mesquita a pedir ao director do «DL» que divulgasse este desabafo foi a suprema honra que lhe estava reservada. Concretamente: só por acaso não dei entrada na Boa-Hora sob a amável escolta de três guardas da PSP que, bem informados acerca da hora a que se inicia o meu dia de trabalho, me aguardavam, diligentemente, à porta do «Diário de Lisboa», desde as 8 horas da manhã, para perplexidade da vizinhança mais atenta e do senhor João Maria, funcionário de serviço à portaria do nosso jornal.

De tamanha distinção e tão ridículo espectáculo não me julgava merecedor. Completamente alheio à questão em julgamento, ouvido apenas em função da minha experiência no domínio da Comunicação Social, acabei por ter o tratamento policial que não foi dado a personalidades relevantes da vida nacional - nem todas protegidas pelas imunidades parlamentares - que, segundo é voz corrente, de audiência em audiência, foram adiando a sua comparência no banco dos réus, sem que a diligente polícia os localizasse, certamente por desconhecer onde moram ou talvez porque trabalhem em local incerto.

Narrados os factos, cumpre-me prevenir o leitor contra a irremediável subjectividade do testemunho: possivelmente tudo isto é hipersensibilidade minha e, por essa Europa da CEE, os directores de jornais são, frequentemente, conduzidos sob escolta policial a fim de explicarem aos juízes as sondagens que os respectivos jornais publicam e debitarem opiniões supostamente abalizadas em matéria de Comunicação Social.

Os juristas vão sorrir da minha ingenuidade, quando se sabe que tudo isto a mais não corresponde do que às banais atribulações dos portugueses em Portugal, que têm sobre mim a desvantagem de não lhes bastar escreverem a si próprios para publicarem o artigo na primeira página. Ou seja, num país de instituições democráticas permanecem os gestos e as atitudes características de uma cultura política não democrática, para não dizer autoritária; onde o pronto socorro à polícia, por *dá lá aquela palha*, é um reflexo condicionado. Mas há qualquer coisa do *antigamente* que resta, traduzido em gestos, interrogatórios e apelos às forças da ordem. Qualquer coisa que resta e que, em meu subjectivíssimo entendimento, tende, nos últimos tempos, a reforçar-se ou a (re)emergir com naturalidade. Oxalá me engane.

Em qualquer caso, o que não temos é que ouvir e calar, ou seja, habituarmo-nos, tranquilamente, à injustiça quotidiana, aceitando como regra comportamentos que nem a título excepcional seriam admissíveis.

M.M.

I Forum Euro-Latino-Americano

Soares solidário com América Latina

S. Paulo, especial para o «DL»

«Os compromissos assumidos pela Europa Comunitária para com as novas democracias de Leste nunca nos farão esquecer aqueles povos, da América Latina e da África, que comungam connosco de uma mesma língua e dos valores culturais forjados numa convivência secular» - afirmou esta manhã o Presidente da República, Mário Soares, numa mensagem lida em São Paulo (Brasil) na abertura do I Fórum Euro-Latino-Americano.

Subordinado ao tema «A Europa nos Anos 90 e as Opções Latino-Americanas», este fórum é organizado pelo Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (Lisboa) e pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, uma das mais fortes organizações empresariais do Brasil.

A democratização da Europa e da América Latina, as transformações nas relações Leste-Oeste, o alargamento das Comunidades Europeias a Sul, a construção do grande mercado europeu de 1993 e os actuais planos de reforma económica na América Latina são as motivações de um debate que reúne representantes de diversos países latino-americanos, responsáveis da CEE e também personalidades portuguesas, caso do secretário de Estado da Integração Europeia, Victor Martins.

Mário Soares foi convidado a participar neste Fórum, mas por causas de «sobrecarregada», como teve ocasião de justificar, não compareceu, enviando, contudo, uma «mensagem de solidariedade e de estímulo». Depois de historiador a mais recente evolução europeia refere a «subversão democrática» que o mundo tem vindo a conhecer nos últimos anos. «Com a instauração de democracias na quase totalidade dos países da América Latina - e aqui o Brasil aparece entre os primeiros - contaminou o núcleo mais resistente do mundo totalitário formado pelos países da Europa Oriental», lia-se na mensagem.

Realçando a «tendência da Comunidade Europeia dos 12 para uma crescente unidade política e económica, o Presidnte da República acentuou «diálogo profícuo com a outra Europa». Este é já, reconhecimente, uma prioridade comuitária, daí que se compreendam as reservas que muitos latino-americanos colocam ao desenvolvimento das relações dos seus países com a CEE:

Contudo, garante Mário Soares, «a Europa dos 12 não será uma fortaleza fechada sobre si mesma». A noção de interdependência impõe maior cooperação internacional e os interesses portugueses no seio da CEE também se conjugam com um estreitar de ligações com países onde se fala o português, casos dos PALOP ou do Brasil.

No Brasil e de um modo geral na América Latina, como refere Mário Soares, «há estrangulamentos de ordem financeira que urge suplantar e que isso só será possível através de soluções imaginativas que passem pela diminuição substancial desse insuportável fardo que é a dívida externa». Segundo ele, «Portugal tem sempre defendido - e eu pessoalmente o tenho feito, nos encontros com os mais altos responsáveis dos estados credores - que a actual situação é insustentável, uma vez que priva as novas democracias latino-americanas dos meios indispensáveis para fazerem face aos anseios legítimos de populações, para quem a democracia e liberdade dverão ser sinónimo de progresso e bem-estar».

Depois destas palavras, lidas pelo director do IEEI, Álvaro de Vasconcelos, estão previstas as intervenções de Abel Matutes, membro da Comissão das Comunidades, Victor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia, e Francisco Rezec, ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil.

Francisco Pinto Balsemão integra a delegação portuguesa, presente aqui em São Paulo, à hora do fecho desta edição preparava-se para presidir a um painel que vai discutir as mudanças no Leste e a reorganização do sistema internacional. Ao fim e ao cabo, o quadro que tantas reservas cria ao desenvolvimento dos laços latino-americanos. Ontem, pelo que teve oportunidade de nos afirmar durante um jantar em que foi assinado um protocolo que institui a continuidade deste Fórum, manteve contactos com várias cadeias de televisão brasileira. Balsemão pretende estudar a possibilidade de estabelecer eventuais acordos entre o seu grupo SIC (candidato à televisão privada) e alguma das cadeias brasileiras. Neste sentido, na sexta-feira, encontra-se ao jantar com Roberto Marinho, o patrão da TV Globo.

António José Teixeira

Organizações juvenis querem menos Governo no CCJ

Quatro organizações pertencentes ao Conselho Consultivo da Juventude (Interjovem /CGTP-IN, JCP, JRD e JS) acusaram ontem, em conferência de Imprensa o Governo, e em concreto o Ministério da Juventude de instrumentalizar aquele órgão.

Durante o atribulado encontro com os jornalistas, realizado na Estrada das Laranjeiras, em virtude da recusa do ministro em autorizar a conferência nos jardins do Palácio, os representantes daquelas organizações defenderam alterações profundas na composição e no funcionamento do CCJ.

Hoje mesmo realiza-se a uma reunião do Conselho no decorrer da qual estas organizações vão discutir com os responsáveis da tutela o associativismo juvenil, e uma proposta da Interjovem sobre a inserção dos jovens na vida activa.

«Ao criar o Conselho Consultivo da Juventude, o Governo definiu-o como um órgão de consulta do responsável pela área da Juventude. Verifica-se no entanto, a tomada de decisões por parte do Executivo sobre matérias de interesse para os jovens (de que a redução do período de prestação deSserviço Militar Obragatório é o último exemplo) sem a audição prévia do CCJ», refere um comunicado conjunto.

A representante da Interjovem afirmou que os jovens ligados a esta organização se recusam integrar uma «instituição de fachada».

Falando em nome das «Juventudes» presentes, Maria da Luz disse ainda que estas pretendem desencadear um processo de renovação no interior do CCJ, nomeadamente, propor a diminuição do número de representantes do Governo e alargar o CCJ à participação de outros organismos juvenis.

Segundo Amélia Pardal, da Juventude Comunista Portuguesa é necessário acabar com situações no CCJ como a que se verificou quando da apresentação de um ponto sobre a objectores de consciência. Aquela dirigente acusou a JSD de ter aproveitado o espaço do CCJ para divulgar as suas iniciativas pois «os jovens sociais-democratas entregaram o projecto sobre objectores na Assembleia da República antes de o CCJ se pronunciar».

O Executivo também não escapou às críticas:«a JSD fez esta apresentação com a conivência do Governo», concluiu aquela dirigente.

MUNICÍPIO DE LISBOA

ANÚNCIO N.º 58/90

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE AZULEJOS, CIMENTO, LAVATÓRIOS, MOSAICOS E SANITAS

1 — O concurso público é promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Municipal de Construção e Conservação de Edifícios, Rua da Palma, 169 — 3.º — 1100 Lisboa. Telefone 878012

2 — Concurso público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86 de 18 de Agosto.

3 — Concurso público para o fornecimento de azulejos, cimentos, lavatórios, mosaicos e sanitas.

4 — a) O programa de concurso e caderno de encargos podem ser consultados no Departamento de Conservaçãao de Edifícios, sito na Rua Correia Teles, 103-A, 1300 Lisboa e no Departamento de Administração Geral — Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal, sito na Avenida 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa, durante as horas de expediente;

b) Podem ser solicitadas cópias ao Departamento de Conservação de Edifícios, Rua Correia Teles, n.º 103-A, até oito dias antes do termo do prazo limite para a entrega das propostas, mediante o pagamento de 540$00 acrescidos de 17% de IVA.

5 — a) As propostas deverão ser apresentadas até às 17 horas e 30 minutos do 20.º dia contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário da República;

b) A sua entrega far-se-á na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal do Departamento de Administração Geral, sito na Avenida 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa;

c) As propostas deverão ser redigidas em português e não incluirão o IVA.

6 — a) Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito;

b) O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 5, alínea b), a partir das 14 horas do dia útil seguinte ao da data limite para a entrega das propostas;

c) A caução é de 5% do valor total da adjudicação, a prestar no prazo de 10 dias, após a data da recepção da comunicação da adjudicação do fornecimento;

d) O prazo de validade das propostas é de 90 dias.

7 — A adjudicação será feita à proposta considerada mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios:

1.º — Qualidade
2.º — Preço
3.º — Prazo de entrega

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/06/28

O Vereador

(A. Anselmo Aníbal)

AGORA
A LOTARIA NACIONAL
DÁ MAIS PRÉMIOS
HABILITE-SE JÁ

DIA 13 ANDA A RODA

A Assembleia da República vai autorizar o Governo a inovar no arrendamento urbano introduzindo o regime de contratos a termo certo, vulgo contratos a prazo. Esperam-se outras alterações, no entanto, vinculadas às regras básicas em vigor para a transmissão do arrendamento ao conjuge sobrevivo e aos descendentes directos

O cheque condicionado

O pedido de autorização legislativa para alterar o regime do arrendamento urbano, ontem discutido no Parlamento, foi apresentado aos deputados como se o Governo lhes exigisse a assinatura num cheque em branco.

De concreto e tal como já tinha sido publicamente divulgado, o Governo apenas pediu à Assembleia da República «liberdade de estipular limites certos à duração efectiva dos arrendamentos futuros», tendo o ministro das Obras Públicas especificado que também se pretende conceder aos senhorios o direito de opção no trespasse de estabelecimentos comerciais.

O mais era um não muito claro desejo de celeridade processual, ou de «mecanismos expeditos», para a rescisão de contratos pela via judicial ainda que, sublinhava o articulado do pedido de autorização legislativa, «sem afectar o exercício do direito de defesa dos arrendatários».

Uma alínea do diploma despertou mesmo declaradas suspeitas da Oposição, para além do facto insólito de não ir acompanhado do projecto de decreto-lei, sobre o qual «já existem pareceres publicados em revistas da especialidade», ao que garantiu Rui Silva, do PRD. Diz a alínea b) que o Governo fica autorizado «a simplificar os regimes relativos à formação, às vicissitudes e à cessação do respectivo contrato, de modo a facilitar o funcionamento do instituto de arrendamento urbano».

A alínea suspeita que «permite tudo»

«O enunciado dessa alínea permite ao Governo tudo», advertiu, em nome do Partido Comunista, a deputada Odete Santos. Esse «tudo» seria, nomeadamente: alterar o Código Civil no que toca ao arrendamento urbano; facilitar os despejos; alterar as regras da transmissão de arrendamento; aumentar as rendas nos casos de transmissão; alterar as indemnizações por mora do locador e até o regime da denúncia de arrendamento, alargando-lhe o leque de possibilidades.

O presidente da bancada do PSD pareceu compreender a razão de tais receios e preocupações: com uma recomendação ao Governo, sob a forma de aditamento ao articulado do diploma, Montalvão Machado condicionou o futuro decreto-lei ao respeito pelas regras previstas na lei nº 46/85 quanto à transmissão do contrato de arrendamento urbano.

Assim, a legislação a publicar no prazo concedido pelo Parlamento, 180 dias, deverá preservar a transmissão do arrendamento, por morte do arrendatário, aos descendentes até 25 anos de idade (a partir daí faz-se novo arrendamento com actualização da renda) e ao cônjuge sobrevivo, inclusivé nas uniões de facto há mais de cinco anos.

O ministro Ferreira de Amaral garantiu ao DL, no final da discussão, que o Governo não tencionava modificar estas condições de transmissão do contrato por morte. No entanto, a recomendação do Grupo Parlamentar do PSD dissipou os focos mais vivos de dúvidas e suspeição, adiando ainda a votação para uma sessão posterior, provavelmente amanhã ou depois.

Semana de saldos e «contrabando»

Já soavam as badaladas da meia-noite, na torre dos campanários, quando os representantes do Governo, da Situação e da Oposição debandaram em boa ordem, espíritos mais sossegados e prontos a avaliar o estado da Justiça em Portugal. Essa é tarefa reservada para todo o dia de hoje e encomendou-a o PRD ao Governo e ao Parlamento.

O programa é «non-stop», de manhã, de tarde e à noite, tal como está previsto para amanhã, com as provas específicas ao aproveitamento anual do Governo, cuja política o Partido Socialista se propõe avaliar, em debate para o efeito agendado.

Sexta-feira, o plenário da Assembleia da República encerra para férias, depois de votar a lei da televisão, a lei de bases da Saúde, o regime de referendo, os estatutos dos Açores e da Madeira e o direito de petição. Isto se a Comissão especializada, que está a passar os diplomas a pente fino, despachar tal empreitada a tempo.

Diplomas mais miúdos vão sendo, entretanto, despachados «a trote, a galope e aos pulos», como glosou, ao seu jeito, o «regressado» José Magalhães. Talvez assim passe na malha algum «contrabando legislativo» (sic). Mas não há-de ser nada: é só o preço a pagar por uma semana de saldos parlamentares, à beira do encerramento da loja para férias.

D.R.

COMENTÁRIO

Bons negócios

Em semana de saldos parlamentares, fizeram-se ontem bons negócios em S. Bento: o Partido Comunista, o empresário Belmiro de Azevedo, a Região Autónoma dos Açores e os senhorios foram os grandes beneficiados, mas até os professores primários e educadores de infância receberam o bónus da equiparação do seu grau académico a bacharel.

O Partido Comunista, esse fez mesmo um óptimo negócio à sombra da Alta Autoridade. Não alinhou no negócio proposto de véspera pelo PS, para apoiar dois «independentes» em lista conjunta da oposição, e acabou por eleger um seu dirigente-funcionário, José Garibaldi: são 400 e tal contos de salário que, como é uso no PCP, reverterão na maior parte para os cofres do partido. O PS teve de contentar-se com um elemento na Alta Autoridade e o PSD elegeu os restantes três representantes do Parlamento.

O presidente da Sonae, através de benefícios fiscais aos lucros das «holdings», deve ter beneficiado de uns cem mil contos por conta dos lucros do exercício do ano passado. Bem os justificou pela forma como se bateu junto do Governo. Quanto aos senhorios, os lucros não são imediatos e passam pela autorização de contratos de arrendamento a prazo.

Finalmente, os Açores foram autorizados a contrair um empréstimo externo de sete milhões de contos para investimentos.

Daniel Reis

Em suma: o Parlamento não está a desiludir quem esperava benefícios acrescidos da presente vertigem legislativa. E na sexta-feira há mais, com a Guiné-Bissau a levar a parte de leão, no último acto da terceira sessão da V Legislatura.

BOCA DE CENA

Cem mil contos rendeu a sessão

Belmiro de Azevedo já pode realizar a Assembleia Geral da Soane Investimentos, a holding do seu grupo económico, que tem vindo a ser adiada desde Março passado. Essa AG deveria distribuir os dividendos relativos aos resultados de 1989 mas o presidente da Sonae fê-la depender da legislação que o Parlamento ontem aprovou, de afogadilho, entre os saldos legislativos do ano.

Tratou-se de um pedido de autorização para o Governo decretar benefícios fiscais às sociedades gestoras de participações sociais e às sociedades sujeitas ao regime de tributação pelo lucro consolidado. A autorização foi aprovada por maioria, com os votos contra do Partido Comunista.

Traduzindo em miúdos e pelas contas do deputado comunista Octávio Teixeira, a sessão terá rendido, por esta forma, a Belmiro de Azevedo cerca de 100 mil contos, o equivalente aos impostos que o líder da Sonae deixará, pessoalmente, de pagar ao fisco.

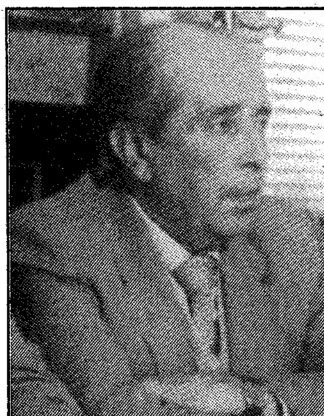
A autorização é aplicável, obviamente, a todas as «holdings», em condições semelhantes; mas quem efectivamente tem conduzido esta guerra -«sensibilização do Governo», na expressão usada pelo próprio Belmiro de Azevedo em delarações à Imprensa- é o presidente da Sonae. Logo que o Governo use esta autorização legislativa, as sociedades gestoras de capitais passam a ser excluídas do regime do imposto sobre sucessões e doações por avença de acções nominativas ou equiparadas.

O deputado socialista Domingues Azevedo, autor do relatório da Comissão de Economia e Finanças, considerou como «não justificado» o artigo do Código do IRC que vai ser eliminado. Isto porque «consubstancia inequivocamente uma dupla tributação em 5% dos mencionados rendimentos».

A carta a Montalvão, altíssimo dirigente

Instado pelo chefe da sua bancada a fazer um discurso «sobre o estado da República em matéria de Serviços de Informações» e tendo para isso disponíveis, somente, os cinco minutos da praxe regimental, o deputado José Magalhães gastou o tempo a ler uma carta dirigida ao presidente do «mais nutrido e volumoso grupo parlamentar da Assembleia da República», ou seja, ao deputado Mário Júlio Montalvão Machado.

Isto porque o líder da bancada do PSD acumula com a presidência do Conselho de Fiscalização dos Serviços de Informações, para além de ser, no dizer de Magalhães «altíssimo dirigente do partido que governa e legisla e que vai brandindo, ritmadamente, a maioria absoluta».



Montalvão Machado

José Magalhães

O histórico não ao Santo Canal

Sendo isto tudo, Montalvão Machado é suposto gozar de poderes excepcionais na área governamental, o que o deputado comunista reconheceu, aliás, ao dizer-lhe que «a uma palavra de V. Exª se levanta o Frankenstein da Alta Autoridade Contra a Comunicação Social e o seu histórico não ao Santo Canal fez pecar de raiva o engenheiro Magalhães Crespo e empalidecer a face contida do sr. Cardeal Patriarca».

Mas nem esses poderes todos permitiram a Montalvão Machado, «durante três anos, obter uma cadeira, um cofre e 20 dossiers para o Conselho de Fiscalização dos Serviços de Informações, que tão altas responsabilidades tem no controle do sistema».

«Entre 1986 e fins de 1989», insistiu Magalhães, «andou o Conselho, qual Fernão Mendes Pinto, em busca de cofres, salas, pastas, cadeiras e demais condições de labuta». O presidente do Parlamento respondeu-lhe, continuando a citar, que «quanto a instalações e depois de uma exaustiva procura, não foi possível encontrá-las na Assembleia da República, ou mesmo noutros locais distantes, em condições adequadas, designadamente em matéria de segurança».

Três anos a fio em busca dos papéis

Foram três anos a fio «de burocracias e escolhos em busca dos papéis, de diálogos sem êxito com o sr. primeiro-ministro». Deles resultaram dois relatórios subscritos por Montalvão Machado e que a Assembleia, ritualmente, apreciou, discutiu e votou.

O relatório apresentado em 1988 versava os anos de 86 e 87; o lido ontem debruçava-se sobre os anos de 1988 e 1989 e somava, por grosso, «oito páginas dactilografadas, ou seja, em média, quatro páginas por ano», segundo as contas comentadas de José Magalhães. Dele se apura, como única coisa certa, que «é clamorosa a fragilidade do sistema de fiscalização» o que não é «uma biografia exaltante para um orgão fiscalizador», ainda segundo o deputado comunista.

«Pessoalmente diria até -concluiu ele- que é uma biografia inquietante, onde avultam as acções sem marcas nem vestígios como, por exemplo, o das escutas telefónicas».

Jorge Lacão

Funda inquietação pelas «secretas»

A segurança interna e a actividade dos respetivos serviços, em contraponto à impossibilidade prática de o Parlamento os controlar, suscitou fundas reservas da Oposição e delas se ocupou o Parlamento na manhã de ontem. O essencial fora, entretanto, dito pelo secretário-geral do Partido Socialista, Jorge Sampaio, tendo-lhe a edição de ontem do DL dado o competente destaque.

Como rescaldo do debate sobraram uma proposta de audição parlamentar aos ministros, individualidades e serviços com responsabilidades nesta área, apresentada pelo PS, e um projecto de deliberação do PCP para encarregar a Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias da adopção de medidas necessárias à concretização das recomendações do relatório de Montalvão Machado.

O Partido Comunista entende que se deve «por termo à ilegalidade de acumulação de competências, em detrimento do quadro tripartido legalmente estabelecido», e assegurar «a efectiva protecção dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos».

FORUM

Ponto de vista internacional

por Pedro Palma

O DIREITO AO PASSEIO

Os movimentos ecologistas têm vindo a alertar a opinião internacional para as grandes e graves questões que ameaçam o futuro do planeta - desde as chuvas ácidas ao buraco do ozono, passando pelo perigo nuclear e pelas marés negras. E de fenómenos verdadeiramente *devastadores* que se vêm ocupando e é bom que o façam. Os seus alertas acabam por pressionar os poderes políticos e económicos e vão criando na opinião pública uma consciência crescente da necessidade de salvar o ambiente.

Mas «salvar o ambiente» não se esgota na defesa da paisagem e da natureza - ou do que dela resta e se pode manter ou reabilitar. Uma proporção cada vez maior da população mundial vive em meio urbano - e sobre esta «urbanização» da vida humana pouco nos têm falado os ecologistas. Ora a degradação ambiental nas cidades é produzida por factores específicos e tem de ser combatida, muitas vezes, a escalas que habitualmente são desprezadas nos debates sobre estas questões.

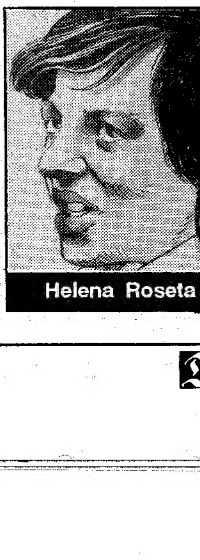
Cada vez estou mais convencida de que a *qualidade do embiente urbano depende muito de detalhes* cuja inexistência ou ignorância acaba por complicar a vida a toda a gente. Como numa casa, a desordem suporta-se em níveis limitados, a partir dos quais rapidamente se transforma em desleixo para acabar em degradação. Assim também na cidade: se não houver uma vigilante *intendência* ao nível do pequeno pormenor, depressa se instala um estado de abandono que visualmente se transmite como cidade cuja, confusa, complicada para quem nela tenha viver e circular.

Um bairro, uma rua ou uma praça podem ser vistos como *espaços que o corpo habita*. E o corpo tem características que não mudam com a altura ou idade dos prédios, ou com a quantidade de automóveis em circulação. Uma delas é a distância que se pode fazer sem esforço a pé, equivalente, segundo estudos de especialistas, ao «ten minutes walking» de que fala Léon Krier, assessor do príncipe Carlos e principal instigador do debate sobre a arquitectura nos «média» londrinos. Um percurso de dez minutos, sem escadas, é segundo parece compatível com todas as idades, permite levar crianças pela mão e encaixa-se no que é razoável em termos de compras, recados ou diligências que tenham de fazer-se todos os dias.

A reintrodução desta regra simples, do «passeio de dez minutos», no ordenamento das diferentes zonas da cidade contribuiria decerto para lhe restituir aquela escala humana vertiginosamente perdida nos últimos vinte anos. Por isso nos sentimos tão desfasados nas deambulações quantas vezes absurdas que somos obrigados a fazer, sem qualquer prazer que nos compense das muitas agressões a que a cidade nos submete. Os tais *«dez minutos a pé»* exigem porém que o percurso seja agradável de fazer: que haja montras ou zonas sombreadas e protegidas da chuva, que não haja grandes subidas ou descidas, que não seja necessário cruzar vias perigosas, em suma que passsear possa ser uma actividade natural e não um constante sobressalto.

Olhemos porém para a nossa cidade: aqui, tentar passear é já uma verdadeira tourada, cheia de passes perigosos, pegas de caras, faenas e colhidas de morte. A tradicional calçada à portuguesa está irreconhecível em grandes extensões. Os passeios estão reduzidos aos *espaços intersticiais* que «sobraram» da «invasão dos bárbaros» (leia-se, do estacionamento selvagem). Mas nem só os carros nos tolhem o passo: por todo o lado, deparamos com tapumes de obra que transbordam sobre a rua, entulho diverso, grades de refrigerantes e tudo o mais que se quiser, volumosamente desconcertante. E que dizer de um tal M. Pereira da Costa, empreiteiro de quase todos os buracos da cidade, que os abre nos momentos mais imprevisíveis e os deixa a céu aberto semanas a fio? Misteriosas são as programações de tais obras que apenas ostentam a tabuleta de quem as faz, no mais absoluto desprezo por um público que nada entende e que vai ruminando em silêncio os transtornos que tudo isto lhe causa, sabe-se lá por alma de quem.

De modo que talvez devêssemos começar pelo mais simples, se queremos humanizar Lisboa - e permitam-me que defenda femininamente esta escala do pormenor. Instauremos o comezinho *direito ao passeio*. Demos-lhe prioridade sobre as necessidades de estacionamento, descarga de lixo, localização de estaleiro ou armazém. Estudemos para estas, bairro a bairro e rua a rua, soluções que não ignorem o tal «direito ao passeio». Rebaixemos as bermas para facilitar a passagem de cadeiras de rodas e carrinhos de bébé nos atravessamentos. Acautelemos uma boa demarcação no solo sempre que haja árvores, «placards» ou postes, por forma a que não agridam invisuais; valorizemos atitudes de civismo e interajuda como ajudar a atravessar, parar nas passadeiras quando somos nós que conduzimos e prestar informação a quem a pede. Inventemos bancos onde houver uma sombra a pedi-los e abrigos onde o clima o exigir. Enfim: que as juntas de freguesia possam ter meios logísticos para vigiar pelo estado ds calçadas e acudir aos buracos mais prementes. O respeito por esta necessidade básica, simples e saudável que é passear um pouco não resolverá por certo os magnos problemas da cidade. Mas restaurar o hábito do *«passeio higiénico»*, no sentido mais global do termo, não será uma boa aposta para devolver Lisboa aos lisboetas?



Helena Roseta

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Fernando Reboredo Seabra:

(...)Em 4 anos e meio, e primacialmente, nos últimos meses, Belém, assumindo-se como o mínimo divisor do PSD, apropria-se de parte da sede do poder. Conseguiu, desejando-o, ser a síntese dos principais poderes políticos e dos principais agentes e actores políticos.

O problema é que esta síntese era politicamente saudável em períodos de acalmia do poder, mas é politicamente conflituante em momentos de disputa sobre a própria concepção do poder e, até, das concepções tradicionais de soberania de um Estado.

Por isso é que as Presidências Abertas, as respectivas sínteses e os discursos sobre os vários «estados da nação», sendo atractivas, devem ser entendidas.

São procissões de personalidades, «uniões» quase nacionais, acções procuradamente populares, saudações sentidas (como foi a do professor César de Oliveira na sua sacrificada terra natal!) e saudações sem sentido, preocupações próprias e partilhadas e preocupações de «outras entidades», quer partidárias, quer económicas, quer sociais.(...)

10.Jul.90

PÚBLICO

Do editorial de José Manuel Fernandes:

(...) À Alta Autoridade caberá também pronunciar-se sobre o processo de concessão das novas televisões privadas. O Governo - qualquer Governo - não poderá licenciar um novo canal de televisão sem a sua aprovação.

Ora se no anterior processo de licenciamento das rádios ainda se ensaiou um simulacro de independência - não era a maioria que nomeava directamente grande parte dos membros da comissão consultiva - agora não assistimos a qualquer esforço de disfarçar a governamentalização. E se no anterior processo aconteceu o que aconteceu, têm razão os que temem o pior relativamente à atraibuição dos novos canais de televisão privados.(...).

10.Jul.90

CAPITAL

De um artigo de António Sales:

(...) Foi uma bela ideia a dos novos facistas terem escolhido o nosso cantinho para a sua reunião, porque nos ajudaram a relembrar que existem fascistas, pois à medida que o tempo vai passando e as gerações se vão sucedendo a tendência é para esquecê-los Obrigadinho é Le Pen, por essa ajuda de memória que nos deste, pis até ficámos a saber que a Força Nacional-Nova Monarquia (FN-NM) é a nossa ultra-direita e está mesmo disposta a avançar como partido e não é uma macacada qualquer porque M. Le Pen não só o recebeu como jantou com o líder Miguel Castelo Branco.

Em segundo lugar passámos a saber neste País periférico, bem tranquilo e algo distraído, que essa tal direita de que ouve falar é cada vez menos uma coisa desgarrada, obra de uns quantos saudosistas do passado que criam uns grupinhos para honra própria, mas cada vez mais uma força organizada que se reúne não tanto para ver o mar mas sobretudo para debater problemas e estabelecer estratégias comuns.(...)

10.Jul.90

o Diabo

De um artigo de Alberto João Jardim:

(...)Não posso deixar de me declarar desagradavelmente surpreendido com o impasse a que chegaram os contactos que vinham decorrendo entre o representante da Rádio Renascença e o líder parlamentar social-democrata no parlamento da República. Como outros conflitos igualmente me desagradaram, já que eu próprio, tantas vezes, nas funções públicas que exerço, engulo sapos vivos para os evitr ou não os agigantar, e faço-o conscientemente numa perspectiva de Interesse Nacional.

No tal tom sincero que muitos políticos e jornalistas me detestam, costumo dizer que, em Portugal, há três Instituições identificadas com o Ser Nacional, por isso acima das conjunturas políticas ou das perspectivas de momento - são a Igreja Cat'olica, as Forças Armadas e a Universidade.

Ai dos políticos que não as respeitem convenientemente! É porque as coisas são como a realidade manda, e a realidade não é o que se concebe subjectivamente.(...)

10.Jul.90

Primeira greve política na URSS

Mineiros pedem demissão do Governo

Os mineiros soviéticos observam hoje uma greve de 24 horas,como forma de protesto contra o malogro do Governo em melhorar as suas condições de vida e garantir os abastecimentos alimentares. Esta greve não deixa , no entanto, de afirmar uma contestação política clara, dirigida aos sectores conservadores do partido e à incapacidade do Governo de Rizhkov de concretizar as reformas prometidas no âmbito dos acordos estabelecidos entre os mineiros e o governo em 1989 .

«A reacção exije de Gorbachev que ele renuncie às reformas democráticas na sociedade», protestam os mineiros decididos a levar a efeito a primeira greve política na URSS. Entre as reivindicações dos grevistas inclui-se a demissão do Governo, a revisão da constituição da URSS, o estabelecimento de um novo tratado da União e a despolitização das forças armadas, do KGB e de outros organismos de segurança.

«As nossas exigências no que diz respeito à nacionalização da propriedade do PCUS e à separação entre o partido e os órgãos do Estado exprimissem surgem no momento em que os reacionários reforçam o seu controlo sobre o partido e os generais. Esta tendência manisfestou-se claramente no congresso constituitivo do PC da Federação Russa e durante o 28º congresso do PCUS», concluem os mineiros.

Esta manhã ainda eram desconhecidos os níveis de adesão a esta greve. No entanto, as votações prévias organizadas em cada mina apontavam para uma forte mobilização dos trabalhadores. A união dos mineiros à volta deste protesto só terá sido possível alcançar durante a última semana visto que, anteriormente, o movimento se encontrava divido entre os mineiros do Kouzbass e do Donbass, nomeadamente no que diz respeito à forma de luta a adoptar.

Nacionalismos em discussão

O presidente soviético, Mikail Gorbachev, anunciou que as negociações com a Lituânia sobre a independência estão prestes a começar. Numa entrevista concedida à Rádio Moscovo, Gorbachev adiantou que «não estava à espera que as negociações se revelassem fáceis. A procura de soluções mutuamente aceitáveis não será simples».

Entretanto em Vilna, capital da Lituânia, os deputados locais ainda não chegaram a um entendimento quanto à composição da comissão encarregada de preparar as conversações com Moscovo sobre a soberania daquela república. Ao apresentar o projecto de criação da comissão, o presidente da Lituânia sublinhou que não se tratava de uma delegação para manter negociações, mas sim para as preparar.

Redacção DL /Lusa/AFP

Gorbachev, bem disposto, acompanhado por Shevardnadze e por Yakovlev, durante um intervalo dos trabalhos do Congresso do PCUS

União Soviética

O Congresso teve que ir atrás de Gorbachev

De Moscovo, especial para o «DL»

Ninguém ficou surpreendido quando, no Congresso, foi anunciada a eleição de Mikhail Gorbachev para secretário-geral do PCUS. Se alguma expectativa existia, ela centrava-se nos números, não na pessoa. Mas nem sequer os 3411 votos a favor e os 1116 contra iludiram os prognósticos.

Das candidaturas iniciais já se não pode dizer o mesmo. Sobre as razões porque surgiram nomes como os de Eduard Shevardnadze e Alexandre Iakovlev muito se irá, decerto, falar ainda.

Dos oito candidatos, apenas dois não desistiram antes da eleição por voto secreto. Gorbachev, naturalmente, e Teimuraz Avaliani, um homem desconcertante. Defensor de um «pulso forte» e, ao mesmo tempo, de um partido que deve competir com as outras forças políticas na luta parlamentar. No Congresso, disse não existir uma figura alternativa a Gorbachev, mas acabou por concorrer contra ele à liderança do PCUS.

Avaliani foi, no Verão passado, presidente eleito do comité de greve dos mineiros da grande bacia carbonífera da Sibéria que, hoje, um ano depois, estão de novo em pé de guerra. Mas nem esta força, que causou alguma agitação no Congresso, lhe dava grandes possibilidades. Elas traduziram-se, afinal, em cinco centenas de votos.

No próprio dia da eleição, Mikhail Gorbachev voltou a demonstrar a sua força, no discurso de encerramento do debate do relatório político, ao afirmar que se o Partido não for renovado radicalmente, não poderá liderar a *perestroika* e perderá as suas posições na sociedade.

Assim caíam definitivamente todos os prognósticos sobre o «inevitável compromisso», ou mesmo aliança, com os conservadores. «Se a *perestroika* tem alguma culpa, é a de ser implementada com insuficiente determinação e persistência», dizia o orador recusando, num dos seus melhores discursos, qualquer cedência a quantos os criticaram nestes dias.

Resposta a imposições

A intervenção de Mikhail Gorbachev foi também uma resposta pública às imposições que lhe tentaram fazer no encontro, não previsto na ordem de trabalhos do Congresso, com os primeiros-secretários de comités urbanos e distritais do Partido.

A Imprensa não pôde estar presente mas, pelo que nos apercebemos, nesse encontro foi apresentado, de facto, um ultimato ao secretário-geral: ou ele se «ajustava» ao espírito dos funcionários do Partido, que desejam ordem e um «pulso forte» que mantenha o seu poder ilimitado, e teria o seu apoio, ou se afastava do cargo máximo.

Gorbachev respondeu-lhes assim claramente, antes de ser eleito, que não iria atrás do Congresso. E o Congresso não teve outra solução do que ir atrás de Gorbachev.

O Congresso não tinha, afinal, muitas alternativas. Se não reelegesse o secretário-geral, o Partido perderia muitos dos seus membros e a autoridade que ainda detém. Entraria em confronto com as estruturas do poder soviético, apoiadas, apesar de tudo, pela população.

Claro que há o exército e algumas especulações têm surgido sobre a eventualidade de um golpe de Estado. Mas trata-se de mais uma ilusão, alimentada pelos discursos belicosos de alguns generais neste Congresso e antes, no Congresso do Partido Comunista da Rússia.

Dizem as sondagens que 40 por cento dos oficiais do exército simpatizam com a «Plataforma Democrática», com que Mikhail Gorbachev tem divergências, mas mais quanto aos meios para atingir os objectivos do que quanto aos objectivos em si.

Em cinco anos de *perestroika* a sociedade soviética mudou muito. Com o pluralismo democrático e o multipartidarismo, que de facto já existe, o PCUS é apenas mais uma alternativa, escolhida por não mais de 20 por cento dos cidadãos.

Como Presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev não recusa esta realidade, embora insista na necessidade de o Partido se manter governante, mas com mandato recebido nas urnas, em eleições livres. Perante outro tipo de imposição, e para defender a *perestroika*, não lhe restaria outra solução que não fosse, na sua qualidade de Chefe de Estado, acelerar os mecanismos que, aliás, está já a avançar rapidamente.

A complicarem-se as coisas, e como aconteceu com o Congresso, não seria Gorbachev que iria atrás do PCUS. O PCUS teria que ir atrás de Gorbachev.

Guennadi Petrov

Sobre a repressão de Junho

Oposição romena pede clareza

O senador romeno Radu Campeanu, presidente do Partido Nacional Liberal (PNL), pediu ontem numa sessão do senado, «a elaboração urgente» de um dossier das pessoas presas na sequência dos confrontos entre manifestantes antigovernamentais e as forças policiais, ocorridos no mês passado.

Os recontros, de que foram protagonistas os mineiros favoráveis a Iliescu, provocaram seis mortos e 502 feridos e, segundo as recentes declarações do primeiro ministro, Petre Roman, levaram para as prisões do Estado 177 pessoas. Contudo a intervenção de Canpeanu foi considerada inoportuna já que não fazia parte «dos debates previstos para a sessão» daquele ramo do Parlamento. O presidente do PNL e candidato à presidência nas eleições de 20 de Maio pediu por outro lado, a intervenção das instâncias jurídicas para analisar a situação do líder da liga dos estudantes, Marian Munteanu, chegando a exigir uma informação correcta da opinião pública sobre as reais condições da principal vítima da repressão na Praça da Universidade.

Paralelamente, e numa carta aberta ao chefe do Governo e aos Parlamentares romenos, publicada ontem no diário Romania Libera, a Liga dos Estudantes exigiu a libertação sem condições de Manteanu, considerando que a sua prisão «mantém um clima de medo geral que inibe todas as possíveis manifestações pacíficas a favor da continuação do processo revolucionário e da instauração de uma democracia real, reconhecida no país e no estrangeiro».

Redacção «DL»/AFP

São Tomé independente há quinze anos

São Tomé e Príncipe, colónia portuguesa durante cinco séculos, comemora amanhã o 15º aniversário da independência, proclamada a 12 de Julho de 1975. A ocorrência coincide este ano com o início de um periódo de profundas mudanças aberto pela revisão da Constituição e a adopção do sistema multipartidário. Com a entrada em vigor da nova Constituição, recentemente aprovada pela Assembleia Nacional e que deverá ser referendada em Agosto, o MLSTP, partido único actualmente no poder, perderá o seu papel dirigente e possibilitará o surgimento de novos partidos políticos que ainda no fim deste ano poderão participar nas eleições legislativas e presidenciais, as primeiras livres e multipartidárias na história de São Tomé e Principe. Os candidatos ainda não estão totalmente definidos mas dá-se como certo a candidatura do actual Presidente da República e do MLSTP, Manuel Pinto da Costa. Por outro lado, o exprimeiro ministro, Miguel Trovoada, já anunciou a sua candidatura que, ao que parece, reune os consensos do grupo de reflexão que reune várias frentes da oposição.

Redacção «DL»/LUSA

Seis albaneses fogem de barco

Seis dissidentes albaneses que fugiram do seu país num barco a motor, chegaram ontem a Italia e pediram asilo político, revelou a polícia italiana. Os seis tripulantes, entre os 21 e 25 anos, disseram que tinham deixado a Albânia na passada segunda-feira à noite em direcção a Otrante. Durante a travessia do Mar Adriatico o motor do barco de quatro metros e meio deixou de funcionar, o que obrigou os evadidos a remar parte dos 62 Km que separam a Itália da Albânia naquela região do Mar Adriático.

Este último episódio da contestação política ao regime de Tirana vem agravar a situação do Governo, que está cada vez mais com dificuldades para resolver os problemas internos.

Segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, o seu governo está a organizar a evacuação, de barco, dos cerca de cinco mil refugiados nas embaixadas da Itália, RFA e França. Esta operação levará ainda alguns dias a concretizar mas, segundo o embaixador italiano em Tirana, a situação começa a resolver-se.

De referir que nos últimos dias têm estado a decorrer negociações entre as representações diplomáticas e o Governo albanês, relativamente à situação dos refugiados.

Redacção DL/Lusa/AFP

Argentina

Um prelúdio da reabilitação dos militares

Uma marcha militar em compasso de tango abriu o desfile com que o Presidente Menem assinalou o primeiro aniversário do seu mandato. O aniversário da sua entrada para a Casa Rosada coincidiu praticamente com a festa da independência da Argentina, que data de 9 de Julho de 1816. É preciso no entanto remontar a 1978, ou seja, à época em que o país estava em plena ditadura militar para compreender esta festa nacional assinalada por uma tal exibição de forças. Mais de dez mil soldados dos três ramos das forças armadas, assim como da Guarda Republicana e da Polícia desfilaram em frente da tribuna presidencial, sob o aplauso de milhares de pessoas que agitaram as mesmas pequenas bandeiras azul e branca que compraram na véspera para celebrar, apesar de tudo, o segundo lugar da Argentina no Mundial.

Carlos Menem sublinhou várias vezes o cunho político deste acontecimento. Ele quis reviver com este grande desfile as épocas do passado, quando os civis aplaudiam os militares. O desfile foi alvo de imensas críticas, não só devido ao seu custo (um milhão de dólares, enquanto o país se encontra em plena crise), como também pelo seu significado, especialmente por parte das organizações dos Direitos do Homem. Hebe de Bonafini, presidente das Mães da Praça de Maio, declarou: «Nós, mães repudiamos este desfile porque todos os assassinos estão nele representados. O Presidente e todos os que a ele assistem reivindincam desta forma os crimes. Não nos podemos esquecer da guerra contra a esquerda dos anos setenta e do desaparecimento de mais de 13 mil pessoas, cuja responsabilidade é imputável ao exército».

Pacificação nacional

Relativamente aos grandes processos da década de oitenta contra alguns militares responsáveis por violações de Direitos Humanos o Governo de Raúl Alfonsin concedeu duas amnistias, sob a pressão de três motins. O seu sucessor quer ir mais longe na reabilitação do exército, apresentando como pretexto a pacificação nacional.

Não obstante a oposição da maioria da opinião pública, concedeu um extenso perdão em Outobro passado e está empenhado a fazê-lo abranger a seis dos sete militares ainda detidos, até ao fim do ano corrente. O general Carlos Suarez Mason está excluído desse perdão em consequencia de pressões dos próprios militares que interpretam a sua fuga como um atentado à honra do exército.

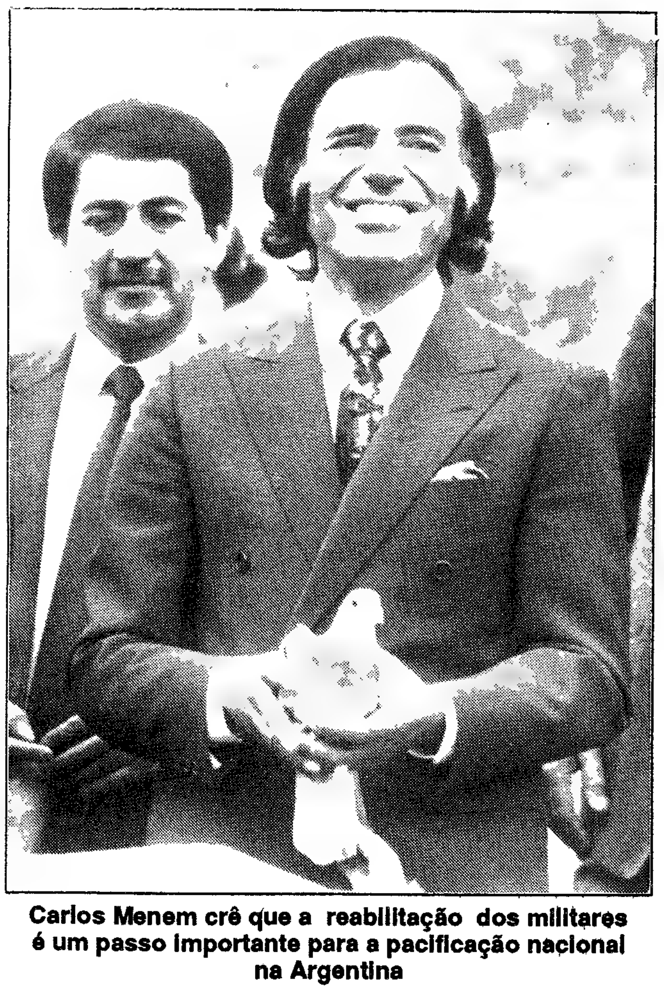
Carlos Menem pretende com o seu gesto provar que «as divisões estéreis entre o poder político e as forças armadas pertencem ao passado».

Encorajados por esta nova atitude do poder executivo, os militares pretendem retirar da situação as suas vantagens. O chefe do Estado-Maior do exército, general Martin Bonnet, declarou em Maio passado que só um perdão presidencial final «marcará o reconhecimento da acção da forças armadas no combate à subversão».

Os militares sempre defenderam a sua reabilitação aos olhos da sociedade e este desfile constituiu uma primeira etapa nesse sentido.

O fiasco das Malvinas é também pouco a pouco esquecido. Carlos Menem tomou, por um lado, a iniciativa de renovar as relações diplomáticas com a Grã-Bretanha, que tinham sido interrompidas em virtude da invasão do arquipélago em 1982. Por outro, mandou erigir um monumento aos cerca de 400 argentinos mortos durante o conflito. E é o chefe do agrupamento «Malvinas-Argentina», uma formação paramilitar que abriu o desfile de segunda-feira.

Edith Coron,
em Buenos Aires,
exclusivo «DL»/Le Monde



Carlos Menem crê que a reabilitação dos militares é um passo importante para a pacificação nacional na Argentina

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

COMUNICADO

Por motivo de eventuais paralisações na rede da Carris no dia 12 de Julho, entre as 16 e as 19 horas, informamos que a Empresa procurará assegurar, através de meios próprios e de transportes complementares, o funcionamento da rede básica constituída pelas seguintes carreiras:

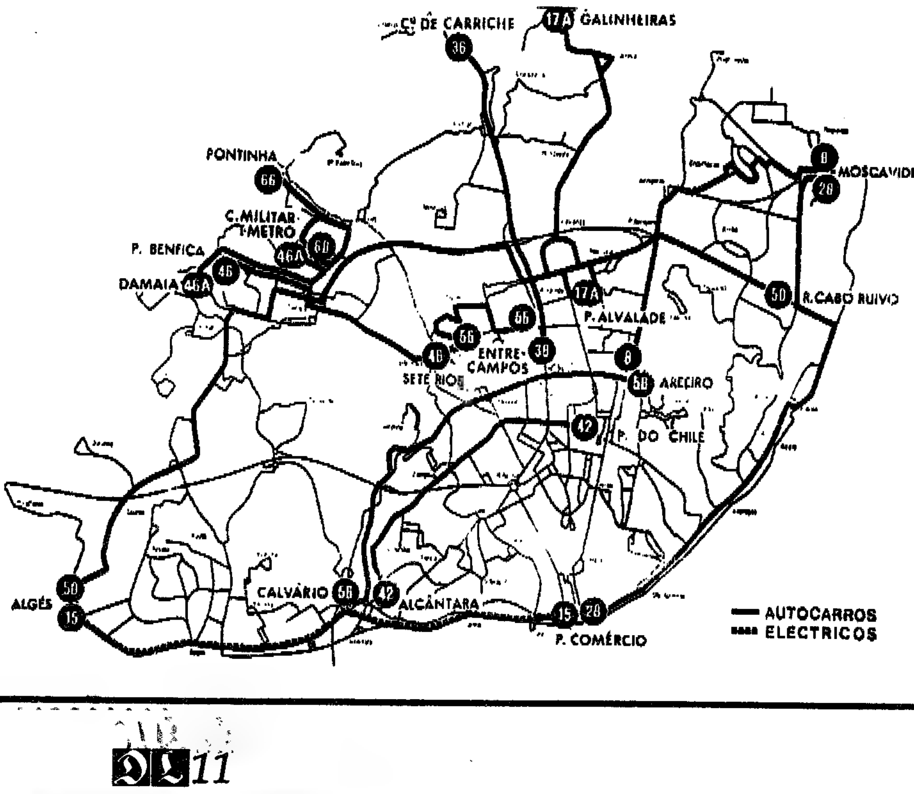
AUTOCARROS

8 — Entre Moscavide e Arreeiro
17A — » Galinheiras e Pr. de Alvalade
28 — » Moscavide e Pr. do Comércio
36 — » C.ª de Carriche e Entrecampos
42 — » Pr. do Chile e Alcântara
46 — » P. de Benfica e Sete Rios
46A — » Damaia e C. Militar (Metro)
50 — » Algés e Rot.ª de C. Ruivo
55 — » Sete Rios e Entrecampos
56 — » Calvário e Areeiro
66 — » Pontinha e C. Militar (Metro)

ELÉCTRICOS

15 — Entre Algés e Pr. do Comércio

HORÁRIOS — As carreiras funcionarão no período compreendido entre as 16.00 e as 19.00 horas.
PARAGENS — Serão as habituais das da Carris.
TÍTULOS DE TRANSPORTE — Serão aceites os títulos de transporte habituais, passes e bilhetes pré-comprados. Nos transportes complementares não haverá venda de bilhetes.



PRECISA-SE

Empresa de confecções admite mestres e ajudantes de mestres.
Telefone: 37 20 21 - 37 22 21
Horário: das 9 às 18 horas

Alemanha de Leste

Xenofobia e nacionalismo «ueber alles»

A população leste-alemã manifesta cada vez mais abertamente sentimentos de xenofobia e paralelamente multiplicam-se as agressões contra os estrangeiros, declarou a responsável do pelouro da municipalidade de Berlim-Leste para os assuntos relacionados com os estrangeiros.

Anette Kahane, em declarações à Imprensa referiu-se ao «estado de exaltação» dos sentimentos dos alemães de Leste, denunciando os casos quotidianos de agressão física e moral que atingem indistintamente tanto os negros, vietnamitas, moçambicanos e cubanos, como qualquer indivíduo que não seja alemão. Mais do que isso, a responsável pela defesa dos direitos dos estrangeiros, que se encontram naquele país, fez questão de frisar que os agressores não manifestam qualquer sentimento de culpabilidade em relação às agressões quando interrogados pelas autoridades, chegando a legitimá-las pelo «direito de ser racista», que incluem no pacote das recentes aquisições da democracia pós-comunista.

Anette Kahane foi contudo incapaz de fornecer dados precisos sobre a frequência e o número dos incidentes, já que a maioria das pessoas, intimidadas pelas agressões, preferem calar-se, enquanto «a polícia se contenta em ficar a ver», não chegando sequer a registar o acontecimento. Francamente escandalizados estão também alguns sectores da opinião pública da Alemanha Federal, que repudiaram grande parte das manifestações de chauvinismo e nacionalismo desenfreado, registadas na noite de domingo, logo a seguir à vitória da RFA no Campeonato do Mundo, em Roma. Durante a «louca» noite que se seguiu à final, os adeptos além de entoar com êxtase o hino alemão «Deutschland ueber alles» empreenderam verdadeira «caça aos estrangeiros» nas ruas de Berlim e Colónia. Em Berlim, um jovem turco de 18 anos, em risco de ser linchado pela multidão, só conseguiu salvar-se graças à intervenção da polícia de choque, munida de gases lacrimogénios.

O «estrangeiro», apesar de tudo, não conseguiu salvar o seu carro que ficou completamente destruído. Os temíveis *skinheads* e os *holligans* também não deixaram passar a ocasião e, juntando-se à festa, além de actos de vandalismo, pilhagens nas lojas, e um prejuízo de milhões de dólares em carros incendiados, provocaram mais de uma centena de feridos numa só noite. Entretanto, durante o Congresso do Partido Republicano da RFA (extrema-direita), que decorreu este fim-de-semana em Ruhstorf, um delegado da RDA, onde os «republicanos» não são ainda admitidos, anunciou a criação de uma federação daquele partido no seu país, enquanto o presidente e antigo agente das SS, Franz Schoenhuber augurou para breve a realização de um congresso que agrupe os dois partidos republicanos «para não deixar de influenciar o curso da História contemporânea».

«DL»/AFP
adaptação Alessandra Balsamo

Os *skinheads* da RDA constituem um dos grupos que mais tem revelado sentimentos de exacerbado racismo

Ialta, há 45 anos (1)

O sonho e a realidade

Nos nossos dias, os chefes de Estado atravessam os oceanos por tudo e por nada. Torna-se, pois, difícil de entender que Roosevelt, Estaline e Churchill tenham, apenas, tido, durante a última guerra - e quando tinham tantas decisões capitais para tomar em comum -, duas dessas reuniões a que,agora, temos o hábito de chamar «cimeiras». Em Teerão, no Outono de 1943. E em Ialta, de 4 a 11 de Fevereiro de 1945; há, portanto, quarenta e cinco anos.

No momento da abertura da conferência, a Alemanha nazi vivia as suas últimas semanas. Já não tinha qualquer aliado europeu, salvo a efémera República de Mussolini, que apenas controlava o Norte da península. Tinham começado os combates no interior das suas fronteiras de 1937. Já era mais que tempo de os chefes da coligação anti-hitleriana procurarem entender-se sobre o que seria o pós-guerra.

«Noblesse oblige»!

Roosevelt pretendia triunfar onde o seu predecessor, Woodwrow Wilson, tinha fracassado, após a primeira guerra mundial, e ficar na História como o construtor da paz, o árbitro entre os ingleses «que pensam em termos de império» e os russos «que pensam em termos de comunismo». Não ia,pois, mostrar-se demasiado exigente perante Estaline: «Tenho a impressão de que tudo o que ele deseja - confiou, um dia, ao embaixador William Bullit - é assegurar a segurança do seu país. Creio que, se lhe der tudo o que me for possível dar-lhe sem nada reclamar em troca, "noblesse oblige",ele não tentará anexar seja o que for, e trabalhará para construir um mundo de democracia e de paz».

«Noblesse oblige»! Não se podia ser mais psicólogo relativamente àquele que Jean Laloy descreve como sendo um homem «totalmente impiedoso, que continua, por ferocidade e por manha, a acumular poder, territórios, influência, domínio, e que, no fundo de si mesmo, pressente o vazio, o horror».

É contudo, com esse homem que «FDR» irá concretizar a criação de uma Organização das Nações Unidas, destinada a substituir a defunta Sociedade das Nações, mas dotada, para ser eficaz, de muitíssimo mais poder. O Conselho de Segurança, do qual as grandes potências serão os membros permanentes, tomará colectivamente a responsabilidade pela paz nesta Terra:daí a violência das discussões, em Ialta, sobre o direito de veto concedido aos ditos membros permanentes. Num momento de excepcional desinteresse, cada um dos três aceitou renunciar a tirar proveito deste direito nos conflitos em que fosse parte interessada: inútil será dizer que, dois anos mais tarde, este compromisso caíra no esquecimento. No fim de contas, o principal resultado concreto de todas essas manobras terá sido a atribuição à França - ao mesmo tempo que à China - de um assento permanente no Conselho. Nunca o teria obtido se Churchill não tivesse defendido a sua causa com tanta energia.

Roosevelt não escondia a sua intenção de retirar os «boys» num prazo de dois anos após a capitulação do Reich. Para conter a invasão, que receava, da Europa pelos Cossacos, o primeiro-ministro britânico pensava que uma França forte seria necessária. Tinha poucas ilusões sobre Estaline. Não fora o primeiro cuidado deste, após a invasão do seu país, o de pressionar os novos aliados a ratificarem as vantagens territoriais que obtivera de Hitler?

Procurando limitar os estragos e ter as mãos livres na Grécia, Churchill concluíra com o generalíssimo, em Outubro de 1944, em Moscovo, num bocado de papel, um acordo em que,praticamente, lhe abandonava a Roménia e a Bulgária, tendo os dois comparsas reconhecido mutuamente uma influência a 50 por cento, na Hungria e Jugoslávia.

Quanto a Roosevelt, não tinha cessado de reclamar contra as zonas de influência, e Churchill teve o cuidado de não lhe revelar, preto no branco, os pormenores do seu acordo com Estaline. Preferia, em vez de discussões destinadas a regatear, confiar na declaração sobre a Europa libertada, sobre a qual os três vencedores chegariam a um consenso, sem grandes dificuldades, em Ialta. Afinal, não tinham prometido ajudar «a formar governos provisórios largamente representativos de todos os elementos democráticos, que se comprometiam a estabelecer, o mais cedo possível, através de eleições livres, governos que correspondessem à vontade dos povos»?

«Governos representativos... democracia... eleições livres»: estas três palavras não tinham o mesmo sentido consoante fossem utilizadas por Estaline ou pelos anglo-saxões. Seis dias, e nem mais um, após a publicação desta tranquilizadora declaração de intenções, o terrível Vychinski, antigo procurador dos processos de Moscovo, agora vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, dirigia-se ao rei Miguel da Roménia, cujo palácio fora previamente cercado pelo Exército soviético, para o intimar a afastar o primeiro-ministro Radescu - acusado, muito simplesmente, de conspirar contra a URSS -, e de o substituir por um «companheiro de estrada» do PC.

Churchill, que não suspeitava de nada, relatava, nesse preciso momento, na Câmara dos Comuns, as suas impressões sobre Ialta. «Não conheço governo que cumpra mais firmemente as suas promessas, mesmo em seu próprio detrimento - não hesitou em dizer - que o Governo soviético russo»... Duas semanas mais tarde, falaria, numa carta a Roosevelt, «de um imenso fracasso, de uma derrocada completa de tudo o que fora acordado em Ialta»...

André Fontaine
Exclusivo «Le Monde»/DL
Tradução de Isabel Joyce

Amanhã: O Fim da Euforia

BREVES

Movimento Inkatha vai transformar-se em partido

O movimento conservador Zulu, Inkatha, da África do Sul, vai tornar-se no próximo fim-de-semana num partido político aberto a todas as raças. Segundo anunciou ontem Mangosuthu Gatsha Buthelezi, o líder do movimento, o Inkatha está na disposição de se coligar numa aliança do tipo «centrista», tanto com o ANC, como com o Partido Nacional, actualmente no poder. O discurso proferido ontem pelo líder do movimento Zulu foi considerado como uma preparação da conferência anual do Inkatha que se realizará nos próximos dias, de 13 a 15.

Mário Pinto de Andrade hospitalizado em Londres

Mário Pinto de Andrade, um dos fundadores do MPLA, encontra-se internado desde ontem no hospital do University College», em Londres. O estado de saúde é considerado muito grave. O «DL» conseguiu apurar que Mário Pinto de Andrade encontra-se com uma anemia bastante avançada. O diagnóstico médico refere-se a uma «neoplasia do tipo ninfoma». Mário Pinto de Andrade, que esteve internado na semana passada nos serviços de cuidados intensivos do hospital Egas Moniz, em Lisboa, partiu ontem de madrugada para Londres, acompanhado do seu irmão Joaquim Pinto de Andrade.

Guerrilheiros peruanos evadem-se

A polícia peruana montou um enorme dispositivo de segurança com vista a recuperar os 48 guerrilheiros do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA), que se evadiram da cadeia de alta segurança da cidade de Lima. Entre os evadidos encontra-se o líder do MRTA, Victor Polay Campos. Pela segunda vez, ontem, helicopteros e unidades da polícia fortemente armadas revistaram os bairros periféricos da capital, «casa a casa». Cerca de 20 mil pessoas consideradas suspeitas foram presas, desde o início das operações.

OUA discute Comunidade Económica Africana

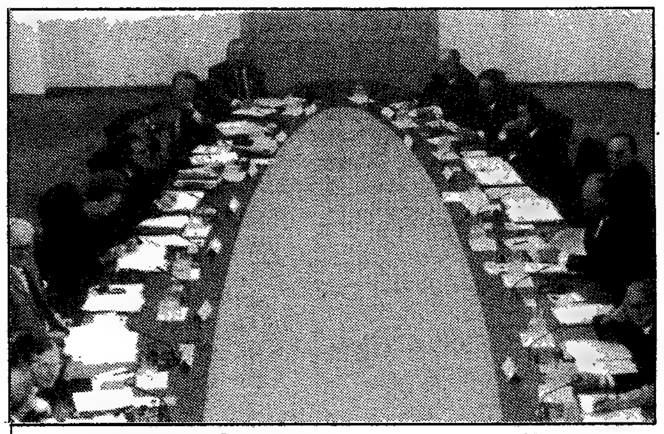
A urgência na criação de uma Comunidade Económica Africana para fazer face à crise de desenvolvimento, e a questão da dívida externa daquele continente, foram os principais temas de ontem na sessão de trabalhos da 26ª Cimeira da Organização de Unidade Africana (OUA), a decorrer em Adis Abeba. «Não temos outra alternativa senão juntarmos as nossas forças para enfrentarmos o obstáculo da dívida externa, afirmou o Presidente egípcio, Hosni Moubarak, ao propor uma «estratégia comum africana», capaz de vir a colocar a questão ao nível das «responsabilidades dos credores».

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Cimeira de Houston termina hoje

Missão dos Sete estudará necessidades da URSS

A passagem sobre a URSS da declaração final da Cimeira dos Sete Países Mais Industrializados, que é hoje lida em Houston (Texas) e que prevê uma missão de estudo das necessidades de assistência de Moscovo, comporta seis pontos, revelaram fontes fidedignas.



Aspecto parcial da reunião dos Sete, em Houston

O parágrafo sobre o estudo das necessidades soviéticas, anunciado pelo secretário de Estado norte-americano do Tesouro, Nicholas Brady, precisa que o estudo deverá estar terminado até ao fim do ano.

As mesmas fontes disseram que os Sete sublinham a necessidade de a União Soviética avançar mais na sua evolução para uma economia de mercado, proceda a uma transferência de recursos do sector militar e cesse a sua ajuda a países responsáveis por conflitos regionais. Progressos neste sentido melhorariam as perspectivas de uma ajuda económica substancial.

A declaração reconhece que Moscovo tem necessidade de uma ajuda técnica para mobilizar as tendências no sentido de uma economia de mercado. Sublinha igualmente que alguns países estão já dispostos a oferecer créditos.

Ontem o chanceler alemão federal, Helmut Kohl, apelou ao grupo dos Sete para que tome uma decisão, até Dezembro, sobre a ajuda à União Soviética, segundo o ministro alemão federal da Economia, Helmut Saussmann.

Discursando na cimeira, Kohl manifestou o desejo de que a organização «esteja pronta a decidir até Dezembro sobre uma oferta concreta de auxílio.

Os Estados Unidos, o Japão e a Grã-Bretanha têm resistido à concessão de uma ajuda à União Soviética, enquanto o Kremlin não efectuar profundas reformas económicas.

A Alemanha Federal já concordou em conceder a Moscovo um empréstimo de três mil milhões de dólares (cerca de 450 milhões de contos) e pretende que o Ocidente forneça auxílio de 15 mil milhões de dólares (mais de dois mil e duzentos milhões de contos).

Entretanto os Sete alcançaram um compromisso sobre a polémica questão dos subsídios à agricultura, apontando para uma redução desses subsídios.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Manágua continua a ferro e fogo

O bairro de Ciudad Jardin, em Manágua, foi ontem à noite palco de um intenso tiroteio entre o exército e apoiantes do Governo, entre os quais provavelmente se encontravam ex-«contras», tendo ficado feridos pelo menos um soldado e dois manifestantes. Não há muitas informações sobre a actuação do exército, a quem Violeta Chamorro mandou reprimir uma greve convocada pelos sindicatos sandinistas que já dura há duas semanas. Algumas fontes dizem, no entanto, que os soldados, na sua maioria sandinistas, desmontaram já diversas barricadas erguidas pelos grevistas nas ruas de Manágua.

O cenário caótico dos últimos dias manteve-se ontem na Nicarágua, onde continuam paralisadas empresas estatais, transportes, o aeroporto e mercados, para além de prosseguir a ocupação de estações de rádio e televisão. Continuam também a registar-se confrontos entre os activistas da central sandinista e apoiantes do Governo. O Ministério do Interior confirmou a existência de quatro mortos, 49 feridos e 12 detidos.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Moscovo favorável às propostas da NATO

A URSS contactou os seus parceiros do Pacto de Varsóvia para preparar uma resposta comum às propostas feitas pela última cimeira da NATO, em particular sobre uma declaração de não agressão, segundo revelou em Bruxelas o ministro dos Negócios Estrangeiros leste-alemão.

Markus Meckel, após uma visita à sede da NATO, afirmou em conferência de Imprensa que tinha recebido uma carta do seu homólogo soviético, Eduardo Shevardnadze, convidando-o a pronunciar-se sobre a declaração de não agressão. A mesma carta foi enviada aos outros membros do Pacto.

Na cimeira de Londres, os 16 países propuseram aos sete países do Pacto de Varsóvia «uma declaração comum» em que se proclamaria «já não serem adversários». Convidaram também Mikhail Gorbachev e os dirigentes dos outros países de Leste a discursarem perante o Conselho do Atlântico Norte, em Bruxelas. Propuseram ainda a esses países para «estabelecerem relações diplomáticas com a NATO».

Numa reacção positiva, Eduard Sehvardnadze sugeriu na sua carta o convite a representantes da NATO para participarem em algumas reuniões do Pacto, por exemplo no quadro do Comité Político Consultivo do Pacto, segundo Meckel.

Uma fonte diplomática da NATO disse entretanto que a Aliança está «muito reticente» quanto à aceitação de tal convite, o que «legitimaria o Pacto de Varsóvia na sua forma actual».

Redacção «DL»/AFP

Cuba recusa-se a negociar saída de refugiados

«O Governo cubano não negociará a partida dos refugiados, os quais quando deixarem a missão diplomática terão de o fazer incondicionalmente». Num comunicado divulgado ontem à noite o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Cuba recusou qualquer tipo de conversações para resolver a situação dos cubanos que se encontram há dois dias na embaixada checoslovaca em Havana. Ontem mais dois cubanos procuraram refúgio na missão diplomática, solicitando asilo político às autoridades checoslovacas.

Os dois novos refugiados, estudantes com cerca de 25 anos, vêm aumentar para sete o número dos cubanos que estão na embaixada. Ao contrário destes, os outros cinco refugiados não pediram asilo político mas sim o direito de exercerem livremente actividades políticas em Cuba e de poder viajar sem barreiras pela Europa.

Três deles são militantes da ilegalizada Associação Pró Arte Livre e os restantes pertencem ao também ilegal Comité Cubano Democrata-Cristão.

Embora os próprios diplomatas checoslovacos o tenham solicitado para «evitar mais problemas», as autoridades cubanas não montaram nenhum dispositivo de segurança em torno da embaixada, tendo os dois novos refugiados entrado sem problemas. Apenas alguns polícias à paisana exercem uma discreta vigilância sobre a missão.

Comunicado lido na televisão

No comunicado de ontem, lido no serviço noticioso da televisão cubana (a primeira referência que os média da ilha fazem ao assunto), as autoridades acusaram os diplomatas de excederem os limites dos seus privilégios ao aceitar os refugiados.

«É bem conhecido que nos últimos 30 anos, uma das armas utilizadas para atacar a revolução cubana foi o asilo de cubanos em embaixadas estrangeiras, à revelia das nossas leis de emigração, e visando dar uma falsa imagem de insegurança no país», refere o Ministério dos Negócios Estrangeiros, acrescentando que a embaixada checoslovaca só notificou oficialmente a presença dos refugiados depois da notícia ter sido divulgada por agências estrangeiras e emissoras de rádio contra-revolucionárias em Miami, nos EUA.

O incidente veio deteriorar ainda mais as relações entre Cuba e a Checoslováquia, até há bem pouco tempo grandes aliados, já muito prejudicadas depois da subida ao poder de não-comunistas em Praga. A Checoslováquia continua a afirmar que os refugiados poderão permanecer na embaixada até que haja uma «resposta satisfatória» do Governo cubano.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

PROCURAM-SE

Actrizes de 20 a 45 anos para filme publicidade, de preferência sem experiência anterior.

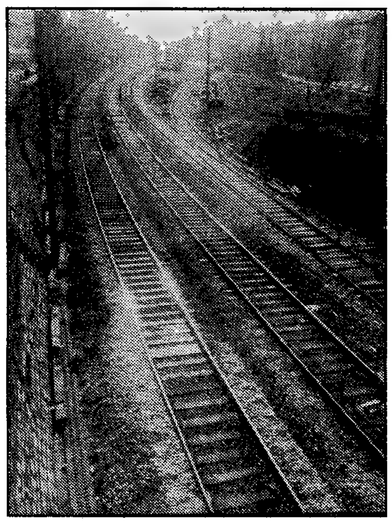
Contactar Janise tel. 69 31 36/21 30

QUOTIDIANO

Europa ferroviária segue exemplo da Suíça

A Suíça é o país mais ferroviário da Europa e o segundo do mundo, a seguir ao Japão. Metade da população daquele país tem uma estação ferroviária a menos de um quilómetro de casa. Em cada linha férrea circulam diariamente, em média, mais de 70 comboios de passageiros e mais de 20 de mercadorias.

Apesar desta situação tida como exemplar, os CFF, Caminhos de Ferro Federais da Suíça, querem ir mais longe e preparam, com um investimento de 540 milhões de contos, aquilo a que chamam o «Rail 2000», um plano de modernização dos CFF, aprovado pelo governo em 1985 e por referendo popular em 1987.



Caminhos de ferro portugueses: um longo caminho a percorrer

Foi para demonstrar a importância que este «Rail 2000» tem para os países da CEE, que Claude Roux, director-geral dos CFF se deslocou ontem, ao Forum Picoas, em Lisboa, para uma sessão organizada pela ADFER, Associação Portuguesa para o Desenvolvimento do Transporte Ferroviário, presidida pelo engenheiro Machado Rodrigues, ex-secretário de Estado dos Transportes e actual vereador da Câmara Municipal de Lisboa.

Frequência, rapidez, continuidade e conforto são as palavras de ordem que ilustram o Plano de Modernização dos CFF e da sua aplicação na Rede Ferroviária Comum. Trata-se de uma proposta helvética a que a Comunidade tem sido sensível, apesar da Suiça não pertencer aos Doze, e que no dizer dos responsáveis do sector, uma vez aprovada, irá «marcar uma nova etapa na vida dos caminhos de ferro da Europa comunitária».

Concorrência ao automóvel

Na base desta proposta existe uma filosofia que é aceite na Suíça, onde os comboios são transportes populares, mas que não será facilmente aceite nos outros países, nomeadamente em Portugal, como o dia-a-dia o tem demonstrado: «Ganhar na concorrência com a viatura particular».

O «Rail 2000» vai oferecer, segundo Claude Roux, um serviço ferroviário de alta qualidade, de horário cadenciado, de meia em meia hora, em todas as principais cidades da Suíça. Para isso, serão construídos bons interfaces com serviços combinados e de horários precisos, acertados com os outros operadores do transporte público.

Melhorar as correspondências e oferecer um melhor acolhimento e conforto nos cais e nas carruagens é a aposta para o cliente, sendo a rapidez não um fim, mas um meio. Para Claude Roux o que importa é «a rapidez necessária de acordo com as condições geográficas do país e não a rapidez com que se sonha ou que se quer como obrigatória».

Seja como for, as novas linhas do CFF vão possuir uma velocidade de traçado de 230 km/hora, embora a velocidade máxima dos comboios se fique pelos 200 km/hora.

Na mesma sessão, o presidente da ADFER, engenheiro Arménio Matias, salientou que muito terá que mudar por força da adopção desta política, nomeadamente a reconversão empresarial do sector ferroviário de cada país membro e a intervenção da iniciativa privada na exploração do transporte ferroviário.

Reconhecendo que Portugal não possui «uma estratégia conhecida quanto à adopção da proposta da Política Ferroviária Comum», Arménio Matias afirmou: «O gigantismo das actuais empresas ferroviárias nacionais, propiciador da concentração do poder e das ineficiência e intransparência da gestão, torná-las-á estruturas naturais de resistência à mudança».

R.F.S.

Desde há cerca de um ano que a Associação das Pousadas de Juventude meteu o pé ao acelerador. Imaginação e cuidadosa gestão já puseram a navegar no Atlântico o «Triângulo Português», anunciaram agora o «Cruzeiro Jovem Europa» e prepararam o «Comboio Europeu», tudo para jovens, naturalmente. Quem quer ir?

De vento em popa

«Eu tinha 15 anos quando foi o 25 de Abril. E, tal como a maior parte da juventude portuguesa, fui apanhado, no bom sentido do termo, pelos novos tempos, pela geração que começa nessa ocasião, a geração das associações de estudantes, a geração da liberdade, a geração da democracia. Foi essa a nossa escola, a escola da vida. A partir daí, fui presidente das minhas associações de estudantes, no Secundário e no Técnico, e encontrei Carlos Pimenta que foi o meu grande amigo e grande padrinho na condução e na aprendizagem da minha formação. E ficou sempre a roer o bichinho da juventude. Portanto eu, agora, não sei fazer mais nada do que trabalhar na área da juventude e é isso que me leva, não a ser gestor da juventude, mas sim a gerir o melhor que posso os recursos disponíveis para a execução de uma política de juventude».

Com esta longa citação fica apresentada a vocação para os problemas da juventude do eng.Pedro Cebola, 31 anos, principal dinamizador e cuidadoso gestor, desde há cerca de um ano, da Associação dos Utentes das Pousadas de Juventude. Transformou esta associação, de utilidade pública e sem fins lucrativos, num bem gerido organismo capaz de organizar um cruzeiro de sete dias para 400 jovens portugueses, onde cada um pagará 80 contos, ou seja três vezes e meia menos do que custaria um cruzeiro normal. E isto sem prejuízo para a sanidade das contas da associação.

Tóxicodependência

O cruzeiro integra-se no Ano Europeu de Turismo e decorrerá a bordo do paquete soviético «Dimitri Shostakovitch», de 22 a 28 de Agosto próximo. Previstas escalas em Casablanca, Las Palmas e Funchal, com o evidente regresso a Lisboa. Historiadores, individualidades políticas e peritos serão, nos salões do paquete, oradores para os jovens, seguindo a disciplina de quatro temas principais: «Os jovens e os Descobrimentos»; «Os jovens e a Europa»; «A juventude, que futuro?»; e «Os jovens e a política».

O eng.Pedro Cebola, que estudou construção civil mas desde cedo se inclinou para a gestão, contou, com visível gosto, que esta é a primeira vez que a Associação das Pousadas de Juventude consegue reunir um grupo de jovens portugueses provenientes de todos, repita-se, todos os distritos e concelhos de Portugal. Acrescentaria o Secretário de Estado da Juventude, Miguel Macedo que este encontro de jovens portugueses, em viagem pelo mar, permitirá dar útil contribuição para o desenho dos problemas que interessam à juventude portuguesa em geral. A tóxicodependência está também entre os temas a serem tratados a bordo do «Dimitri Shostakovitch».

Boneco «Viver» não precisa de legenda

Inevitavelmente, os Descobrimentos

Esta iniciativa, ontem anunciada em almoço e passeio pelo Tejo, não é caso isolado na actividade actual da Associação das Pousadas de Juventude. Quase meia centena de jovens portugueses viajam, neste momento, pelo Atlântico, a bordo do antigo lugre bacalhoeiro «Creoula», cumprindo o projecto do «Triângulo Português» (Continente, Madeira, Açores). Está também agora na fase final de organização o «Comboio Europeu», que ainda este Verão percorrerá a Europa, provavelmente com quatro centenas de jovens a bordo.

Em estreita associação com a Associação de Pousadas trabalhou, para este «Cruzeiro Europa Jovem», o Grupo Média, que é aliás a entidade fretadora do paquete soviético, frete para o qual se obteve um preço especialmente favorável. Usando os próprios termos com que este grupo se apresenta, trata-se «...de uma associação de Comunicação Social, composta por jovens estudantes e cujo objectivo é a realização de projectos que digam respeito à faixa etária a que vulgarmente se chama jovem». Acrescente-se ainda à realização da viagem as colaborações dadas por uma dezena de entidades, desde as Secretarias de Estado da Juventude e do Ambiente até ao Parlamento Europeu e passando, inevitavelmente, pela Comissão dos Descobrimentos.

Outra citação de Pedro Cebola. Interrogado sobre se gostaria de chegar a ministro da Juventude, respondeu: «Eu tenho 31 anos. Ninguém sabe qual é o futuro. Qualquer de nós pode ser ministro. Você também pode ser. Ninguém sabe o que o espera. Mas isso não está no meu horizonte. Não é minha preocupação. E agora vou dizer uma coisa talvez polémica e complicada. Porque é que gosto de ser gestor? É porque gosto de ser um homem prático. Gosto de fazer as coisas no dia a dia, gosto de ver as coisas nascer, aparecerem. E quando se é secretário de Estado ou ministro não é assim tão fácil ver as coisas nascerem no dia a dia, apesar delas acontecerem».

Paulo David

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-A Processo 1/150

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.° 19.° do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.° 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV para o PT n.° 1829 no Cancelão e Courela dos Valentes, com 1282 metros e origem no apoio n.° 28 da linha para o PT n.° 178, na freguesia de Figueira de Barros, concelho de Avis na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES NOVAS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.° 81, 3.° andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 31 de Maio de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 11/7/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA

ANÚNCIO

Proc.° 102/79/2.ª Secção 1.° Juízo

FAZ-SE SABER, que pela 2.ª Secção do 1.° Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Vila Franca de Xira, nos autos de execução ordinária n.° 102/79 em que é exequente Fassio, Ld.ª, e executados CARLOS MANUEL CORREIA DA SILVA CARDOSO, residente na Quinta do Cerrado em Arruda dos Vinhos e outros, há-de ser posto em praça, pela 1.ª vez, neste Tribunal, no dia 02 de Outubro de 1990, pelas 10 horas, e pelo valor indicado, para pagamento da quantia no montante de 1 170 109$00 e demais custas acrescidas até final, ainda em dívida, existindo créditos reclamados pela Caixa de Previdência e Abono de Família do comércio do Distrito de Lisboa, Instituição de Previdência, no montante de 595 041$00 e pelo Ministério Público no montante de 290 000$00.

BEM A VENDER

O direito e acção à herança que o executado Carlos Manuel Correia da Silva Cardoso, detém por morte de seus pais Fernando Guerra Cardoso e Maria Inês Falcão de Miranda Correia da Silva Cardoso, pelo valor de 3 000 000$00.

Vila Franca de Xira, 29 de Junho de 1990

O Juiz de Direito,
Carlos Manuel Lopes Alexandre

O Escrivão Adjunto,
José Maria Certainho Salgueiro

«DL» 11/7/90

B R E V E S

Professores recebem despesas do ME

O dinheiro gasto pelos professores em impressos-questionário vai ser, em breve, reembolsado pelo Ministério da Educação, disse Valadares Tavares, director do Gabinete de Estudos e Planeamento. Este responsável acrescentou que a verba de 15 mil escudos, correspondente ao custo de cada um daqueles impressos, será devolvida «tendo em vista o interesses dos professores e tem como objectivo apoiá-los.»

Acolhimento garantido a emigrantes portugueses

Em várias fronteiras terrestres, aeroportos e estações de caminhos-de-ferro vão ser desenvolvidas acções de acolhimento a emigrantes. Esta iniciativa, anunciada ontem pelo Instituto de Apoio à Emigração e as Comunidades Portuguesas (IAECP), realiza-se nas fronteiras de Vilar Formoso, Vila Verde da Raia, Valencia e Quintanilha, nos aeroportos de Pedras Rubras e, Portela de Sacavém e Faro e nas estações da CP de Santa Apolónia e de Campanhã.

Enquanto os trabalhadores dos telefones protestam a rescisão dos contratos feita pela empresa, a Carris, os guardas florestais e os Ouadros Técnicos do Estado avançam com a greve, como forma de luta

TLP despedem 50 funcionários

Cerca de 50 funcionários dos TLP com contratos de trabalho a termo foram notificados da cessação do seu trabalho nesta empresa pública, disse um elemento da comissão de trabalhadores.

Segundo a mesma fonte, os trabalhadores afectados, maioritariamente do sector administrativo, começaram a ser admitidos ao serviço dos TLP em 1986, num esquema de trabalho temporário, através de uma empresa nortenha de prestação de serviços.

Posteriormente os trabalhadores foram admitidos na empresa através de contrato de trabalho a termo, que agora os TLP, na totalidade dos casos, resolveram rescindir.

Entretanto os TLP realizaram em Dezembro um concurso para admissão de pessoal optando por admitir elementos classificados nesse concurso em tetrimento dos trabalhadores contratados a prazo, alguns já há mais de três anos.

Um elemento da comissão que representa aqueles trabalhadores disse que a administração dos TLP «se recusa a dialogar com os trabalhadores afectados pela ordem de despedimento» pelo que estes «estão a reunir elementos que lhes permitam uma defesa jurídica dos seus interesses».

O porta-voz do Conselho de Administração dos TLP, Mário Dias, contactado pela agência Lusa, disse que «a administração da empresa não tem qualquer projecto de despedimento de trabalhadores».

«Os trabalhadores agora despedidos foram aqueles que tinham apenas um estatuto de colaboradores requisitados numa altura em que os TLP tinham necessidade de mão-de-obra», acrescentou.

Mário Dias justificou a cessação de trabalho dos cerca de maia centena de trabalhadores com «a criação de novos métodos de trabalho nos TLP».

Segundo porta-voz dos TLP, as pessoas despedidas «nunca foram funcionárias da empresa».

Carris volta à greve

Os trabalhadores da Carris, que ontem efectuaram um perído de greve das 5 às 8 horas da manhã, voltam a paralisar na parte da tarde de amanhã, entre as 16 e 19 horas, por não se ter verificado «qualquer evolução negocial».

Em greve vão estar também os guardas florestais, que marcaram a sua paralisação para os dias 1, 15 e 30 de Agosto. Os guardas florestais requerem «a aplicação integral do regime de trabalho publicado em 4 de maio, porque a Direcção Geral de Florestas diz não ter verbas para pagar os retroactivos desde 1 de Outubro de 1989», refere um comunicado enviado pelo Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores.

A direcção do Sindicato dos Quadros Técnicos dos Estado (STE), decidiu, por sua vez, «fazer uma última diligência junto do Governo, no sentido de o sensibilizar, de com a sua prática, não destruir a esperança que os Quadros puseram no novo sistema retributivo da função pública, enquanto pedra fundamental para a sua modernização», salienta um comunicado chegado à nossa redacção.

Auto-transplante bem sucedido

O primeiro auto-transplante de medula óssea em sistema de crio-preservação foi realizado no início desta semana no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, e o paciente encontra-se bem, revelou hoje o responsável pela operação cirúrgica.

O catedrático Forjaz de Lacerda referiu que o doente operado, um individuo de 45 anos, sofria de um linfoma maligno.

O auto-transplante de medula óssea com crio-preservação exige uma «técnica mais complexa» do outro tipo de auto-transplante, em que a medula óssea retirada do doente não exige congelação, explicou o especialista.

Forjaz de Lacerda sublinhou que o primeiro doente a quem foi realizado um auto-transplante de medula óssea em Portugal, um individuo de 48 anos, já recebeu alta e leva agora uma vida «praticamente normal», embora esteja sob vigilância médica.

Polícia espanhola apreendeu cocaína

A polícia espanhola apreendeu, no passado domingo, 500 quilos de cocaína nas proximidades do aeroporto de Madrid, enviados pelo cartel de Bogotá para a península, através de Portugal, revelou o director-geral da polícia, Rodriguez Colorado.

O valor da droga apreendida poderia alcançar no mercado negro 5 mil milhões de pesetas (6,5 milhões de contos).

B R E V E S

Lisboa mais quente que ontem

Lisboa foi ontem a segunda capital europeia mais quente, atingindo uma máxima de 34 graus centigrados, temperatura suplantada por Madrid que chegou aos 38 graus. A nível interno, Beja e Castelo Branco foram as cidades mais quentes do país, com 39 garus. Segundo o Instituto de Metereologia e Geofísica o tempo quente continua, prevendo-se que as máximas hoje cheguem aos 35 graus. Ontem, as capitais europeias mais frias foram Viena e Amesterdão, ambas com uma máxima de 16 graus.

Acidente em Setúbal provoca três mortos

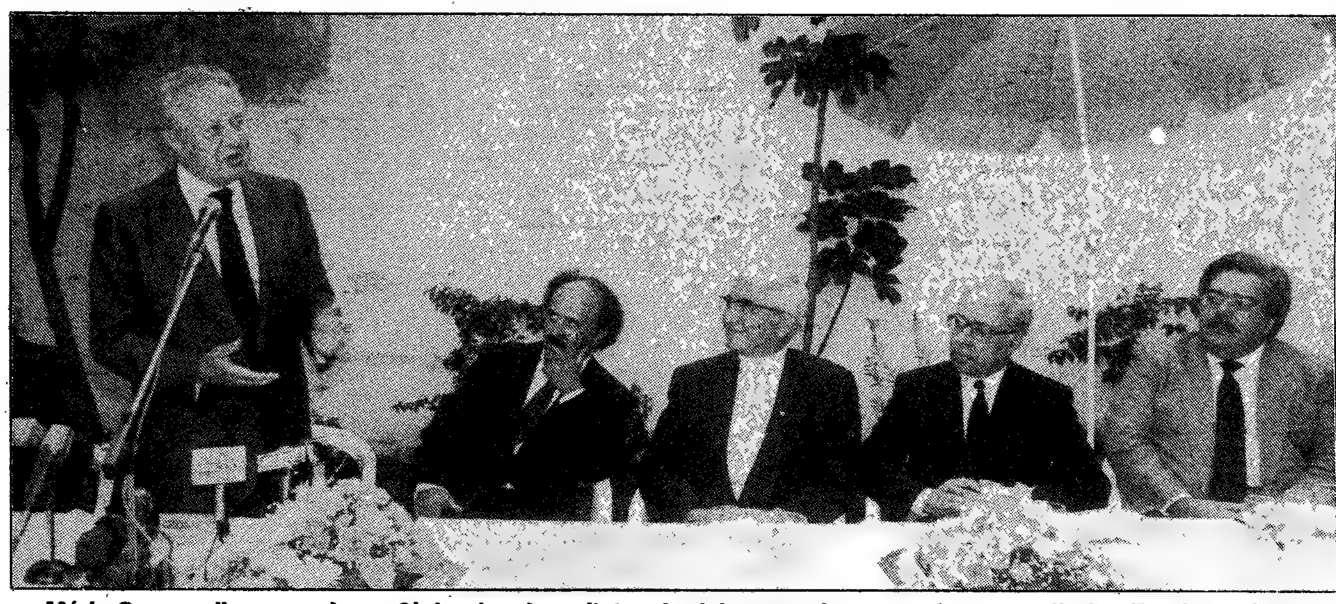
Três mortos é o balanço de um acidente ocorrido esta manhã, na baixa de Setúbal, envolvendo dois veículos ligeiros, um de matrícula portuguesa e o outro de matrícula francesa, informou o oficial de dia da Brigrada de Trânsito da GNR. O acidente, provocado por uma ultrapassagem irregular, vitimou um português, José Luis Serrão, e um casal francês ainda não identificado. Um outro acidente foi registado na auto-estrada do sul, onde colidiram dois veículos pesados, tendo sido o resultado um ferido grave e outro ligeiro.

PJ de Coimbra manda 19 a tribunal

A polícia Judiciária de Coimbra anunciou ter concluído e remetido a tribunal um processo que indica o envolvimento de 19 indivíduos em crimes de «associação criminosa», praticados na região centro do País. Os arguidos são acusados, entre outros crimes, da «prática de furto qualificado, receptação e viciação de viatura». Na sequência das investigações, que contaram com a participação de Oliveira do Hospital, foram detidos 13 indivíduos, oito dos quais aguardam a conclusão do processo em regime de prisão preventiva.

Um milhão de contos para a Casa do Algarve

As obras de construção da sede da Casa do Algarve e do lar do estudante algarvio, a construir num terreno cedido pela Câmara Muncipal de Lisboa, estão orçadas em um milhão de contos, revelou a comissão de angariação de fundos. A realização de festas particulares, a montagem de stands nos principais certames e feiras do Algarve, assim como a abertura de contas próprias em diversas instituições bancárias são algumas das acções a efectuar pela comissão de angariação de fundos, para atingirem os seus objectivos.



Francisco Paraíso

Mário Soares discursando no Clube dos Jornalistas. Ladeiam-no, da esquerda para a direita, Eugénio Alves, da direcção do clube, Vítor Melícias, provedor da Santa Casa da Misericórdia, António Ruella Ramos, presidente da administração do DL, e João David Nunes, administrador da RDP.

Mário Soares elogia jornalismo na entrega de prémios de reportagem

O Presidente da República confessou uma frustrada inclinação para a Comunicação Social ao intervir ontem à tarde na cerimónia da entrega dos prémios de Jornalismo atribuidos pelo Clube dos Jornalistas, relativos a 1989.

O presidente Mário Soares referiu essa sua vocação, contrariada, primeiro, pela censura salazarista, depois pelas solicitações da carreira política, no discurso com que coroou a entrega dos Prémios Gazeta de Jornalismo, no Clube dos Jornalistas, em Lisboa, a cinco nossos colegas de profissão, designadamente Agostinho Santos, Maria Augusta Seixas, Sidónio Bettencourt, Manuel de Moura e Helena Mendonça.

Num breve improviso, Mário Soares vincou o papel pedagógico que cabe ao jornalismo na construção de um Estado democrático, através da implantação de hábitos de debate de ideias e de informação objectiva e independente.

Os prémios ontem entregues foram os de Reportagem de Imprensa, a Agostinho Santos, de «O Primeiro de Janeiro»; de Televisão, a Maria Augusta Seixas, da RTP; de Rádio, a Sidónio Bettencourt, da RDP/Açores; Fotográfica, a Manuel de Moura, da agência Lusa; e Revelação, a Helena Mendonça, do «Diário de Notícias».

Patrocinado pela Lisgráfica, cujo presidente e presidente do Conselho de Administração do DL, António Ruella Ramos, o entregou a Agostinho Santos, o Prémio Reportagem de Imprensa distinguiu uma reportagem intitulada «Viana é porta aberta ao tráfico de droga», onde se inventariavam indícios da participação de portugueses nas redes galegas de contrabando, não só de tabaco como de diversas drogas.

O Prémio de Reportagem de Televisão contemplou Maria Augusta Seixas por um trabalho para o programa «Hora da Verdade», intitulado «A Ria está a morrer».

Elaborado de colaboração com Eduarda Pimenta, esse artigo focava os níveis e origens da poluição que vem contaminando a ria de Aveiro.

Sidónio Bettencourt, esse, justificou o Prémio Reportagem de Rádio com uma investigação de «Vestígios Açorianos no Desterro Brasileiro», realizada no sul do Brasil.

O Prémio de Reportagem Fotográfica, valeram-no a Manuel de Moura imagens dramáticas que colheu no incêndio de um prédio de Lisboa, sinistro que originou o desalojamento de cinco famílias.

Finalmente, uma pesquisa minuciosa às mais correntes brutalizações de crianças, intitulada «Maus tratos a crianças não conhecem barreiras», valeu a Helena Mendonça o Prémio Revelação em Jornalismo.

Falando em nome dos distinguidos, Helena Mendonça atribuiu à iniciativa do Clube dos Jornalistas o mérito de estimular o que considera a expressão mais nobre do jornalismo, a reportagem, que hoje, do seu ponto de vista, estará subalternizada na maior parte dos orgãos de comunicação social.

Os Prémios Gazeta de Jornalismo constam de um troféu e uma verba de 500 contos.

O júri responsável pelas atribuições concedeu ainda três menções honrosas no âmbito do Prémio Revelação, as quais contemplaram João Manuel de Almeida, pela reportagem de rádio «Os dias da Roménia», transmitida pela TSF, Moisés Rodrigues, pela peça «D. Branca da Madeira», publicada no «Jornal da Madeira», e Paulo Paixão, por um artigo sobre «Escolas Profissionais», saído em «O Diário».

Adivinha quem vem ac

Presença rotineira no porto de Viana do Castelo, as lanchas dos contrabandistas galegos protagonizam uma luta do gato e o rato com as autoridades portuguesas, em que a grande arma destas é a ameaça com o tribunal e a sua proverbial lentidão

A simplicidade de uma «lancha voadora»: espaço para carregar, cilindrada para fugir

As lanchas lá estão, e duas, pelo menos, operacionais. São umas embarcações de fibra, de uns cinco metros de comprido, proa coberta e popa em painel, com uma impressionante bataria de motores fora de borda. Numa delas, são seis, cada um de trezentos cavalos. Todos ligados, e na máxima potência, não há como apanhá-las. É por isso que lhes chamam as «lanchas voadoras».

As «lanchas voadoras» são a por enquanto única projecção evidente em Portugal da rede espanhola de narcotraficantes, cujo desmantelamento de há uma série de dias para cá proporciona manchetes aos jornais do país vizinho. Constituem aliás uma presença corriqueira no porto de Viana do Castelo, desde há muitos anos seu abrigo e apoio logístico. Foi a operação «Nécora», desencadeada pelas autoridades de Espanha contra os grupos organizados de contrabandistas que operam com base na Galiza, o que chamou agora para elas as atenções dos portugueses.

A razão por que utilizam o porto de Viana não tem directamente a ver com a sua actividade. Tem a ver é com o permissivismo da legislação portuguesa relativamente à circulação das embarcações de alta velocidade, comparativamente com a legislação espanhola. É improvável que, mesmo numa emergência, uma lancha tenha alguma vez descarregado no litoral minhoto. Pelo menos, não há disso conhecimento. A acostagem aos cais de Viana, ali, a dois passos de casa, na Galiza, é um privilégio demasiado precioso para ser desbaratado com ofensas ao anfitrião.

Esse hábito dos contrabandistas galegos originou o que o capitão do porto de Viana do Castelo, almirante Zenóbio Cavaco, qualifica de «jogo entre o rato e o gato» — com a capitania, naturalmente, no papel do felino. E o jogo consistia na utilização das precárias possibilidades de fiscalização asseguradas pela nossa legislação para empatar o mais possível a vida àqueles infractores. Eram assim expedientes comuns exigir-lhes a documentação, no próprio momento da atracagem, extraír-lhes gasolina, a pretexto de razões de segurança marítima, determinar a retirada de todas as que excedessem determinado número, invocando falta de espaço, e proceder a vistorias sistemáticas.

«Não mata mas mói» — resume Zenóbio Cavaco, que explica o acatamento dessas imposições pelos contrabandistas, cujo à vontade financeiro torna indiferentes a quaisquer ameaças de multa, pelo medo que têm da morosidade da Justiça portuguesa («Eles preferem mil vezes» — acentua o mesmo responsável — «pagar logo cinco mil contos a estar meio ano à espera na cadeia de um julgamento em que serão condenados a pagar quinhentos»). E a tais imposições se ficará a dever a redução conseguida em dois anos das famigeradas lanchas, de quinze para quatro.

A velocidade alcançável pelas embarcações não impede que algumas tenham sido interceptadas nos anos mais recentes por unidades de patrulha da Armada. Avarias de motores e, mais frequentemente, faltas de combustível, permitiram-no. Apesar de terem capacidade para armazenar 1200 litros de gasolina sob o chão, duas fugas prolongadas na mesma noite podem colocá-las nesse embaraço. As apreensões de mercadoria, porém, raramente permitiram a detecção de quantidades significativas de outros produtos, que não o vulgaríssimo tabaco. O que não obsta a que os custos que a actividade envolve, como acentua o capitão do porto, não indiciem que a matéria principal do contrabando seja bem diferente.

Ainda recentemente, uma avaria tornou possível inspeccionar uma campeã entre essas lanchas, uma unidade cabinada com uma potência de 10 000 cavalos. A diligência ocupou uma noite inteira, mobilizando uma quantidade de homens, que quase desmantelavam a embarcação, e até cães-polícias de faro especializado, tão grande era a convicção de que transportaria droga. Mas foi tudo inútil. Antes da abordagem pelo barco-patrulha, fora vista uma fumarada expessa evolar-se do barco suspeito. A Zenóbio Cavaco não restam dúvidas de que se deveu ao despejo do pó para o escape das turbinas. Só que não houve laboratório capaz de recolher o mínimo vestígio.

A natureza da actividade a que se dedicam as «lanchas voadoras» não é segredo para ninguém em Viana do Castelo. A própria morfologia delas a denuncia. Nada mais as compõe do que chapa de fibra, comandos e motores. De resto, espaço. E um espaço que não permite muitas alternativas de carregamento. Electrodomésticos estão fora de hipótese, como quaisquer outras mercadorias volumosas. O produto só pode ser tabaco, bebidas, ou os estupefacientes para que apontam os indícios coligidos pelos responsáveis da operação «Pécora». E os dois materiais primeiramente mencionados já não dão os dividendos de outrora.

Essa noção de quem são os

A.M.A. Auto Monumental de Arroios S.A.
Audi VW
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

acostar

pagar
ais im-
dever a
em dois
as lan-
quatro.
ançável
ão im-
tenham
os anos
nidades
rmada.
e, mais
tas de
itiram-
capaci-
ar 1200
o chão,
das na
colocá-
o. As
adoria,
ermiti-
quanti-
de ou-
não o
O que
os que
, como
porto,
matéria
abando

e, uma
vel ins-
ã entre
nidade
otência
A dil-
a noite
uma
ns, que
vam a
es-polí-
lizado,
nvicção
droga.
ntes da
rco-pa-
fuma-
r-se do
Zenóbio
dúvidas
despejo
pe das
houve
de re-
ígio.
idade a
lanchas
edo pa-
ana do
orfolo-
. Nada
ue cha-
s e mo-
o. E um
te mui-
arrega-
ésticos
, como
rcado-
roduto
ebidas,
s para
cios co-
nsáveis
». E os
ramen-
dão os
a.
são os

tripulantes das lanchas não se traduz em qualquer animosidade generalizada da população por eles. Embora o consumo da droga esteja a ganhar terreno na região, o facto não é associado àqueles discretos frequentadores do cais. Como assinalou ao «DL» um jornalista local, Viana é para eles apenas um porto de abrigo, mas nessa qualidade reveste-se de um valor que não querem comprometer. Galegos, na sua esmagadora maioria, com um ou outro elemento de diferente nacionalidade — que tanto pode ser a portuguesa como a grega ou a jugoslava — a sua estada é bem vista pelo comércio local, devido à liberalidade com que abrem a carteira.

«Frequentam os melhores restaurantes, dormem nos melhores hotéis...» — esclarece o mesmo jornalista.

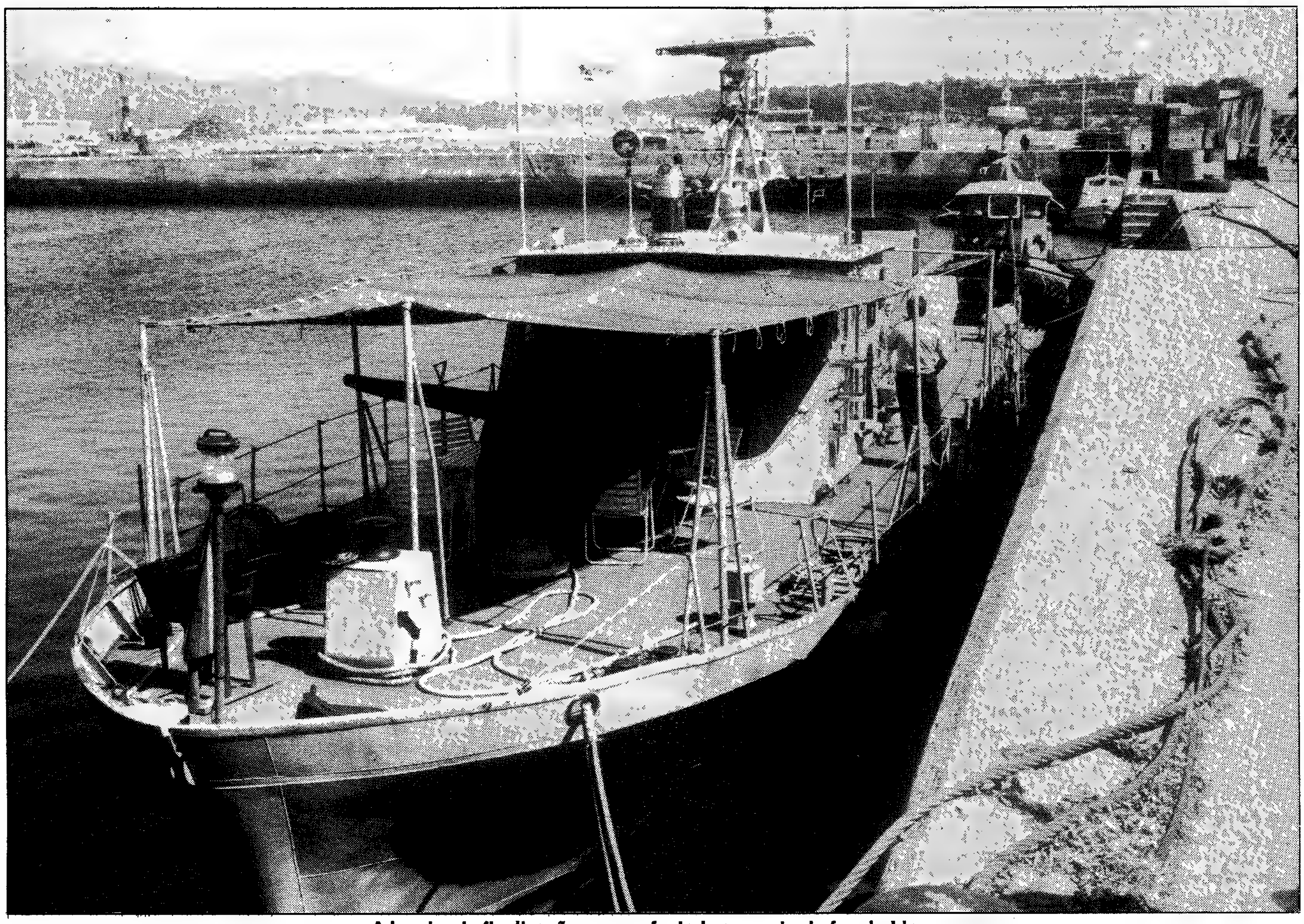
Relações de negócio com gente local, não se lhes conhecem, embora se admita que, segundo a mesma fonte, casos de enriquecimento súbito ou de pessoas que vivem muito acima das suas possibilidades aparentes sejam por aí explicáveis. De qualquer modo, o tradicional contrabandista do saco às costas, que carregava sobretudo café de Portugal para Espanha e peles no caminho de volta, está praticamente extinto. Tanto, que a vigilância de fronteira quase desapareceu.

Aliás, os poucos nomes portugueses que transpiraram das listas de suspeitos dos responsáveis pela operação «Nécora», como tendo não muito explicitadas responsabilidades na «lavagem» dos lucros das redes galegas de contrabando, ou seja, na forja de alibis, de justificações legais, para a sua obtenção, não correspondem a residentes em Viana de Castelo, nem mesmo na província do Minho, a não ser no caso de uma mulher actualmente em parte incerta. Trata-se de Maria dá Glória Lourenço, de Monção, alegadamente conhecida por «Maria Peseta». Quanto aos outros serão um autarca algarvio e um empresário lisboeta ligado à navegação.

De qualquer forma, a liberdade de movimento das «lanchas voadoras» em águas territoriais portuguesas está prester a sofrer forte restrição, com a entrada em vigor de um decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros, que aguarda a promulgação pelo Presidente da República. De acordo com o que foi já tornado público pela Lusa, o diploma condiciona a circulação e a aportagem e remete para os capitães de porto a fixação de limites máximos de velocidade.

A elaboração deste decreto-lei não parece poder desligar-se de contactos das autoridades espanholas com as portuguesas, às quais as primeiras se haverão queixado dos prejuízos decorrentes para a repressão do contrabando de narcóticos das facilidades de navegação que as mesmas embarcações encontravam nas águas territoriais do nosso país. E a alteração da atitude de Portugal perante o problema transparece de outras iniciativas, entre as quais cabe salientar a da recentíssima afectação ao porto de Viana do Castelo de uma lancha de fiscalização, a «Cisne», com uma tripulçao de oito homens comandados por um subtenente da Armada, aos quais caberá coadjuvar a acção dos barcos-patrulha sediados em Leixões.

F. B. S.



A lancha de fiscilzação agora afectada ao porto da foz do Lima

O capitão do porto de Viana: com os meios possíveis, fazer a vida negra ao contrabandista

Três nomes de portugueses nas denúncias do «arrependido»

Na origem da operação «Nécora», cujo primeiro movimento ocorreu em 12 de Junho, e tem desde então para cá proporcionado a captura de um número sem precedentes de chefes das redes galegas do contrabando de estupefacientes, estiveram as declarações de um «arrependido». Este, Ricardo Portables Rodriguez, cumpria uma pena de três anos de cadeia por traficar cocaína. Preferiu a liberdade, obtendo-a como recompensa da denúncia dos companheiros. Hoje, não se desloca sem uma escolta de polícias armados até aos dentes. Mas ninguém lhe augura uma vida longa, já que o código dos narcotraficantes ignora a palavra perdão e a solicitude policial não vai certamente estender-se para além do tempo de utilidade dos seus serviços.

Incidentes numa faixa acessória mas vital do contrabando da droga, que é a «lavagem» dos lucros (ver texto principal), as investigações viabilizadas pelas confissões de Portables conduziram até agora à detenção de numerosas figuras envolvidas nesta actividade ilícita, num caso, pelo menos, com espanto da alta sociedade espanhola, à qual o incriminado pertencia. Carlos Goyanes Perojo, filho de um produtor cinematográfico que foi o «descobridor» da Marisol, e primeiro marido desta actriz, actualmente casado com uma filha da aristocracia, foi encarcerado na sequência das declarações do arrependido, que o relacionam ainda com a aquisição de cocaína.

Outros nomes que não dizem muito aos portugueses, como os de Celso Barreiros Rodriguez, Marcial Dorado Baúlde, Daniel Charlín Pomares, Jose Ramon Prado Bugallo, Laureano Oubiña Piñeiro e Manuel Padín Gestoso, mas que, nalguns casos, correspondem aos de empresários até agora insuspeitos, noutros, aos de «barões» da droga tão notórios como fiados na impunidade, estão também já a contas com a justiça, que parece ter reunido contra eles suficientes indícios para não os devolver à liberdade antes de julgamento.

São várias as organizações de contrabandistas atingidas pela «Nécora», aparecendo associados à chefiada por Laureano Oubiña os três nomes de portugueses incriminados no âmbito do mesmo processo.

De acordo com um despacho da Lusa, Eduardo Maria dos Santos, proprietário dos Estaleiros «Edumar» e co-proprietário, com o presumível narcotraficante galego, de várias embarcações, Vital Nunes de Carvalho, homem de confiança do primeiro, e Maria da Glória Pinheiro, de Monção, são esses suspeitos, a quem é imputada a «lavagem» de dinheiro. Nenhum está preso.

Segundo a mesma informação, outra relação com Portugal é estabelecida por intermédio da cônsul do Panamá em Lisboa, de apelido Betancur, suspeita do mesmo delito.

A operação «Nécora» tem como responsáveis um juiz de 34 anos, Baltasar Garzón, que já se destacara em investigações relacionadas com a actividade da organização de extrema-direita GAL, e Javier Alberto Zaragoza, de 37, oficial da Guarda Fiscal espanhola, com experiência de muitos casos de droga.

São 38 os réus deste processo, entre os quais se contam, além dos cabecilhas galegos, um hondurenho e vários chefes do «cartel de Medellin», cuja mercadoria os acusados espanhóis faziam entrar na Europa.

Paralelamente a este processo, foi dada ordem de prisão a 16 pessoas, entre elas seis polícias, três dos quais elementos da brigada antidroga.

CINA

O tempo é um inimigo invencível, mas a sociedade moderna leva a que muitos jovens se sintam acabados, antes de atingirem a plenitude da vida.

Aprender a relaxar

A velhice aos 40 anos

As mulheres que trabalham em casa são muitas vezes vítimas de síndroma da casa vazia

Muitas pessoas entre os quarenta e os cinquenta anos sentem-se numa espécie de beco sem saída e simultaneamente abatidas. Não tem de ser e nem deve ser assim. O seu descontrolo pela dor, angústia, depressão, trabalho, família, etc., não deve ser superior à sua vontade.

É muito comum que o homem, na etapa da maturidade, se sinta estancado no seu trabalho. Se se trata de empregados, não visualizam maiores ascensões em perspectiva, o que lhes dá uma sensação de fracasso. Para o comerciante, chega a tensão de ter de lidar com o pessoal, sem antever mudanças que o satisfaçam. O mesmo pode acontecer com os industriais. Os profissionais não escapam às generalidades da lei e os advogados aborrecem-se por continuarem a litigiar sobre os problemas de sempre: divórcios, perdas, reclamações. Os professores, por continuarem a ensinar sempre o mesmo; e o dentista sente-se saturado de arrancar dentes e de colocar placas.

Para a mulher, a crise pode tomar outras formas, se se trata de senhoras dedicadas ao lar. Experimenta-se então o síndroma da «casa vazia»: os filhos saíram de casa ou casaram-se, ou os estudos ou empregos tornaram-nos independentes. É a época da morte dos pais, a chegada da menopausa e um sentimento de já não ter mais o que fazer. Se é uma mulher que trabalha, os problemas são semelhantes aos dos homens.

O beco não tem saída e não se sabe como sair da rotina angustiante. Isto causa medo. E não deve ser assim. Deve encarar-se a situação com uma reflexão muito objectiva e verdadeira: sim, encontra-se no final de uma fase da sua vida, mas tem muitos anos pela frente, para viver plenamente e ser feliz.

Como sair do retiro voluntário

É muito fácil, se você tomar consciência do que lhe está a acontecer. Deverá prestar atenção às suas reacções, tanto físicas como psíquicas. Primeiro, aprenda a relaxar-se. Isto permitir-lhe-á reconhecer que, embora os sintomas sejam inquietantes, não são perigosos. Não se considere um «marcado» pela desgraça, sinta-se uma pessoa comum que se vai opor aos seus pensamentos negativos, vai combater os sintomas e vai continuar a «funcionar», apesar de tudo.

Mas esta é uma solução? Certamente que não, é apenas o princípio. Uma vez passada esta primeira etapa, encare o seu problema e pense nas soluções possíveis, como mudar de emprego ou de profissão, capacitar-se, mudar, trocar ideias com a sua família ou com os seus amigos. Dirão que é mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. Talvez. Aventurar-se numa mudança de trabalho é uma decisão audaciosa e azarenta, mas possível.

Passos a seguir

Antes do mais, conceda uma trégua ao problema que o aflige, melhore os seus pensamentos e acções e exteriorize o amor que há no seu espírito. Reconfortado, comece a analisar o seu problema tendo em conta o que você sabe, pode fazer e conhece bem. Analise seguidamente a sua capacidade em aprender, para iniciar essas mudanças, para ampliar as suas destrezas laborais, ou simplesmente pelo simples prazer de saber mais. Deve também ter em conta o modo de utilizar de outra forma as capacidades que já possui e que emprega mal, ou tem relegado. Nessa altura, decida-se: será uma mudança que lhe fornecerá satisfações, mas que também lhe farão sentir medo; toda a mudança atemoriza, mas reconforta e revitaliza.

Para a mulher os conselhos são os mesmos, salvo no caso das donas de casa. Também elas deverão impor mudanças na sua vida, iniciando ou continuando estudos, voltando ao trabalho, começando novas e desconhecidas actividades. Mas o mais importante, tanto para o homem como para a mulher, é a comunicação clara e aberta com quem compartilham a vida.

Para terminar, recordamos algo fundamental: a necessidade de contar com tempo livre. De seguida vão surgir as desculpas: o trabalho, os compromissos sociais ou o colégio dos filhos. Não é uma boa resposta. Você necessita de tempo não só para ser desfrutado com a sua família, mas também para estar a sós consigo mesmo, para poder recarregar as baterias e eliminar mentalmente o *stress* do trabalho, devendo relaxar-se e tomar o seu tempo livre sem que se envergonhe, se quer continuar a ser uma pessoa equilibrada. Se assim o não fizer, não terá conseguido o equilíbrio entre a vida privada e a profissional e quando aparecem os desequilíbrios, pode fracassar em todos os campos. Lembre-se: apenas de si depende que a idade madura signifique um renascimento e muitos anos para diante, para se divertir, viver, criar e ser feliz.

Agência Europeia de Imprensa

Stress: é preciso eliminá-lo mentalmente

Comércio questiona Governo sobre restrição ao crédito

Confederação considera que medidas oficiais traduzem estilo de governação que já não é novo

O Imposto de Selo questionado e a Confederação do Comércio Português (CCP) a manifestar-se contra as medidas governamentais de restrição do crédito ao consumo. Eis o panorama recente, com a organização presidida por Manuel Gamito a afirmar, em documento enviado ao DL, que as recentes medidas oficiais «vêm mais uma vez penalizar as vendas a crédito e o aluguer de bens de consumo duradouro», que passam a ficar onerados em sete por cento.

Esse agravamento é resultado da abolição da sobretaxa para o extinto Fundo de Compensação, no qual, acrescenta a CCP, «os bens considerados relevantes para a actividade económica não eram sequer considerados».

A Confederação afirma que, no quadro de uma política económica conjuntural que visa corrigir o comportamento de alguns agregados macroeconómicos «e tendo em vista a nossa integração na União Económica e Monetária da CEE», aceita que seja pedida, a curto prazo, alguma contenção aos agentes económicos, mas com a salvaguarda de dois aspectos.

Conforme define, estes aspectos apontam para que as medidas em causa tenham uma duração limitada e não se perpetuem, «transformando-se num novo estilo de governação que não é novo» e que sejam tomadas em permanente ligação com uma política de concertação social «e que, nomeadamente,

A criação de Bordalo Pinheiro continua actual. O crédito está cada vez mais difícil

os agentes económicos, através das organizações representativas, participem, se possível, no delinear das mesmas ou, pelo menos, sejam auscultados previamente».

Expectativas e realidade

A CCP não deixa de referir que «o novo responsável pela área das Finanças tem vindo a orientar expectativas favoráveis nesta matéria», que espera sejam concretizadas, mas acrescenta que foi com «alguma surpresa e mesmo perplexidade» que tomou conhecimento do teor das recentes alterações que, «sem qualquer consulta prévia aos agentes económicos, são introduzidas no regulamento e na Tabela Geral do Imposto de Selo».

A Confederação do Comércio acrescenta que, como ficou demonstrado ao longo dos dois últimos anos, «a política de restrições ao crédito não desempenhou qualquer papel favorável sobre o comportamento dos principais agregados macroeconómicos», destacando a inflação, sem deixar de referir que não será esta a via que permitirá que as receitas fiscais aumentem, já que Portugal é, conforme diz, um País que, a nível comunitário, tem das mais elevadas taxas nos impostos indirectos.

Afirmação da CCP: está disposta a convergir com o Governo na tomada de medidas que, «salvaguardando o desejável apoio da modernização da economia e tendo presente o papel de crescente importância que cabe ao sector terciário», permitam o reforço da integração numa Comunidade onde Portugal pretende ser parceiro de primeira. «Não nos parece que as alterações impostas se insiram nesse propósito, pelo que as mesmas têm o claro sabor a equívoco», acrescenta a Confederação do Comércio Português.

B R E V E S

Apple cria fundo de risco para investir na Europa

A Apple Europa criou um fundo de investimento de 15 milhões de dólares para ser aplicado em companhias europeias na área das tecnologias de informação. O programa vai ser gerido em conjunto com a Advent International e a sua rede de empresas de capital de risco, que participam com 45 milhões de dólares no projecto. A iniciativa visa acelerar o processo de integração de novas tecnologias e aproximá-las do utilizador final. Para já, estão previstos investimentos em suporte a sistemas complexos, ligação a sistemas IBM e DEC, para além de uma maior intervenção nas áreas multimédia e Unix.

Elo e AIPortuense assinam protocolo

A Elo (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e a Cooperação) e a Associação Industrial Portuense vão assinar no dia 17 um protocolo de cooperação que visa apoiar as empresas portuguesas, proporcionando-lhes condições para aumentar as suas relações com os países em desenvolvimento, particularmente os de expressão portuguesa, nomeadamente através de um intercâmbio sistemático e regular, informação técnica e social entre as duas entidades e apoio mútuo na promoção e realização de acções junto dos respectivos associados.

SIBR: 25 projectos aprovados para península de Setúbal

Foram aprovados 25 projectos de investimento para a Península de Setúbal no âmbito do SIBR - Sistema de Incentivos de Base Regional. Os projectos totalizam um investimento na ordem dos quatro milhões e 986 mil contos, elevando-se os incentivos a fundo perdido a mais de um milhão e 670 mil contos. Prevê-se a criação de 577 novos postos de trabalho. Com a aprovação destes projectos, o investimento no âmbito do SIBR naquela zona ascende a mais de 70 milhões e 428 mil contos, sendo os incentivos a fundo perdido da ordem dos 21 milhões e 245 mil contos e os postos de trabalho criados na ordem dos sete mil.

A economia portuguesa continua sobreaquecida

Procura elevada, preços com tendência altista, estabelização do desemprego, aumento do investimento são factores que levam o Banco de Portugal a considerar que a economia ainda se encontra «numa fase de sobreaquecimento da actividade produtiva».

Na sua síntese relativa a Junho passado, o banco central revela que se continuam a verificar elevados níveis de consumo privado, embora com um abrandamente, registado em Abril, do seu ritmo de crescimento.

No que se refere ao investimento, os dados disponíveis apontam para uma inversão da tendência de abrandamento que se havia iniciado no segundo semestre de 1989.

Segundo o Banco de Portugal, o índice de vendas de cimento aumentou, em Março, 8,4 por cento, enquanto a transacção de veículos comerciais aumentou um por cento entre Janeiro e Maio.

Por seu turno, as importações de máquinas cresceram, no primeiro trimestre do ano, cerca de 32 por cento relativamente a igual período do ano passado, embora o valor de 89 tenha sido invulgarmente baixo (quatro por cento relativamente a 1988).

A liberalização da importação de produtos agrícolas está a criar um forte elo de solidariedade entre os agricultores que vão começar a dar forma à sua contestação já no dia 14 de Julho, com uma manifestação em Torres Vedras

Produtores de cereais também protestam

O Governo é «demagógico» quando afirma que a liberalização da importação dos produtos agrícolas vai implicar uma redução dos preços no produtor e no consumidor, acusa a Associação dos Orizicultores de Portugal (AOP) que, aliada a outras congéneres, junta os seus protestos aos da Confederação da Agricultura Portuguesa e da Confederação Nacional de Agricultores, que já se manifestaram energicamente contra a decisão governamental. Entretanto, a contestação vai começar a assumir «formas públicas» já no dia 14 de Julho.

António Teixeira, dirigente da AOP considera que os agricultores portugueses debatem-se com um custo excessivo dos factores de produção, cujos valores são, em média, superiores aos da Comunidade Europeia.

Aproveita a ocasião para acusar o Governo de dificultar, em particular, a actividade dos produtores de cereais, ao estabelecer os preços de campanha e as condições do mercado a 4 de Julho, quando a colheita se iniciou em Junho.

Este dirigente associativo falava após uma reunião que a AOP teve com a Associação Nacional dos Produtores de Cereais, a Associação Nacional de Produtores de Milho e Sorgo e as cooperativas de comercialização de cereais.

Embora o Governo não tenha ainda liberalizado a importação de cereais, os produtores nacionais temem que tal venha a ser concretizado a breve prazo. «O Estado recebe cerca de 20 milhões de contos em direitos niveladores da importação de cereais e esta receita é incluída no Orçamento do Estado, mas para o ano vai passar a ser uma receita comunitária», diz, para fundamentar os temores, José Manuel Bual, da Associação dos Produtores de Cereais.

Também ele se faz eco das críticas de António Teixeira à liberalização da importação de produtos agrícolas, embora esta não afecte directamente os produtores de cereais. «Estes estão solidários com os restantes sectores», afirma.

António Teixeira considera que a decisão governamental representa uma quebra do princípio da defesa dos rendimentos dos agricultores através de um mercado protegido e que foi estabelecido no Tratado de Adesão de Portugal à CEE.

As associações reunidas decidiram promover «formas públicas» de contestação ao Governo, tendo convocado uma manifestação para o dia 14 de Julho, em Torres Vedras, com o apoio da CAP.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$50	45$50
ALEMANHA FED. (marco)	86$60	87$80
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	4$018	4$268
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$10	125$60
(notas de 5 a 1000)	123$60	126$10
DINAMARCA (coroa)	22$75	23$15
ESPANHA	1$378	1$498
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	142$40	145$90
(notas de 5 a 1000)	142$90	146$40
FINLÂNDIA (marka)	37$05	37$65
FRANÇA (franco)	25$80	26$50
HOLANDA (florim)	76$85	77$95
IRLANDA (libra)	233$35	237$35
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$913	$968
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
GRÃ BRETANHA (libra)	259$80	264$30
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	102$60	104$10
VENEZUELA (bolívar)	2$616	3$416

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA

VIDEO CATÁLOGO

As melhores «coboiadas» de sempre

Tal como não se pode falar de cinema de suspense sem um longo preâmbulo acerca de Hitchcock, torna-se impossível dizer o que quer que seja do «western» sem aludir a John Ford. Pelo que enquanto não estiver editada em vídeo toda a obra do mestre, não podemos considerar disponíveis as melhores «cowboiadas» de sempre.

Há, no entanto, alguns bons princípios, passe a natureza redutora da expressão. É que um filme excepcional como «Rio Vermelho», quanto a nós, o mais belo western de todos os tempos (v. coluna «Cinco estrelas») está longe de se considerar apenas um bom princípio. Está lá tudo o que se deseja e o que nem sequer se sonha: uma magnífica fotografia a preto e branco, como ainda mandava a lei de muito bom cinéfilo, nos finais da década de 40, um sentido narrativo de primeira água e, esgotem-se os adjectivos duma vez por todas, intérpretes que, pela força dos seus muitos talentos «se vão da lei da morte libertando». De referir que este filme, sem dúvida, uma obra para guardar lado a lado com as melhores produções da História da Humanidade, foi editado em regime de venda directa pela Kodak, provando, assim, que nem tudo é irracionalidade na administração do nosso mercado videográfico. E, depois, a cópia é óptima.

Se em «Rio Vermelho», Wayne estava no ponto mais alto da sua fulgurante carreira, «O Atirador», realizado em 1976 por Don Siegel, assinala o dramático canto do cisne deste que foi o «cow-boy» mais autêntico da história de Hollywood. Nem Tom Mix lhe disputa o título.

Tal como a personagem do filme, Wayne era então um veterano das caravanas, a quem a doença vai minando o corpo e a alma, cada vez mais desenganado com uma vida que se resume a um punhado de boas e gloriosas recordações. Ao lado de Wayne duas outras figuras de Hollywood quando jovem: James Stewart e Lauren Bacall, cujo olhar, trinta anos após «The Big Sleep», é já uma sombra do que lhe valera o epíteto «the look». Coisas da vida quando se aproxima do cinema.

Outro western de peso já disponível em vídeo é «Duelo ao Sol» de King Vidor, com interpretação de Gregory Peck e Jennifer Jones, numa história de paixões escaldantes, passada numa grande planície do Far-West.

A edição mais recente neste género cinematográfico é, no entanto, «Santo António - Cidade Sem Lei». Interpretado por Errol Flynn e por uma bela secundária da Warner Brothers chamada Alexis Smith, este filme marca o regresso do primeiro ao «western» depois de muitas aventuras de capa e espada. Não é uma obra-prima, mas é uma película suficientemente ilustrativa do que eram as melhores «cowboiadas» produzidas na Meca do Cinema, há, pelo menos, quarenta anos.

M.J.M

CINCO ESTRELAS

Era uma vez no Oeste

No princípio era o «saloon» e as surtidas dos índios, à mistura com as raparigas de uma só noite nas caravanas e as raparigas de todas as noites em casas de pedra e cal. Depois, eram as modulações que cada cineasta impunha à norma. Desde Griffith até John Ford, sem esquecer os mais manquinhos de talento e recursos.

Não é o caso de Howard Hawks, para muitos a figura que melhor fez cinema nos States, quando nos States se fazia cinema com a mesma paixão e arte com que se ergueram as catedrais góticas na Europa medieval. A ele se deve muito do que seria Carole Lombard, Marilyn ou o casal Bogart & Bacall. Ao seu génio se deve também um «western» que foi o melhor de todos, realizado em 1948, com um elenco de platina: o indispensável John Wayne, os grandes olhos de Joanne Dru, a beleza e a sobriedade interpretativa de um debutante chamado Montgomory Clift.

É verdade que sem tais ovos não se cozinharia uma tão apetitosa omelete, mas não basta. Aos nomes, aos desempenhos inesquecíveis haverá que acrescentar uma soma de condimentos únicos. A intriga, por exemplo, mete muito menos coleccionadores de escalpes do que casos de amor-ódio extremo entre homens que não «deveriam» ter um pelo outro mais do que alguns vestígios de gratidão. Só que os deveres não são para aqui chamados e de Wayne com Clift passa-se a Wayne versus Clift, embora, como diz Joanne Dru, bastasse olhar para eles para perceber que esta não era uma luta entre homens que se detestavam mutuamente. E o milagre dá-se. Era uma vez no Oeste...

Há, no entanto, outras coisas pouco convencionais em «Rio Vermelho». As «mocinhas», por exemplo, são de uma tenacidade capaz de envergonhar Scarlett O' Hara e respectivo séquito de admiradoras. A primeira, logo no princípio do filme, declara a John Wayne que vai com ele porque metade do dia é noite e ele precisa do que uma mulher tem para oferecer. Ao que parece, contudo, ele não precisava por aí além: deixou-a ficar em território apache e o único filho que arranjou era um enjeitadinho de alguns doze anos, encontrado numa quinta abandonada.

A segunda já não permite hipóteses destas, não ao pai, mas ao filho adoptivo, a quem começa por ter vontade de esganar, caindo-lhe nos braços, volvidos alguns metros de fita. Os «saloons», o pianista negro atento aos pedidos de uma assistência que, enquanto o ouve, não vira a mesa sobre o parceiro da batota, são aspectos mais ou menos arredados de «Rio Vermelho» que, apesar de tais ausências, continua a ser um grande western. O melhor de todos em toda a História de Hollywood.

Maria João Martins

BREVES

Solistas do S. Carlos amanhã em greve

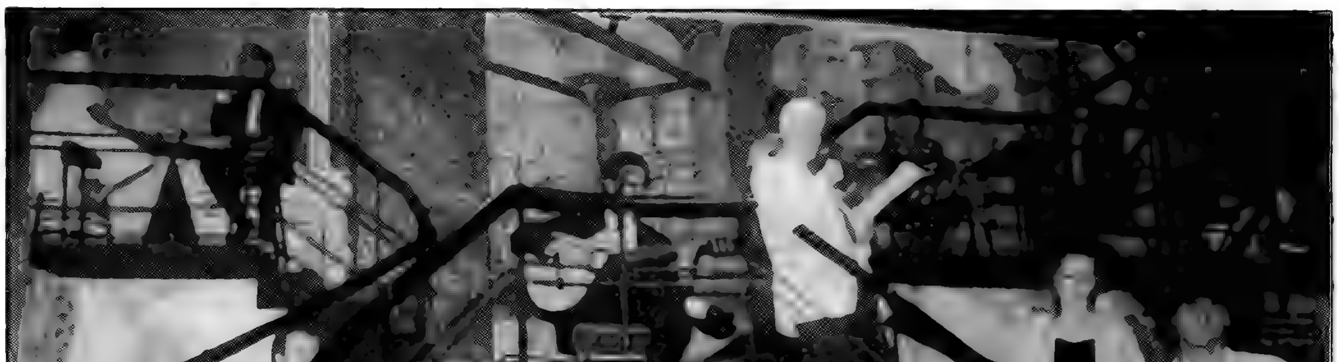
Os solistas da Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos irão fazer greve de silêncio durante o espectáculo de homenagem ao compositor Luís de Freitas Branco marcado para a noite de amanhã. O pré-aviso foi ontem entregue pelo Sindicato dos Músicos à administração do S. Carlos, seguido de um comunicado em que aquela estrutura representativa dos profissionais da música portugueses exprime o «protesto contra a inversão remuneratória verificada na estrutura artística da orquestra, resultante da aplicação de subsídio».

Greve dos museus foi suspensa

Como resultado de uma reunião entre os sindicatos da Função Pública e o Instituto Português do Património Cultural, foi suspensa a greve dos guardas de museus e palácios, convocada para as próximas semanas. O IPPC comprometeu-se a regularizar o pagamento dos salários em atraso e a criar as condições suficientes para que o horário de trabalho nos museus e palácios passe para as 35 horas semanais a partir de Setembro.

«Ventos de Leste» muda de horário na Rádio de Almada

Na Rede A Rádio de Almada continuam a acontecer coisas interessantes, para destoar do mais que se ouve por aí. O programa de Luís Manuel «Ventos de Leste», dedicado às músicas de além-Pirenéus que tenham como características simultâneas a edição no circuito independente e os ritmos dançáveis, mudou para horário mais nobre. «Rebentava» logo de manhãzinha aos domingos, quando toda a gente dormia, a agora passou para os 60 minutos úteis que vão das 22 às 23 horas, no mesmo dia.



Francisco Paraíso

Houve poesia, ontem, no Bairro Alto O Bairro Alto é bairro de poetas, por tradição popular e boémia do intelecto, mas ontem a vocação foi-lhe vestida de modo diferente. De «fato escuro», por imposição que julga porventura haver fardas para a poesia, fomos ao Bar Bairro Alto, ali aos Inglesinhos, ouvir Mário Viegas e João d'Ávila (entre outros) dizê-la de autores tais como António Ramos Rosa ou Herberto Hélder, de cá de entre nós, Drummond de Andrade, do Brasil, Aldo Lara, de Angola, Jorge Barbosa, de Cabo Verde, Noémia de Sousa, de Moçambique, ou Marcelo Veiga, de S. Tomé. A causa foi nobre e desculpou o nó apertado da gravata: destinava-se a receita do evento (2000$00 por entrada) à UNICEF.

DISCOS

Ao contrário do que a quase generalidade das práticas musicais de hoje nos querem fazer crer, ainda há lugar para a inovação. E se é, sem dúvida, necessário procurá-la, há casos que devem ser tomados a sério

À procura de um centro de gravidade

Se um músico como Yan Vagh Weinmann, recentemente editado pela Sordide Sentimental, em França, troca as suas errâncias através do jazz, do rock, das «variedades» e da música de cena por uma aplicação *«à la recherche d'un centre de gravité»* nos domínios do neoclassicismo, é porque, uma vez mais, a procura de novos caminhos pessoais se faz não pela renovação e a originalidade fundadora, como noutros tempos mais «revolucionários», mas por reposições estéticas ou de linguagem. Este jovem compositor e guitarrista húngaro surge agora com dois tipos de fascinação, em nada convergentes: um tem por objecto a música de câmara, polarizada ora em torno das cordas ora pensada para as madeiras, e o outro incide na chamada guitarra clássica. Não se trata de uma vocação plural mas, muito simplesmente, de uma ausência de personalidade.

«L'Illusion du Secret», o título deste longo trabalho em CD que não está comercializado em Portugal e apenas nos serve, nestas linhas, como exemplo de um **fracasso** imaginativo, pode ser caracterizado por uma curiosa e interessante tecitura de subtilezas várias, sobretudo nas composições de conjunto, «Dodécatuor» e «Enigma», para além de beneficiar ainda, na construção apuradamente melódica, da «objectividade» frásica e temática que vem do pop. Tudo bem, pois são esses os trunfos em jogo. O resto do naipe é pior: a música de Weinmann é declaradamente débil, e se por vezes julgamos que reside aí a sua agradável graciosidade e leveza, temos de constatar, bem depressa, que não há um corpo, uma substância, uma conteúdo suficientes para o sustento do edifício.

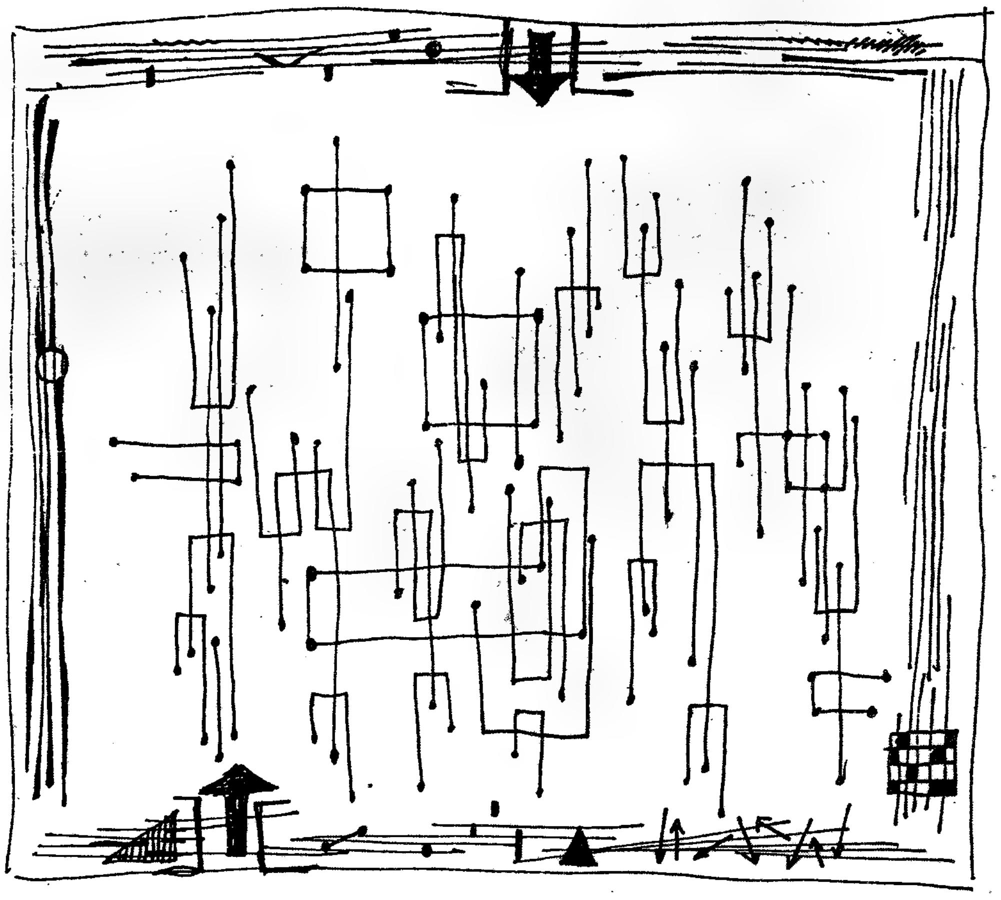
O mal não está na verificação de que os nove temas registados já foram ouvidos noutras ocasiões, já que se passa o mesmo na quase generalidade dos cenários musicais contemporâneos; damos com ele sim no demasiado esforço despendido para se cingir aos referentes. A guitarra, tocada na primeira pessoa pelo compositor, vagueia pelo legado tipológico e estilístico que é próprio desse instrumento, cita até à exaustão as fórmulas à Villa-Lobos, acrescenta-lhe uma ou outra expressão *jazzy* e junta ao todo certas feições barrocas. Os doze elementos do *ensemble* de cordas Musica Viva e o Quinteto Avant, pelo seu lado, cumprem os propósitos impressionistas das partituras, repletas de alusões satianas ou ravelianas. E temos que a serenidade dos três «Études» incluídos é afinal falsa: «L'Illusion du Secret» deixa-nos adivinhar o desespero, o pânico que antecede a queda no vazio.

Vox populi

Vivemos, pois, na ilusão de que os futuros da música encontramo-los na imitação ou, no melhor dos casos, na reformulação dos seus passados. Erro. Não há dúvida que a obra acima comentada é algo paradigmática do que se passa, mas como é *vox populi*, uma floresta esconde habitualmente as suas árvores. Se averiguarmos a capacidade inventiva e de **ruptura** em terreno da música erudita actual somos capazes de ter algumas surpresas, e para isso basta uma deslocação a algumas lojas de discos de Lisboa. Chegou há pouco um CD da New World Records, importado pela VGM, que é a ilustração cabal dessas virtudes futuríveis, ou não se tratasse disso que a indústria, na falta de melhor termo, vai designando como New Music.

Keith Jarrett, improvisador sem definição, pianista do jazz *standard*, intérprete de Bach, Mozart, Barber, Stravinsky e Bartok, protagoniza o «Piano Concerto» e a «Suite for Violin, Piano and Small Orchestra» de Lou Harrison, este um adversário do *establishment* musical americano de que finalmente se começa a falar. O seu ponto de partida não é muito diverso dos experimentados por outros compositores que atravessaram as fronteiras do academismo: a alternativa para Harrison, como p. ex. para LaMonte Young (com a diferença de que, ao contrário deste, nunca se inscreveu na escola do minimalismo) foi o estudo aprofundado das práticas orientais, e a sua conexão com as disposições admitidas no Ocidente, segundo o modelo do Esperanto. Não é o exotismo que move este compositor de San Francisco, contemporâneo de Cage, mas a **diversidade**.

Para equivaler às concepções interpretativas da New Japan Philharmonic, dirigida pelo nipónico Naoto Otomo (o disco foi gravado em Tóquio), Jarrett teve de rever integralmente a intonação do piano. Poderia terse adequado às afinações habituais no Extremo-Oriente, mas Lou Harrison introduziu um elemento inesperado - já não é o piano «bem temperado» aquele que ouvimos, seguindo o procedimento instituído a partir de Joan Sebastian Bach, mas o anterior, permitindo as contra-medidas dos sistemas medieval, renascentista e barroco. Assim se chegou à «lógica» do todo composicional e interpretativo, tendo em conta que Keith Jarrett não deixaria de fazer pesar as suas leituras: uma inquietude rítmica bastante elaborada, paradoxal mesmo, tem a simetria de uma pujança harmónica próxima do inédito. Isto é: se a música de Weinmann é uma súmula de efeitos, a de Harrison, com Keith Jarrett, é evidentissimamente uma **música de processos**.



Uma composição musical (??) de Haubenstock-Ramati

Música e grafismos

Da distância entre a composição (ou, para ser mais exacto, a notação musical que lhe serve como base) e a interpretação, ocupa-se «Music & Graphic», um Wergo distribuído pela portuense Mundo da Canção no qual Zsigmond Szathmary toca no seu órgão «meditativo» obras de Cage, Haubenstock-Ramati, Matsushita e Vetter. Está igualmente em causa, neste título, a emancipação relativamente aos entendimentos musicais correntes, sobretudo no que respeita a um corte da execução musical com a música notada graficamente, no papel. Com o subtítulo «organ improvisations», o disco é explícito do que pretende, aliás. Nada de especial, à partida, a não ser que para estas improvisações Szathmary não precisou de lançar pontes ao jazz, género que alguns críticos e musicólogos, e até músicos, insistem em caracterizar apenas e somente pela derivação improvisacional (leiam-se por exemplo as infelizes declarações de Paul Horn transcritas em «New Sounds», livro de John Schaefer). Trata-se, aqui, de música improvisada e nunca de jazz, ainda que confirmemos as influências que um Cage terá recebido da música negro-americana.

É devido ao facto, diga-se de passagem, que resultam tão **radicais** as implicações da transmutação de anagramas e grafismos como os de um Shin-ichi Matsushita, que dispõem de uma qualidade indiscutivelmente plástica e pictórica, em pura construção sonora. Até por um aspecto em particular: quem é, na verdade, o autor dos cinco temas incluídos? «Omaggio a Gyorgy Ligeti» é do organista ou do homenageado? E «Der Kreis» é mais do budista alemão Michael Vetter ou de Zsigmond Szathmary? «Music for Carrillon Nº5» é propriedade de John Cage ou do seu intérprete? «Ohne Titel» depende mais das anotações de Roman Haubenstock-Ramati ou da metamorfose operada pelo executor? E «Konzentration», do «compositor» (??) japonês citado, a quem pertence efectivamente? É um problema que, bem considerado, dispensa a solução, pelo menos se valorizarmos devidamente a máxima que Niksa Gligo deixa exposta nas notas deste compacto: «A notação estaria divorciada da música se não permitisse uma realização interpretativa sem restrições, enquanto acto criativo do intérprete.»

É evidente que o órgão não podia fugir a uma categorização que foi sempre sua, conotada secularmente com a música sacra. Nem, no fundo, era isso o que se propunha. As teorias aurais, elípticas, da electrónica e da *systems music*, influenciadoras de muito do que encontramos em «Music & Graphic», não desmentem conceptualmente a essência da música de exaltação cristã; transpõem-na. O que, de resto, faz sentido. A circunstância descrita (ou talvez a **condição**) é semelhante à de Giacinto Scelsi, o «não-compositor» por excelência. A Wergo, graças à representação portuguesa da Mundo da Canção, pôs também a circular entre nós um surpreendente «Canti del Capricorno», entregue à voz de Michiko Hirayama. A «condição», precisamente, do músico criativo é por si só oposta à tradição musical do Ocidente. Scelsi, entenda-se, é um «anti-Boulez», pouco lhe importa cultivar a forma ou a estrutura - o som, esse sim, é a matéria que lhe está conforme.

No horizonte

Interessam-lhe os timbres, os microtons, a alteração minimal, interna, de cada «cor», já que se trata de um trabalho intensamente cromático. Ao ouvirmos a cantora japonesa que o «interpretou» nas dezanove pequenas canções (!) da edição, só podemos concluir uma coisa: a opção pelo fim de certos ilusionismos estéticos presentes, justificados pela regra «erudita» da complexidade, permitiu-nos reconhecer na obra em questão, ainda que projectadas num **horizonte imaginário**, uma naturalidade espontânea e uma essencialidade primitiva da música tão extremadas que, entre as metodologias do acaso de um lado (o Cage dos anos 60, mas igualmente Stockhausen) e os procedimentos numéricos e matemáticos do outro (um Cage mais actual), é uma Terceira Via que se abre, uma via que pode ser boa para Giacinto Scelsi e mais ninguém porque já não é o pioneirismo, mesmo nas hostes que continuam a tentar a ruptura, o que ocupa os músicos de hoje.

Pode até ser que o italiano Franco Donatoni, desculpando uma parte do seu percurso com os princípios «autodestruidores» da indeterminação cagiana de outrora, troque essa filiação pela «transformação de materiais históricos já constituídos» e consiga apesar disso ser «novo». Para confirmar essa sua disposição basta ouvir «L'Ultima Sera», pelo agrupamento de câmara Musique Nouvelle com o destaque da *mezzo-soprano* Françoise Kubler e versos de Fernando Pessoa. Consta a peça, indesmentivelmente bela, numa colectânea da Ricercar, importada pela VGM e dedicada às «novas atitudes e virtuosismos» do festival Ars Musica, todos os anos organizado na Bélgica mas com uma dinâmica multiplicada em várias frentes, não se limitando ao seu período de duração. Ainda mais nos ajuda: há espaço para a inovação, subjectiva, íntima, irrepetível que seja.

Rui Eduardo Paes

Santana Lopes divulga projectos para o futuro

Em conferência de imprensa concedida pelo secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, foram apresentadas as linhas gerais do programa «1990-1994: Cultura, anos de projecção» que inclui um conjunto de iniciativas nos âmbitos do teatro, dança, cinema, promoção do livro e fotografia, das actividades da Direcção-Geral dos Espectáculos e dos Direitos de Autor, das Relações Internacionais e Comunidades Europeias, da Lei do Mecenato, Património e Política da Língua portuguesa.

No campo do teatro, foi aprovado um novo regulamento de apoio a esta actividade que anualmente, através de um subsídio, permitirá à criação de infra-estruturas e equipamentos numa cidade portuguesa, onde se realizará também um festival de cinema. Também será feita uma redistribuição das verbas para incentivo ao teatro, das quais 50% se destinarão directamente aos grupos e outro tanto à recuperação das principais salas de espectáculos. A SEC pretende ainda explorar uma sala própria, para estímulo de novos valores e tendências cénicas.

Os interiores do Teatro Nacional D. Maria II serão beneficiados, tal como o Parque Mayer. A este propósito, está prevista a reconstrução do Teatro Variedades e a fachada principal daquele espaço de diversão.

No âmbito da museologia, confirmou a manutenção do Museu de Arte Popular e a sua inserção no projecto de revitalização e animação da zona ribeirinha e do eixo museológico Coches-Jerónimos-Torre de Belém-Centro Cultural de Belém-Ajuda.

Para esta zona ribeirinha, Santana Lopes alimenta ainda o projecto de recuperação da antiga galeria de arte moderna e a sua conversão para armazém do guarda-roupa de Belém.

Neste ambicioso projecto também a arqueologia não foi esquecida, nomeadamente a arqueologia subaquática, relativa ao espólio dos galeões naufragados na costa portuguesa, ao longo dos tempos.

Quanto ao cinema, a SEC vai introduzir escalões diferenciados de apoio à produção cinematográfica, no qual serão ponderados a percentagem de participação de capital não estatal no financiamento do filme e o sucesso de bilheteira registado em trabalhos anteriores do mesmo autor. O actual Prémio do Instituto Português de Cinema virá também a ser aumentado. A grande novidade respeita, sobretudo, à nomeação de António Pedro Vasconcelos para a coordenação do Secretariado Nacional para o Audiovisual Português e à criação de um novo museu de cinema.

Este projecto inclui ainda a programação da RTP, pois a SEC quer financiar um espaço regular destinado à divulgação de livros e autores.

«Revista de Cultura Açoriana» já vai no número dois

As ilhas no interior

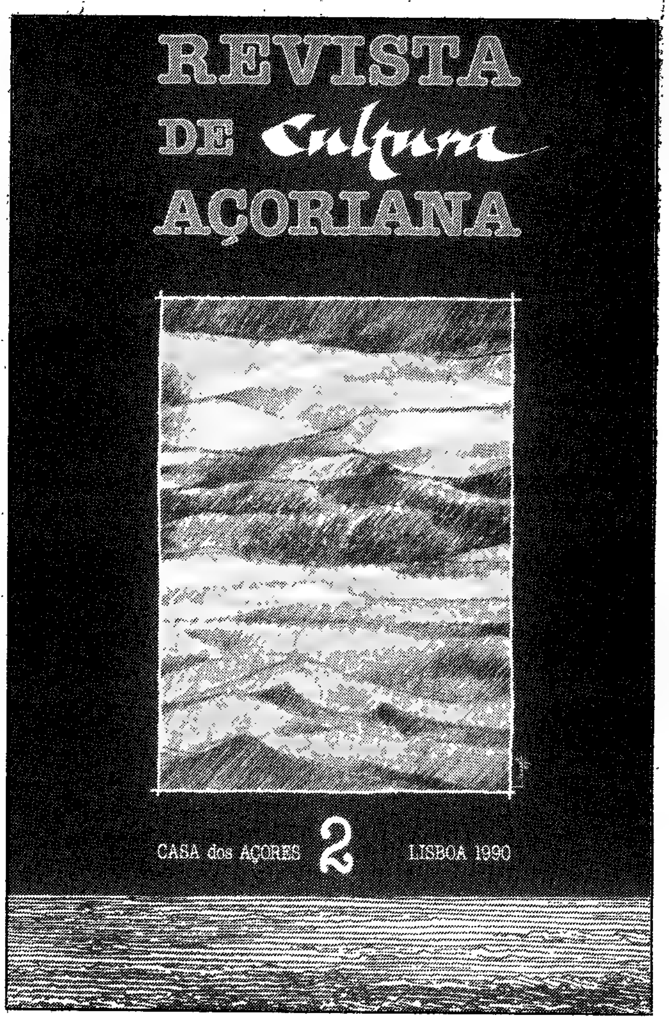
É verdade que não existe, entre nós, um espírito segregador relativamente às coisas de cultura que nos chegam dos Açores. Antes pelo contrário. Segundo Maria Leonor Carvalhão Buescu refere no nº 2 da «Revista de Cultura Açoriana», «vultos ilustres das letras portuguesas como Teófilo Braga, Antero de Quental, Vitorino Nemésio são pensados integrativamente», em relação com os seuas pares nascidos fora dos Açores». Mas também não deixa de ser um facto que, para além destes e talvez de Natália Correia ou de João de Melo, acrescentados nos últimos anos à lista dos autores consagrados e nascidos em terra insular, poucos são os escritores do arquipélago que se livram da prateleira dos «perdidos e achados». Isto para não referir as manifestações de cultura popular de que não há qualquer memória ou sentido de preservação.

A situação tendia a autoperpetuar-se, no interior de um ciclo vicioso. Os estudiosos do continente, ontem como hoje, não se sentem tentados a partir de armas e bagagens, em busca de eventuais tesouros artísticos, para uma paisagem de águas sulfurosas e picos abruptamente erguidos. Permanecem recostados nas cátedras da capital a falar de insularidade, isolamento e recessão demográfica sempre que os Açores vêm à baila no decorrer de uma palestra a que convém assistir.

Mas à medida que o tempo passa, também os Açores mudam, mesmo que o presente pareça hierático e imóvel. Os açorianos não querem continuar de fisionomia triste, por trás das vidraças «à espera de quem passa» e acaba por não passar.

Por isso, a «Revista de Cultura Açoriana», publicada pela Casa dos Açores, já vai no seu segundo número, apresentando um conjunto de textos de inegável qualidade e interesse acerca da literatura escrita e oral produzida no arquipélago e sobre o arquipélago.

Antes de mais, é de realçar o facto destes textos, escritos numa linguagem facilmente inteligível, cobrirem uma faixa temporal tão ampla quanto possível, veiculando, assim,



uma perspectiva evolutiva da literatura açoriana, perspectiva que, de resto, também é quase novidade nos estudos do género.

Manuel da Costa Fontes apresenta, por exemplo, um breve, mas curioso artigo acerca do romanceiro da ilha Terceira, cujos temas remontam, pelo menos, ao século XVII. São histórias de príncipes, infantas, navios errantes pilotados pelo demónio, que o autor do artigo ouviu às mulheres da sua ilha, mesmo quando imigradas na Califórnia.

Os outros textos incluídos na publicação, não se debruçando sobre outros assuntos da chamada cultura popular, não deixam, no entanto, de nos mostrar as ilhas vistas no interior.

Se alguns artigos se referem a temas mais ou menos conhecidos da cultura açoriana (a insularidade de Nemésio, a obra dita de denúncia de João de Melo, de quem também é publicado um conto neste número), outros valem pela originalidade das questões que trazem a debate.

Refiram-se, sobretudo, os bosquejos biográficos de outros tantos autores até agora menosprezados. O primeiro é escrito por uma não açoriana, Maria Leonor Carvalhão Buescu, e toma por objecto de estudo o trajecto artístico de António de Lacerda Bulcão. O segundo é assinado por António Manuel Couto Viana, centra-se na personalidade alegre e muito culta do cônsul Félix Horta que terá consagrado parte do seu tempo à poesia, ao desenho e, «last but not the least», também ao jornalismo, como correspondente do «Diário de Notícias».

Quanto a António de Lacerda Bulcão, foi contemporâneo de Camilo, Eça, Júlio Diniz e sai normalmente maltratado da comparação com a prosa dos «monstros sagrados». Ou melhor, sairia se fosse suficientemente lido para proporcionar juízos de valor fundamentados. Mas, diz Maria Leonor Carvalhão Buescu, também as pedras miúdas contribuíram para o desenvolvimento das letras portuguesas. Este homem que titulou romances à moda de Camilo, que fez uso de uma fina ironia de tipo queirosiano e de uma concepção idílica da sociedade, muito ao jeito de Júlio Diniz, foi, no entanto, senhor de uma originalidade muito insular.

Com efeito, é no espaço açoriano que se desenvolve a acção dos seus trinta livros, fossem eles romances históricos, naturalistas, fantásticos ou uma mistura de tudo isto.

O número dois desta «Revista da Cultura Açoriana» publica, ainda, uma carta inédita de Eça de Queiroz endereçada a João Machado de Faria e Maia e um texto de Eduíno de Jesus, director da publicação, acerca do «ser da ilha» e «ser de Portugal». Em matéria de epistolário, João Afonso refere-se à importância das cartas, também inéditas, de Carlos de Mesquita para Manuel da Silva Gaio, em que se discorre sobre temas literários e até sobre os costumes das gentes insulares.

Esta recensão não se podia dar por terminada, sem aludir ao artigo de José de Almeida Pavão que abre o segundo número da revista. Corria o ano de 1924. O jornal «O Correio dos Açores» convidou um grupo de intelectuais do continente para redescobrirem e darem a redescobrir o arquipélago que, então, muito mais do que actualmente, era para os continentais quase tão ignorado como as ilhas encantadas, onde rezavam as lendas, Dom Sebastião, aguardava melhor ocasião de se fazer aparecido. Entre os visitantes contava-se Oldemiro César, enviado especial do «Diário de Notícias» que, a propósito da viagem, veio a publicar um livro-reportagem de tom globalizante sobre a vida nos Açores — onde escrevia o repórter — «não se vê uma criança de cara suja, uma casinhota que não tenha cortinas brancas, um pobre que mendigue uma esmola a quem passe».

Meses depois era Raul Brandão quem se deslocava ao arquipélago e concluía que o homem açoriano era talhado à imagem e semelhança da paisagem apocalíptica que o envolvia. Assim justifica o autor de «Húmus», a recessão demográfica que já em 1924 era patente na ilha do Corvo. A pressão do meio demográfico, acrescenta José de Almeida Pavão, repele o homem, sobretudo quando este é jovem e dado a sonhos.

O terceiro dos visitantes continentais que escreveu sobre os Açores chamava-se Hipólito Raposo. Não parecia simpatizar por aí além com o salazarismo militante dos anos 30 e, por tal «crime», foi exilado para a Graciosa. Só que o estudo que ele ali viria a empreender era, ainda uma demonstração de apego ao continente, ficando-se por salientar as afinidades dos ilhéus com os hábitos dos portugueses «de Portugal».

São textos de homens que mentalmente se formaram numa realidade de todo estranha ao modo de viver numa pequena ilha e, pelos quais, passam muitos sinais de um velho sentimento de estranheza que a «Revista de Cultura Açoriana» se propõe agora debelar.

Maria João Martins

* *«Revista de Cultura Açoriana» nº 2, director: Eduíno de Jesus, mil exemplares, preço: 500$*

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

V. 220

9.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Processo n.º 87/90 2.ª Secção

O Doutor Graça Maria Lima de Figueiredo Amaral

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos, do executado FIGUEIRA — COOP, Cooperativa Agro-Pecuária de Figueira de Castelo Rodrigo, com sede em Figueira de Castelo Rodrigo, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária — movida por MANUEL GARRIDO & GARRIDO, Ld.ª, com sede em Lisboa na Rua dos Bacalhoeiros, n.ºs 32 B e C, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 27 de Junho de 1990

O Juiz,
Graça Maria Lima de Figueiredo Amaral
P' O'Escrivão de Direito,
Beatriz Fernanda Marques Ribeiro M.

«DL» — 11/7/90 — 1.ª Pub

Apresentada no Museu do Traje, a nova revista de «Artes Plásticas» herda o miolo da defunta «Artista», vestindo-se - graficamente - demasiado à «Artes e Leilões»

E vão duas

Pode parecer um paradoxo mas, embora unanimemente considerado irrelevante, o panorama das artes plásticas em Portugal regista uma apetência crescente por agentes que - apoiados na atenção reflexa dos órgãos da Comunicação Social, a mais das vezes deficiente e raramente (in)formativa - já não hesitam em dar-lhe forma editorial, traduzida pelas publicações referidas e quando se anuncia uma terceira.

Por outro lado, é de ter muito em conta a tomada de posição da revista do semanário «Expresso» ao convidar Antonio Muntadas a fazer um projecto para a sua última edição, atitude extensiva a outros artistas.

A participação de Muntadas reveste-se de particular interesse tanto mais que o artista catalão se deslocou recentemente a Serralves para participar num *workshop* sobre vídeo-arte, com John Wyver, encontrando-se a estudar a possibilidade de fazer uma instalação na Galeria Almada Negreiros/SEC, em Lisboa.

Esta

A revista «Artes Plásticas» é dirigida pelo advogado e conhecido coleccionador Jorge Botelho Moniz, e administrada por José Ferreira. Ao reassumir a direcção editorial, que lhe vinha da extinta revista «Artistas», Afonso Almeida Brandão transporta para esta o mesmo posicionamento face a um determinado segmento do exténso espectro das artes plásticas portuguesas. Gonçalo Lucena e Rosa Maria Galveias Rodrigues são os directores comerciais, prestando Ana Maria os Serviços de Apoio. Fernando Bento responsabiliza-se pelo departamento fotográfico.

Com um tiragem de oito mil exemplares, distribuídos pelo grupo Editorial NOBAR, a jovem revista «Artes Plásticas» tem uma periodicidade mensal e o preço de capa de 500 escudos.

Em «Editorial», Jorge Botelho Moniz defende "uma colaboração e uma sã competitividade no sector", e que a revista seja "também um *palco aberto*, sem compromissos e isento de tendências". O objectivo, "através de um jornalismo especializado", é a defesa das "chamadas Belas Artes, o brasão temporal de uma sociedade, designadamente das nacionais, ainda desconhecidas por uns, pouco consideradas por outros e adquiridas apenas por alguns".

Considerando que é "já um lugar comum falar da entrada definitiva na CEE e nas consequências do mercado único", a dado passo do seu extenso «Editorial», o director da revista «Artes Plásticas» "não pode deixar de se lamentar que os mecanismos promocionais, públicos e comerciais, tardem em iniciar claramente um movimento inverso em defesa dos nossos artistas, sob pena, se não da sua sobrevivência, pelo menos do seu projecto".

Mais adiante, e estando "fora de causa que possuímos artistas de indiscutível qualidade e que seriam sobejamente conhecidos se não tivessem nascido em Terras Lusas", Jorge Botelho Moniz alerta as galerias "para que não venhamos a perder os mais dotados numa *emigração* definitiva e *conquistada* por agentes comerciais estrangeiros mais afoitos e por antecipação ao nosso tradicional receio de investir em acções de lucro não imediato".

Finalmente, zurze - a despropósito - as vicissitudes do seu "afastamento da Comunicação Social como dirigente", justificando o seu "regresso, não *permitido* até agora pelos difíceis e íngremes caminhos da justiça (?), por esta estrada de uma outra estética".

Comprende-se (mal), até a nível ético, que se pretenda transportar "na estrada de uma outra estética" a estética radiofónica, quando esta subscreve em nome da Rádio Comercial, a páginas 26, um anúncio de página em quadricromia...

A prestação redactorial da revista «Artes Plásticas» faz-se em regime de colaboração. Neste número, além das entrevistas que Afonso Almeida Brandão faz a Mestre Gil Teixeira Lopes, e Joaquim Saial ao escultor Álvaro Carneiro; Rocha de Sousa analisa "O sentido do drama em Luís Dourdil"; Almeida Brandão opina sobre "A proliferação da má pintura"; José Meco escreve sobre "Os painéis de azulejos da Embaixada de Portugal em Brasília e a Obra de Querubim Lapa», e Serafim Ferreira sobre Espiga Pinto e "O sentido poético da sua escultura". Maria Teresa Dias Furtado analisa, por sua vez, a "Intertextualidade das artes" em Margarida de Cepêda. "Bernardii - uma proposta que nos chega do Brasil" e notícias sobre a actividade comercial, museológica, leiloeira e a edição especializada (urbanismo e *design*) completam o primeiro número da revista, que dedica apenas uma página à fotografia através da reprodução de um trabalho de Agostinho Gonçalves.

Não colaboram neste número, embora constem na ficha técnica, Carlos Lança, Carlos Homem de Sá, Edgardo Xavier, Elsa Rodrigues dos Santos, Eurico Gonçalves, Fernando Pernes, José F. Guimarães, Jorge Guimarães, José de Aguiar, Joaquim Matos Chaves, Manuela Synek, Manuel Brêda Simões, Rui Mário Gonçalves, Shabnam Gulamhussen e Veríssimo de Melo.

O corpo

Copiando a «Artes & Leilões», a revista «Artes Plásticas» é graficamente apetecível, embora uma cópia nunca valha um original. Privilegia a ilustração e a qualidade das reproduções, embora outro tanto não se possa dizer da atenção dispensada ao texto. Impresso a quatro colunas, em corpo demasiado pequeno, o texto composto a negro adquire uma mancha injustificável. Adopta, e bem, as caixas complementares, embora apenas a grade e o *grisé* façam a separação do corpo do texto, e não uma outra distribuição do mesmo.

A publicidade é equilibrada e aceitavelmente distribuída ao longo das 84 páginas (capa incluída), pautando-se pela ausência da capacidade inventiva que lhe é inerente. Exceptua-se, obviamente, a qualidade das agências omnipresente em diferentes publicações.

A capa não tem o impacto indispensável a uma revista que se reivindica de artes plásticas, menos aceitável ainda tratando-se do seu primeiro número. A fotografia é má, e é inaceitável que não se tivesse corrigido o erro.

Se quem vê caras não vê corações, quem quiser ver tudo verá que à revista «Artes Plásticas» o que lhe falta é alma. Ou que desta já estávamos servidos.

Jorge Fallorca

La Fontaine uma obra de génio, uma vida sem talento

Não há ninguém que não tenha ouvido falar do fabulista. Todavia, nada de preciso se conhece sobre a sua vida. Roger Duchêne conduziu a investigação.

Escrever uma biografia de La Fontaine tem o que se lhe diga: este homem não tem vida; poucos escritores se terão escondido tanto por trás da sua obra, uma obra que, além do mais, nada tem de confessional.

É claro que não faltam anedotas sobre o «Bpnhomme»! Muitas fábulas correm acerca do autor das «Fábulas». Roger Duchêne faz-lhe justiça: o poeta nunca esqueceu um jantar para ir ao enterro de uma formiga; e também não passou as suas noites no cabaré «La Pomme de Pin» com Boileau, Racine e Molière segurando numa mão a pena e na outra o copo...

Depois de raspar o vérniz da lenda, o que é que fica? Poucos factos comprovados. Nada se sabe dos sentimentos que La Fontaine nutria pelos pais nem dos sentimentos destes para com ele e também quase nada se sabe a respeito da sua educação. Ignora-se a razão por que este filho mais velho de uma família a quem a sociedade não impunha que seguisse a carreira eclesiástica escolheu aos vinte anos, tomar ordens e o porquê de dois anos mais tarde as ter abandonado. Também se desconhece a evolução das suas relações com a mulher com quem casara por interesse, mas com a qual parece ter vivido em boa harmonia durante vinte anos. Ignora-se também como é que deu cabo da sua fortuna: é evidente que este abastado burguês não se arruinou por se ter tornado poeta — nesta época, os poetas, ainda que libertinos, não eram malditos! O mérito de Roger Duchêne reside precisamente na tentativa de clarificar a situação material do fabulista através de documentos notariais existentes. É assim que tomamos conhecimento que, aos quarenta anos, La Fontaine dispunha de uma fortuna sensivelmente superior à de Madame de La Sablière, a benfeitora que, quinze anos depois, o recolheu sem um único tostão.

A preguiça do poeta não chega para explicar um descalabro tão rápido: mesmo sendo mau gestor, La Fontaine possuía o suficiente para viver sem fazer nada; para mais, o seu último biógrafo refere que, embora ele nunca tenha obtido uma pensão régia, as suas obras lhe renderam substanciais proventos. Então como é que este simpático parasita, que toda a vida comeu, dormiu e se serviu da casa dos outros (primeiro foi o tio, depois Madame de La Sablière e os Hervart) sem abrir os cordões à bolsa, este provinciano de gostos simples que não frequentava a corte nem assumia qualquer encargo apenas «para se dar ares», conseguiu devorar, em tempo record, rendimentos e capital?

Um «fraquinho» pelos dados

Não foram as suas despesas com a família - tinha um único filho - que o levaram à miséria, nem tão pouco os seus amores - sempre de baixa extracção, conforme refere Ninon, pastoras ou criadas de hospedaria, que, embora venais, não lhe deviam custar muito caro... Roger Duchêne avança com a única hipótese que resta: o jogo. É uma realidade que, no seu discurso de entrada na Academia Francesa, La Fontaine confessa ter, como muitos dos seus contemporâneos, uma reprovável tendência para as cartas e para os dados. Também é verdade que em casa de Madame de La Sablière se jogava muito e que La Fare, o último amante da dama, viciado na «bassette», fazia da casa um autêntico casino. Seria divertido imaginar que Madame de La Sablière abrigava o fabulista da mesma forma que os casinos alojavam à sua custa certos «habitués» no hotel mais próximo... Mas, por falta de informação, é afirmação que não podemos fazer!

Com uma vida tão superficial e tão desordenada não conseguimos sequer captar a personalidade do escritor. A obra, toda ela feita de falsas confidências («Abusa-se da verdade», indignava-se o fabulista) não contribui muito para penetrar no recôndito desta alma, mais tortuosa do que à primeira vista parece. Será que achamos o autor dos «Contos» um epicurista? Sabemos que, embora gostasse de mulheres e de bom vinho, se manteve toda a vida próximo dos jansenistas e que depois da sua morte se descobriram em sua casa cilícios e disciplinas que não eram propriamente de um Tartufo. Terá sido, como continua a afirmar-se, um coração sensível, um amigo fiel? Embora seja verdade que foi leal para com Foucquet, seu primeiro protector, verdade é também que essa fidelidade não durou muito: dois anos após a queda do superintendente, os seus versos elogiavam Colbert, o «demolidor» do mecenas - «Mudam-se os tempos, mudam-se os poetas», escreve Roger Duchêne. E para acabar de vez com esta lenda, podemos acrescentar que La Fontaine, para agradar à Academia, também não hesitou em trair a amizade de cinquenta anos que o ligava a Furetière... Em suma, um verdadeiro homem de letras!

«O céu fez de mim autor», concordava o próprio poeta; e é exactamente por isso, independentemente de qualquer consideração psicológica e moral, que ele nos interessa. O La Fontaine anterior ao La Fontaine (só aos quarenta anos é que começa a publicar a sua obra) não tem nada de verdadeiramente exaltante. O outro, «sempre à coca do que está na moda», topa-a-tudo da vida literária (apesar do seu êxito ter sido com os contos e as fábulas, ele experimentou todos os géneros, da epopeia à ópera e à elegia), prova, com o seu sucesso, o aparecimento de um novo gosto literário - o fim dos «grandes géneros» - e ilustra bem o momento em que, utilizando a expressão de Marc Fumaroli, a tradição do humanista, para sobreviver, deve «resignar-se a imitar não o Grande Veículo, mas sim o Pequeno».

Na verdade, La Fontaine, que soube agradar a este jovem público das letras - um público mundano, vivo e inconstante -, viveu apenas para e pelas palavras. Nele não encontramos nenhuma das grandes paixões e dos elevados propósitos que nos seduzem nas biografias de Victor Hugo, de Voltaire, de Balzac ou de Georges Sand. O fabulista deixa atrás de si uma obra de génio e uma vida sem talento: antes isto que o contrário.

Françoise Chandernagor
Serviço exclusivo «Le Monde»/DL

Tradução de Maria Otília Moreira

DESPORTO

Vitória de Setúbal aposta com pés no chão

Todos os anos o Vitória de Setúbal capricha em reunir-se com a Comunicação Social no dia da apresentação dos seus futebolistas. Ontem, isso novamente aconteceu, com o presidente Fernando Oliveira, o vice Rui Salas e outras figuras da directiva sadina a divulgarem (ante o presidente autárquico Mata Cáceres e mais nomes grandes da vida vitoriana) os elementos que, na próxima temporada futebolística, vão trabalhar sob as ordens do técnico José Romão, do seu adjunto Piruta e do preparador físico Radisic.

A nota de maior destaque foi revelada por Fernando Oliveira durante uma visita às novas instalações da Renault em Setúbal, de que o presidente do Vitória é concessionário: o defesa central internacional Sobrinho (vindo do futebol francês), junta-se a outros novos reforços (Amâncio, do Penafiel; Nando e Sérgio, do Rio Ave; Nunes (Marítimo), provavelmente, ainda mais dois jogadores que devem firmar contrato na tarde de amanhã.

Este grupo de atletas reúne-se aos que transitam da temporada anterior: Aparício, Carlos Freitas, Crisanto, Dito, Figueiredo, Gil, Monteiro, Hélio, Jaime Pacheco, Jorge Martins, Jorge Ferreira, Juvenal, Makukula, Mladenov, Paulo Sérgio, Quim, Rui Correia e Serra. Entre os jogadores que foram dispensados a outros clubes contam-se Edward, Gil, Quinito, Flávio, Lufemba, Dadá, Mendes e Vítor Madeira.

Fernando Oliveira em declarações ao «DL» e à Rádio Renascença (Ribeiro Cristóvão)

Segundo o presidente Fernando Oliveira *«houve a preocupação de efectuar um número reduzido de aquisições, pelo facto de existir dentro do actual grupo um elevado número de profissionais e termos de encarar a época com os pés bem assentes no chão e não voltando a gastar o velho slogan de que queremos um 'team' para a Europa. No ano futebolístico que passou, o Vitória foi manifestamente prejudicado por vários Conselhos da Federação, chegando-se ao incrível de um comissário de Polícia local mandar repetir um jogo do campeonato!*

«Por isso repito: não vamos baixar os braços, mas do mesmo modo não podemos ter horizontes desmedidos. Há acasos que só por muita sorte nos podem beneficiar: ou não fazer cair... Há muitos problemas em torno do futebol e só a bola está completamente isenta e actuando com toda a honestidade!»

Para o novo técnico (José Romão), *«o Vitória de Setúbal é uma equipa de grande prestígio e o 'plantel' é altamente profissional e suficiente para fazermos um bom campeonato»*. Na sua intervenção, José Romão acrescentou que *«as aquisições foram as possíveis, faltando ainda dois avançados. Estamos certos que mesmo com as responsabilidades acrescidas, o nosso objectivo será atingido«*, acrescentou.

O Vitória de Setúbal, contrariamente, ao que estava previsto, já não se desloca à Holanda, fazendo toda a sua preparação no Estádio do Bonfim. A 1.ª apresentação pública da equipa deverá ocorrer no 4.º Torneio Internacional da Costa Azul dias 10 e 12 de Agosto. Num quadrangular, além do Vitória de Setúbal participam o Belenenses, Estrela da Amadora e a equipa espanhola do Saragoça.

O corpo clínico que vai apoiar o Departamento de Futebol do Vitória integra os médicos drs. Henrique Jones e Fernando Refacho e os massagistas Joaquim Cotovio, João Nunes e Magno Marta, estando o secretariado do grupo técnico entregue a Ilídio Gomes e o sector de «marketing» a Policarpo de Freitas. De notar que o júnior Beto foi ontem promovido a futebolista profissional.

Escutando a palavra do presidente

Acabou o purgatório

Já há ingleses no futebol uefeiro

Finalmente: a UEFA decidiu autorizar o regresso imediato de equipas inglesas às competições europeias de clubes, à excepção do Liverpool, que continuará, suspenso por mais três anos.

«Decidimos, após uma larga discussão, permitir o regresso do Aston Villa (Taça UEFA) e do Manchester United (Taça das Taças), anunciou o presidente da UEFA (Lennart Johansson) no final da reunião da comissão executiva daquele organismo.

Os clubes ingleses foram suspensos das competições da UEFA em 1985, depois da tragédia de Heysel Park, em que 39 pessoas morreram na final da Taça dos Campeões Europeus, entre o Liverpool e a Juventus.

«Aconteceu exactamente o que eu esperava«, afirmou Bert Millichip, presidente da Associação Inglesa de Futebol, que tinha apresentado à UEFA um pedido formal para a readmissão dos clubes nacionais, apoiado num relatório do ministro dos Desportos, Colin Moynihan. *«Ele* (Moynhian) *disse considerar que a suspensão já não se justificava«*, declarou Millichip, referindo-se ao documento do ministro dos Desportos, que incluía uma carta pessoal de três páginas acompanhada de mais de 15 folhas de informação suplementar.

Apesar de ter apoiado a readmissão dos clubes ingleses Moynhian defendeu (em Londres) a necessidade de proibir a deslocação dos adeptos ingleses a jogos que designou de *«particularmente sensíveis«* e a implementação de medidas de segurança contra o *«hooliganismo«*. A suspensão do Liverpool por três anos tinha sido decidida logo em 1985 (na sequência da tragédia de Heysel) e deveria entrar em vigor logo que as restantes equipas fossem readmitidas.

Millichip afirmou que a Associação Inglesa não apresentou à UEFA qualquer pedido sobre a redução ou anulação da pena imposta ao Liverpool, clube responsável pela suspensão das equipas nacionais. No entanto, Millichip anunciou que caso o balanço do regresso dos clubes nacionais às competições europeias seja positivo, a Associação Inglesa poderá tentar reduzir a suspensão do Liverpool.

Após a decisão de ontem, o Manchester United já foi incluído no sorteio para a 1.ª eliminatória da próxima edição da Taça das Taças e o Aston Villa (2.º classificado no campeonato nacional, atrás do Liverpool) disputará a Taça UEFA.

O Mancester United foi a 1.ª equipa inglesa a participar em competições europeias, atingindo as meias-finais da Taça dos Campeões de 1957 e conquistando o título em 1968, enquanto o Aston Villa venceu a Taça dos Campeões em 1982. O Liverpool ganhou o troféu por quatro vezes.

O presidente da UEFA mostrou-se *«satisfeito«* com o regresso dos clubes ingleses às taças europeias, declarando: *«o isolamento não é positivo, nem para o futebol inglês nem para o futebol europeu. Os adeptos ingleses não são melhores nem piores do que os outros: apenas tiveram mais atenções concentradas sobre si«*, disse.

Interrogado sobre as condições impostas aos clubes para a sua readmissão, Johansson disse não terem sido tomadas precauções especiais, acrescentando que a Associação Inglesa implementará as medidas que vier a considerar necessárias.

Esta manhã, na Suíça, realizou-se já o sorteio das três provas uefeiras, cujos resultados apresentamos na nossa 1.ª página.

DESPORTO

Campeonato do Mundo de Motociclismo

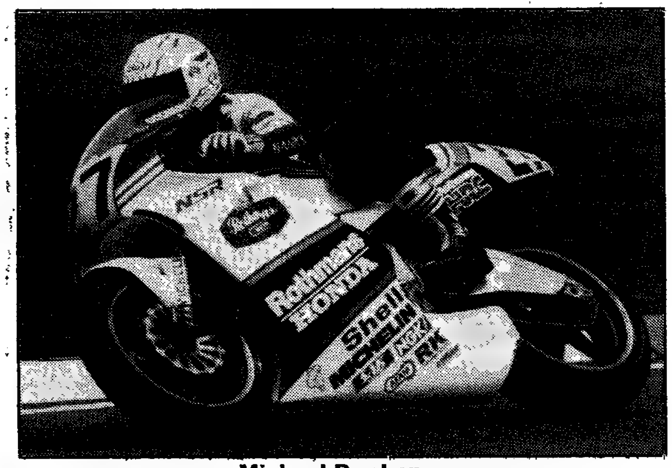
Chuva domina SPA Francorchamps

O californiano Wayne Rainey (Yamaha/Marlboro) somou mais 35 pontos ao seu avanço no Campeonato do Mundo de 500 c.c., após a excelente corrida em SPA-Francorchamps sob condições atmosféricas muito difíceis.

A escolha correcta de pneus permitiu que Rainey fugisse aos seus rivais e andasse sempre à frente durante as 18 voltas ao circuito das Ardenas belgas. A única ameaça à sua liderança foi protagonizada pelo francês Jean Philippe Ruggia (Yamaha/Gauloises) que, depois de um mau começo de corrida, conseguiu terminar em 2º lugar, a 4 segundos de Rainey.

Eddie Lawson, companheiro de equipa de Rainey, subiu outra vez ao *podium*, enquanto que a Honda lutava por pontuar num dia negro para as suas aspirações. A escolha errada de pneus dos pilotos da Honda/Rothmans, Wayne Gardner e Michael Doohan, nunca lhes permitiu acompanhar o ritmo dos pilotos da frente.

Na última parte da corrida, Doohan perdeu a quinta posição para o brasileiro Alexandre Barros (Cagiva) e Gardner ficou ainda mais abaixo, conseguindo unicamente o 10º lugar.



Michael Doohan

Após a corrida, Gardner disse que escolhera "um *slick* cortado à mão, na roda de trás, na esperança de que o tempo levantasse". No entanto, após as duas primeiras voltas a chuva aumentou de intensidade e o piloto da Honda/Rothmans teve de optar "entre largar o acelerador ou cair".

Para o seu colega de equipa Michael Doohan, era importante chegar ao fim: "Num piso tão escorregadio, decidi correr ao meu próprio ritmo para não cair. Fiquei muito satisfeito por ter terminado a corrida. Pelo menos continuo em 3º lugar no Campeonato. Espero bem que o tempo esteja seco em Le Mans".

Na prova de 250 c.c., uma vez mais o jovem norte americano John Kocinski ganhou a corrida, sendo a sua quinta vitória neste campeonato.

Largando atrás dos seus rivais imediatos, De Radigues, Caladora, Reggiani e Zeelenberg, durante as primeiras voltas Kocinski foi subindo posições até alcançar o comando da corrida, na quarta volta.

Numa corrida marcada por muitas quedas, Zeelenberg na 6ª, Caladora na 8º e o abandono de Reggiani com problemas de pneus, o espanhol Carlos Cardus (Honda/Repsol) conseguiu assim a última posição no *podium*, depois de Kocinski e De Radrigues.

Nas sua última participação com a Honda/Rothmans de 250 c.c., antes do regresso de Dominique Sarron já no próximo dia 22, em Le Mans, o austríaco Andreas Preining também caiu durante a prova.

Após a prova belga, o Campeonato do Mundo de Motociclismo está assim ordenado:

Classificações de 500 c.c.
1º Wayne Rainey, EUA 168 pontos
2º Kevin Schwantz, EUA 133 "
3º Michael Doohan, AUS 96 "
4º J. P. Ruggia, F 76 "
5º Nial Mackrnzie, GB 75 "

Classificações de 250 c.c.
1º John Kocinski, EUA 149 pontos
2º Carlos Cardus, ESP 122 "
3º Luca Caladora, ITA 93 "
4º Wilco Zeelenberg, HOL 93 "
5º Helmut Bradl, RFA 75 "

J.F.

Henri Depireux e Delgado: altos comandos reunidos

Azul mais azul

No Restelo, o reencontro do técnico belga Henri Depireux com uma casa que já conhecia nem por isso prolongou antigos métodos de treino: agora estão mais modernizados, nisso colaborando o professor Rui Oliveira, que transita da época de Moisés Andrade. Caras novas nos «azuis» (Chalana, Morato, Raudnei, Kobla, Nito) fazem acreditar numa bela temporada para o bloco de Belém.

José António, Sobrinho, Edmundo e Chalana: dois estão certos em Belém, entre os centrais mais jovens, um viaja para Setúbal

Potugal acerta agulhas pela modernidade

Funboard: 100 atletas em acção

Com a intensificação da época estival e o recrudescimento de actividades desportivas relacionadas com o mar, a ITT (Portugal), SA, empresa que comercializa as listas telefónicas de assinantes e as Páginas Amarelas, dos TLP e Telecom Portugal, está a apoiar a realização do campeonato nacional de funboard / circuito «Diário de Notícias».

Com um total de 18 regatas (dez ainda por realizar), o campeonato percorre o País praticamente de Norte a Sul, movimentando cerca de uma centena de concorrentes.

O funboard é uma modalidade de windsurf altamente competitiva (impraticável com ventos inferiores a 20 km/hora), que está a atravessar uma fase de grande expansão em todo o mundo. Portugal não foge à regra: segundo números da Associação Portuguesa de Funboard (APF) contam-se, entre nós, perto de 3000 praticantes (windsurf e funboard). A esta grande adesão não é por certo estranho o facto de Portugal usufruir de óptimas condições para a prática da modalidade, como sejam os ventos favoráveis (nortada no Verão e sudoeste no Inverno) durante todo o ano.

Das provas oficiais constam três variantes: *Ondas, Slalom e Course Racing*. Os participantes repartem-se pelas categorias *Geral, Jovens* (até aos 16 anos), *Senhoras* e *Veteranos* (mais de 36 anos).

Conquanto se trate de uma modalidade sem grandes tradições em Portugal (porque relativamente recente), o funboard tem já um conjunto de praticantes de prestígio internacional. É o caso de José Pedro Monteiro (que esteve presente nos Jogos Olímpicos de Los Angeles), Luís Calicho (que defendeu as cores nacionais em Seul, nas últimas olimpídas) e Luís Cruz (que atingiu os oitavos de final na prova de ondas, no campeonato do mundo disputado no Hawai).

Para a APF, o aumento do nosso nível competitivo fica a dever-se à existência de três escolas no País (Lagoa de Óbidos, Carcavelos e Lagoa de Albufeira), à presença em provas no estrangeiro e ao facto de se situar em Portugal o melhor local da Europa para a prática deste desporto: a praia do Guincho. Atenta à projecção da modalidade e às características das nossas praias, a Federação de Profissionais de Funboard tem promovido, nos últimos anos, no Guincho, uma das provas do campeonato mundial.

Quando o mar é dominado

ESTA SEMANA, MAIS DOIS MEMBROS DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO

ANÓNIMO – Não lhe conhecemos a cara mas conhecemos-lhe a fortuna. São:

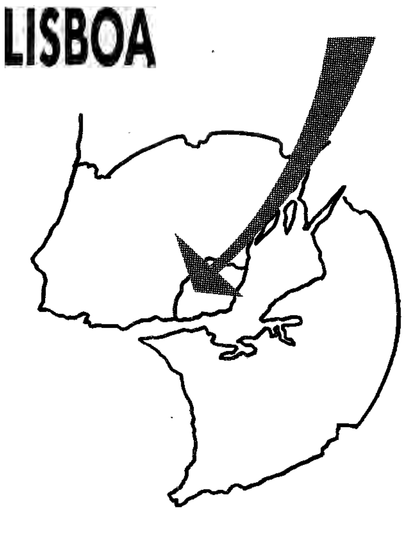
101.225.288$00

CARNAXIDE
LISBOA

SR. ISIDRO VALOROSO – Um reformado da P.S.P., de 55 anos. Agora para concretizar os seus sonhos, esta é a grande realidade:

100.366.872$00

S.JORGE
AÇORES



CINEVOZ

totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

Ciclismo: GP Joaquim Agostinho

Joaquim Gomes e Sicasal/Acral: uma banhada na concorrência

O grande favorito confirmou as melhores apostas: Joaquim Gomes (Sicasal/Acral) venceu o troféu Joaquim Agostinho/Grande Prémio Internacional de Ciclismo de Torres Vedras. A 7.ª e última etapa foi ganha pelo australiano Neil Stephens (Royal) que cobriu os 133 quilómetros entre Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras no tempo de 3 horas, 22 minutos, 14 segundos, à média horária de 39,459 km/hora, gastando menos sete segundos em relação ao pelotão, onde vinha Joaquim Gomes.

«É uma vitória que desejava há muito, pois tem para mim um significado muito especial, depois de nos dois anteriores anos quase a ter obtido», disse Joaquim Gomes, que criticou a actuação das equipas portuguesas, principalmente na derradeira etapa.

«É de estranhar a forma de actuação das nossas equipas, pois quando a camisola amarela estava em poder de um ciclista espanhol ninguém atacava; tinha de ser sempre a Sicasal/Acral. Mas, quando um corredor português tinha a amarela, todas as formações portuguesas atacaram, beneficiando os estrangeiros», disse o vencedor da prova de homenagem à memóriaa de Joaquim Agostinho.

FOTO EZEQUIEL Torres Vedras

O troféu acabou por ter nos ciclistas estrangeiros os principais triunfadores, ganhando seis das sete etapas disputadas ao longo das estradas de três distritos em redor de Lisboa. O australiano Neil Stephens (da Royal, equipa espanhola que se está a preparar para participar na Volta a Portugal) ganhou três tiradas, enquanto o jovem Paulo Ferreira (da selecção nacional de seniores) obteve o único triunfo português.

Na derradeira etapa, a Sicasal/Acral controlou o andamento do pelotão durante o percurso, colocando todos os seus homens na frente e não permitindo a qualquer grupo de fugitivos dilatarem a vantagem que nunca ultrapassou os dois minutos.

A 7.ª e última etapa voltou a ser marcada por intenso calor e ainda por várias quedas e desistências, com nove ciclistas a ficarem pelo caminho.

Só aos seis quilómetros da etapa começaram as tentativas de fuga, quase todas através de ciclistas alemães. Na 6.ª tentativa (aos 20 quilómetros) teve início a fuga do dia, com a saída do holandês Dick Dekers (Royal) e Vítor Gamito (selecção nacional de seniores). A seguir escaparam-se (sucessivamente) José Aparecido (Boavista-Recer), António Araújo (Avibom-Lousa), José Ahedo (Teka), Benjamin Carvalho (Ruquita-Feirense) e Paulo Ferreira (selecção nacional de seniores).

Este grupo atingiria a sua maior vantagem na contagem de montanha de 2.ª categoria (em Ribas de Cima), tendo então dois minutos de avanço sobre o pelotão. Na 1.ª passagem por Torres Vedras (a 30 quilómetros da chegada) o grupo da frente tinha um minuto e 15 segundos de vantagem, mas a Sicasal/Acral imprimiu maior andamento e dez quilómetros depois, todo o pelotão rolava compacto.

Na subida da serra da Vila (contagem de 3.ª categoria) os ataques sucederam-se e Delmino Pereira (Boavista-Recer) foi o melhor. Na vertiginosa descida para Torres Vedras, a Sicasal/Acral não deixou escapar Joaquim Salgado e Neil Stephens, controlando todo o grupo de modo a evitar qualquer percalço para a camisola amarela. Já dentro de Torres Vedras, o australiano Neil Stephens conseguiu distanciar-se e vencer.

Joaquim Gomes (Sicasal/Acral) no centro do pódio

MÓVEIS José António Rodrigues dos Santos
• Móveis de todos os estilos • Venda ao público e revenda • A melhor amizade ao melhor preço
Loja 1 — PALHAGUEIRAS — A-dos-Cunhados — Tel. 987 66
Loja 2 — Shopping Center S. Pedro — TORRES VEDRAS

Classificação na etapa: 1.°, Neil Stephens (Royal), 3.22,14 horas; 2.°, Paulo Pinto (Avibom-Lousa), a 7 segundos; 3.°, Falk Boden (RDA), m.t.; 4.°, Manuel Abreu (Sicasal/Acral), m.t.; 5.°, Malcolm Elliot (Teka), m.t.; 6.°, Orlando Rodrigues (selecção de seniores), m.t.; 7.°, Joaquim Carvalho (Orima-Cantanhede), m.t.; 8.°, Carlos Pereira (Ruquita-Feirense), m.t.; 9.°, Paulo Couto (Avibom-Lousa), m.t. e 10.°, Alberto Leanizbarrutia (Teka), m.t.

Vencedores finais nas diversas categorias: Geral individual — Joaquim Gomes (Sicasal/Acral); Pontos — Neil Stephens (Royal); Montanha — Manuel Correia (Sicasal/Acral); Metas-Volantes — Falk Boden (RDA); Pontos Quentes — Hagen Bernost (RDA); Combinado — Joaquim Gomes (Sicasal/Acral); Juventude — Joaquim Andrade (Sicasal/Acral); Equipas — Teka (Espanha).

Stephens vence a última etapa do Grande Prémio Joaquim Agostinho

FOTO EZEQUIEL Torres Vedras

Tour muda de chefe

O francês Ronan Pensec celebrou o seu 27.° aniversário arrebatando a camisola amarela, na 10.ª etapa da Volta à França, ao canadiano Steve Bauer. Ronan Pensec lidera com 42 horas, 46 minutos e 4 segundos, menos 50 segundos que o italiano Claudio Chiappucci. Bauer, que liderava a prova desde a 1.ª etapa, encontra-se na 3.ª posição.

«É, certamente, uma óptima prenda de anos», afirmou Pensec após ter envergado a camisola amarela, acrescentando: *«O mais difícil está ainda para vir; necessitava de algo que fosse para mim um incentivo e este foi, sem dúvida, um acontecimento importante.»*

O 1.° na tirada, corrida entre Genebra e Saint-Gervais (numa distância de 118,5 quilómetros) foi o francês Thierry Claveyrolat, que gastou 3 horas, 24 minutos e 31 segundos para cobrir a distância. Claveyrolat atacou na subida da 1.ª montanha para o cume de La Colombiere, fazendo desde então uma corrida solitária até à meta, em Saint-Gervais. Bauer, 4.° classificado no Tour de 1988 e líder da Volta à França até ao início da etapa de ontem, não demonstrou grande facilidade em etapas de montanha, terminando na 50.ª posição da tirada.

Classificação geral: 1.°, Ronan Pensec (França), 42.46,04 horas; 2.°, Claudio Chiappucci (Itália), a 50 segundos; 3.°, Steve Bauer (Canadá), a 1.21 minutos; 4.°, Frans Maassen (Holanda).

Acácio da Silva encontra-se em 133.° lugar, a 35 minutos e 37 segundos do comandante.

Portugueses por aí fora

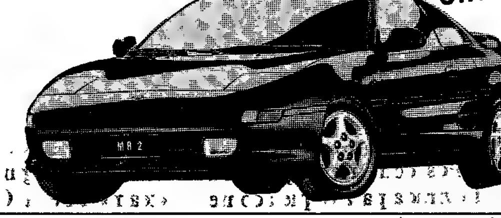
TÉNIS: o campeão nacional João Cunha e Silva é o 1.° português no «ranking» mundial, ultrapassando Nuno Marques, de acordo com a lista da Associação de Tenistas Profissionais (ATP) agora divulgada. A vitória na semana passada num torneio «challenger» de 50 mil dólares (cerca de 7500 contos) valeu a Cunha e Silva a sua melhor posição no «ranking» ATP; sendo agora o número 135.° do mundo, com 217 pontos ATP. Esta é a 1.ª vez que, desde Janeiro de 1988, Cunha e Silva se apresenta com cotação superior a Nuno Marques, que já foi 126.° mundial em Abril de 1989 e é agora 162.° da tabela ATP, com 168 pontos. O 3.° português no «ranking» mundial é o júnior Emanuel Couto, com sete pontos ATP, sendo o 693.°, seguindo-se Bernardo Mota, que tem quatro pontos ATP e é o 853.°

Ainda de ténis: a equipa do Benfica classificou-se em 5.° lugar na Taça dos Campeões Europeus realizada na localidade francesa de Cap D'Agde. Na prova que contou com a participação de 14 equipas, o Benfica fez-se representar por Cunha e Silva, Van Veggel, Bernardo Mota e Henrique Pessoa. De referir que, nos quartos de final, o campeão português defrontou o Club Ténis de Barcelona, tendo perdido por 0-5. O vencedor da edição da Taça dos Campeões Europeus de ténis foi o Racing Club de França.

TIROS AOS PRATOS: Vítor Lopes conquistou a medalha de ouro do Grande Prémio Internacional de Olivenza, na variante de fosso universal. Vítor Lopes, acertou 196 dos 200 tiros disparados, tendo-se classificado no 2.° posto o espanhol Gonzalez Perez, com 195/200.

Os atiradores portugueses Carlos Cruz, Susana Campos e António Valadas, obtiveram também medalhas de ouro nas classificações de veteranos, senhoras e juniores (respectivamente) cabendo ainda ao júnior Daniel Lopes a medalha de prata, na respectiva categoria.

Na derradeira classificação da Taça do Mundo de fosso universal 1990, cujo resultado final compreendia a soma dos resultados do Campeonato do Mundo, Campeonato da Europa e Grande Prémio da Federação Internacional, os atiradores portugueses dominaram inteiramente. José Saldanha foi o vencedor absoluto da Taça do Mundo 1990, (com 572 pontos).

TOITORRES TOYOTA
NOVOS MODELOS PARA ENTREGA IMEDIATA
VISITE OS NOSSOS STANDS
• MR2 (2.0) Vermelho
• CELICA ST I (Vermelho/Branco/Preto)
• CELICA GTI (Vermelho)
• COROLLA (Crystal Line)
• STARLET (Vários)
• STAR VAN (Vários)
COMERCIAIS
• HILUX (Todas as versões)
• LAND CRUISER (Novo motor)
• HIACE (Todas as versões)

TELEFS.: 25171 / 25174 – EDIFÍCIO TOITORRES – 2560 TORRES VEDRAS

Banix
Concessionário BMW
VENHA EXPERIMENTÁ-LOS E CONHEÇA AS CONDIÇÕES DE CAMPANHA
Temos para entrega imediata
316 I Vários/Todas as versões
318 IS Full extras
320 IS Full extras
518 I C/tecto de abrir
520 I C/tecto de abrir
524 TD Full extras
735 I Full extras

316 I "VERÃO 90"
BANIX – Veículos de Transporte, S.A. – Tel.: 23159-25171/4 – 2560 TORRES VEDRAS

Muitos chegaram envoltos num manto de ouro. Poucos defenderam a coroa. Alguns subiram até ao trono. Um punhado de novas figuras ficaram no olhar. O maior espectáculo do mundo exije permanente renovação de artistas

Ganhar ou perder: rampas da vida

Correram-se os taipais, andam varrendo os últimos cantos da feira, o campeonato dito do «fair-play» está ficando fechado no livrinho do futebol, para (muito provavelmente) apenas se reabrir daqui a quatro anos, ao som do tilintar dos dólares que, como se sabe, sempre comandaram os pensamentos e obras de todos os Havelanges que dominam o mais belo dos jogos desportivos colectivos.

Frankfurt: general Beckenbauer mostra os cinco quilos de ouro à Alemanha Federal

A correcção e disciplina andaram completamente a leste da competição romana, também altamente adulterada pelo pior lote de arbitragens que até ao momento teve influência profunda na escalação de valores, na definição de lugares, no incentivo a determinadas turmas, em desproveito de outros símbolos nacionais marcados logo na hora de partida para a maratona com o sinal de antipatia de um punhado de pouco escrupulosos, desconhecedores ou incompetentes juízes de balança que, ostensivamente e pelos mais variados meios (apresentação de intimidatórios cartões amarelos, marcação de pontapés livres por dá-cá-aquela-palha ou em sentido contrário ao autor da falta, expulsões destemperadas e, até, validação de golos em fora-de-jogo ou anulação de tentos obtidos segundo as mais perfeitas alíneas do jogo), tudo isso, repete-se, manchou a arbitragem universal, fazendo dela um ponto para muitas justas e esclarecidas reclamações-lamentos de diversas embaixadas que não estavam debaixo do carinho ou dos amores dos sujeitos de negro escolhidos, Deus saberá como, por aqui e acolá. Salvaguarde-se, no temporal desabado, o excelente contributo do nosso bimundialista Carlos Valente, que merecia ter chegado muito mais longe na pirâmide concebida nos gabinetes fifeiros para agradar a gregos, recusar troianos e (simultaneamente) fazer os fretes aos chefões do pontapé na bola.

Adiante. A nível de atletas, houve grandes decepções, muito boa gente enfiou a viola no saco. Na Áustria, tanto Rodax como Polster desfilaram anonimamente. Face à valia do «team» dos Estados Unidos, assim a modos que meninos bem comportados na sua 1.ª saída fora dos muros da Universidade, fica no ar a questão: levar o próximo mundial até aos «States» porque razão ou bula divina? Quanto à formação da URSS, assistiu-se a completa vulgaridade de Dassaev, mediocridade em Kuznetsov e Demianenko, apagamento quase total de Livotchenko e pequena acção de Zavarov, tentativa de saliência pouco prolongada em Protasov e nada mais. Em relação aos Emiratos Árabes Unidos, onde se gastaram milhões em torno do sonho de vários sheiques e do agora multimilionário Carlos Alberto Parreira, tudo foi por água abaixo. Melhor será dizer: as esperanças ficaram novamente enroladas nos ventos do deserto.

O «onze» sueco desafinou desde o 1.º silvo arbitral: em dose irreparável, o mais prejudicado talvez tenha sido o Benfica que, tendo adiado para o período do mundial a boa hipótese de venda de Mats Magnusson para o Barcelona, viu o seu atirador fazer cruzes na boca e entrar pelo cano, lá por Itália. Um erro de cálculo ou ambição demasiada prejudicaram os anseios claramente adiantados pela directiva do clube da águia: no conjunto nórdico somente o nosso bem conhecido Stromberg valeu meia dúzia de tostões. Por falar nisso: nem um pataco a crédito dos coreanos que, lá de Seul, vieram apenas excursionar até à Europa e novamente notar que (efectivamente) a bola não é quadrada.

Esperava-se bastante mais dos romenos, sobretudo que se conseguisse comprovar o real valor de Rotariu ou Camataru: mas foi Lacatus o seu jogador mais influente, ficando numa bitola onde podem associar-se o guardião norte-americano Meola, o defesa austríaco Pecl, o médio soviético Rats, o dianteiro sueco Brolin, o centro-campista escocês McAllister e a dupla romena de meio-campo (Hagi/Mateut) que subiu uns furos na bolsa de valores.

Duas estrelas podem catalogar artistas de razoável envergadura: o avançado irlandês Aldridge e o dianteiro Cascarino, as melhores unidades do exército que (ineditamente) Jack Charlton levou até aos quartos de final do torneio. Alguns aplausos para os colombianos Valderrama e Estrada (no ponto inferior fica a crítica severa ao ar displicente de Higuitá, grande culpado do afastamento na escalada final do país das bananas e da droga), certo parabém para costa-riquenhos, onde o polícia da meta (Conejo), os charneiristas Cayasso e Chavarria e o avançado Medford estiveram lutando por mais altos voos, talvez por autêntica carta de alforria.

Com efeito, esperou-se bastante mais destas formações, especialmente notando o tom ufano com que chegavam ao palco; afinal, de um lado se colocou o ramo e em outro se vendeu o vinho. Aconteceram surpresas de todo o tamanho, justificando-se que ainda amanhã se possa continuar recordando quem saltou do trampolim da vulgaridade ou rolou pelo declive que ia do Capitólio ao Quirinal. No fim de contas, como em tudo na vida, assistiu-se a um período de renovação de artistas. O público (cada vez mais exigente) quer permanente mutação de rabulistas para o seu espectáculo mais preferido.

Neves de Sousa

Sobe e desce na bolsa de valores

POLSTER: o atirador do Sevilha ficou na obscuridade. Mesmo ao lado de Gerhard Rodax não conseguiu mais que uma simbólica vitória sobre os EUA.

PETER VERMES: o homem-estrela dos holandeses do Volendam esteve metido entre ingénuos norte-americanosa, apenas simpáticos mas sem cotação no mercado.

RATS: o médio da URSS tentou remar contra a maré mas, para além da turma de Lobanovsky se ter apresentado mal preparado, ainda teve árbitros como adversários.

KLEIN: uma das melhores figuras do Dínamo de Bucareste, afundou-se na mediania de romenos com a cabeça demasiado virada para o que acontecia na sua terra.

CORONADO: veio da Costa Rica com muita fama, cheio de prémios e honrarias. Foi uma verdadeira figura anónima no «team» que a Checoslováquia vergou.

STROMBERG: com 30 anos completados a 5 de Janeiro, o antigo benfiquista mostrou que a classe que o evidencia no Atalanta é saudade por estes lados.

AGENDA

I Série N.º 158
Dia 11 de Julho

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios da Defesa Nacional e das Finanças

Portaria n.º 535/90:
Actualiza as categorias e tabelas salariais do pessoal civil das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA).

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 27/90:
Aprova o Acordo de Cooperação Técnica no Domínio Militar entre a República Portuguesa e a República Popular de Moçambique.

Avisos:
Torna público ter, a 23 de Maio de 1989, entrado em vigor para todas as Partes Contratantes a emenda ao artigo 18.º e anexo n.º 1 da Convenção Aduaneira Relativa ao Transporte Internacional de Mercadorias ao Abrigo de Cadernetas TIR (Convenção TIR).

Torna público ter o Governo de Trindade e Tabago aderido em 23 de Março de 1990 à Convenção Aduaneira Relativa aos Contentores, 1972.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 230/90:
Estabelece os requisitos a que deve obedecer a produção, a comercialização e a conservação do pescado, bem como a sua embalagem e rotulagem.

Portaria n.º 536/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Chapelarinho», «Herdade Chapelar da Ribeira» e outras, situadas nas freguesias de Couço e Lavre, concelhos de Coruche e Montemor-o-Novo.

Ministério da Educação

Portaria n.º 537/90:
Extingue os ramos de Engenharia Mecânica e Engenharia Electrotécnica do curso de bacharelato em Engenharia de Manutenção Industrial, criado pela Portaria n.º 224/88, de 13 de Abril, alterada pela Portaria n.º 349/89, de 16 de Maio.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 538/90:
Aprova o Regulamento Interno do Centro Hospitalar do Vale do Sousa.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 14 227 contos.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 20/90/A:
Estabelece que sejam tomadas medidas cautelares relativamente aos terrenos adjacentes no porto da Praia da Vitória.

Decreto Regulamentar Regional n.º 21/90/A:
Cria o Parque Desportivo de Ponta Delgada (PDPD).

PESSOAS & FACTOS

Detergente sem fosfatos

A Henkel Ibérica acaba de lançar em Portugal um novo detergente em pó para máquinas de lavar roupa: Persil, líder europeu dos detergentes ecológicos. A sua aceitação nos países onde está implantado tem sido um êxito, registando de 1988 para 1989 um crescimento de 139%.

O Persil é um detergente cujas capacidades de lavagem são iguais ou superiores às das melhores marcas no mercado português e, por não contar fosfatos, contribui para preservar o meio ambiente. Segundo um estudo realizado pela Euroteste, os inquiridos estão dispostos a usar um detergente sem fosfatos para proteger o meio ambiente, apesar de somente 16% os relacionarem com a poluição das águas.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: continuação de tempo quente, com céu pouco nublado ou limpo. apresentando período muito nublado durante a tarde, nas regiões do interior norte e centro. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde.

Estado do mar - costa ocidental: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.

Costa sul :Mar de pequena vaga. Ondulação sueste de dois metros no Sotavento e de um metro no Barlavento.

Amanhã

Continuação do tempo quente, com céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado durante a tarde, com possibilidade de trovoadas. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde.

Depois de amanhã

Continuação de tempo quente, com céu pouco nublado, apresentando-se com períodos de muito nublado durante a tarde, com possibilidade de trovoadas. Vento geralmente fraco.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente moderado de nordeste.

Estado do mar - costa norte: mar de pequena vaga. Ondulação norte de dois metros.

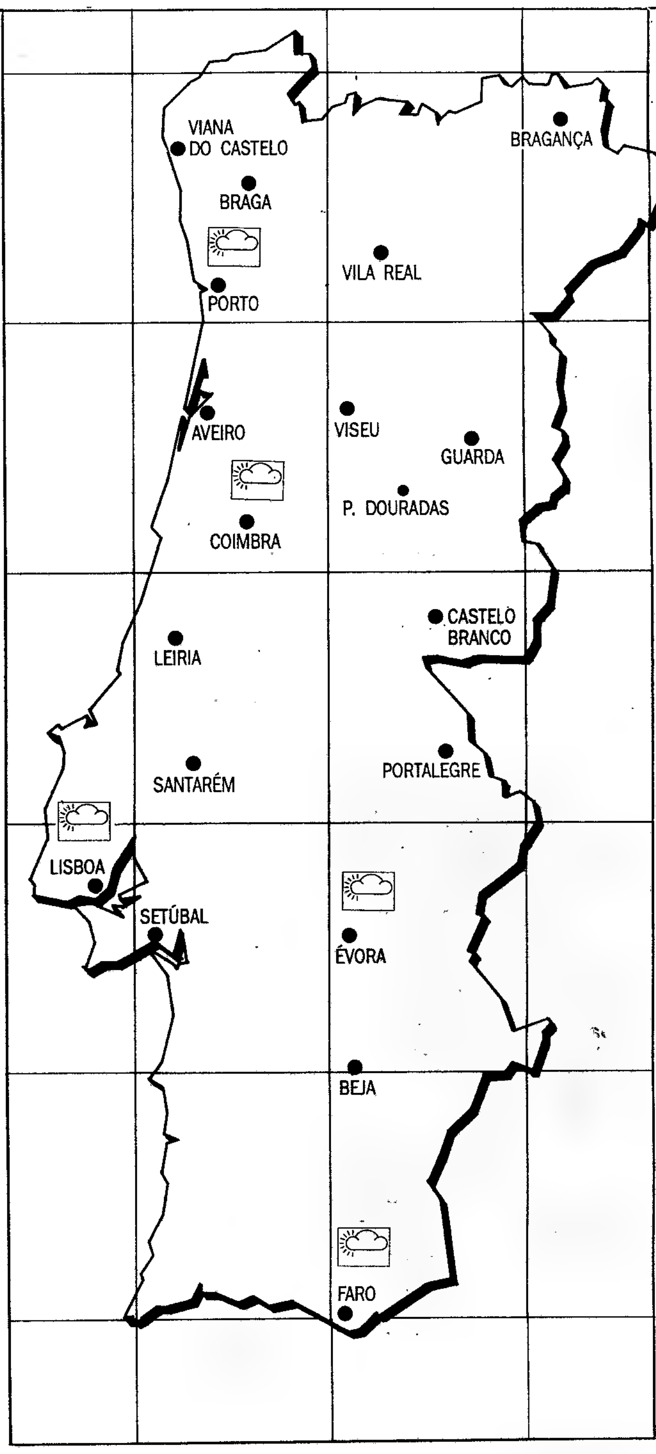
Costa sul: mar encrespado. Ondulação inferior a um metro

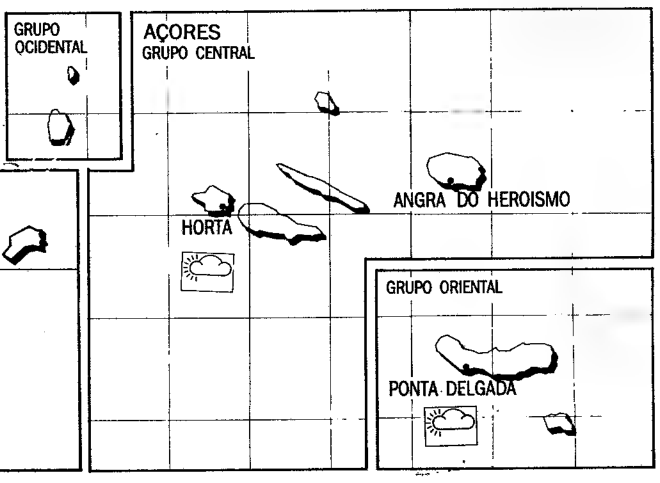
AÇORES

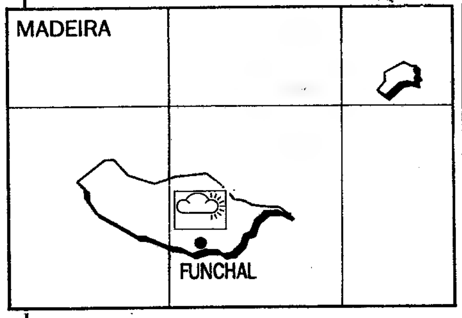
Em todos os grupos: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de nordeste.

Estado do mar: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação nordeste de um a dois metros.

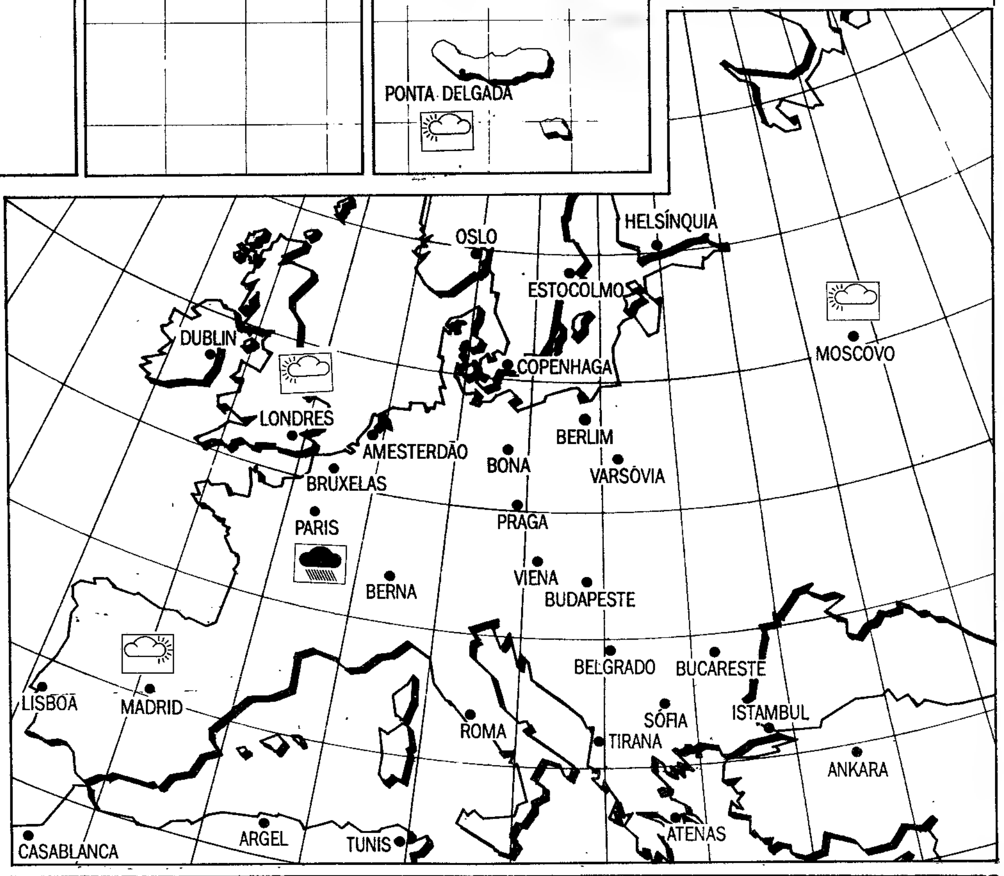
* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	17	17	P. nub.
V. Castelo	20	21	Neblina
Vila Real	19	19	M. nub.
Porto	19	20	M. nub.
P. Douradas	—	—	—
Coimbra	19	22	P. nub.
C. Carvoeiro	17	18	Encoberto
C. Branco	24	24	P. nub.
Portalegre	22	22	Limpo
Lisboa	20	20	Neblina
Évora	18	22	Limpo
Beja	18	19	Limpo
Sines	17	17	Nevoeiro
Faro	19	21	Limpo
Sagres	17	17	Nevoeiro
P. Delgada	20	20	M. nub.
Horta	20	20	Aguaceiros
Funchal	20	20	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 35; Porto, 31; Faro, 32; P. Delgada, 26; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	17	19	Limpo
Londres	9	12	P. nub.
Paris	10	13	Limpo
Bruxelas	10	11	Limpo
Amesterdão	10	14	P. nub.
Genebra	12	14	P. nub.
Roma	20	20	P. nub.
Oslo	14	14	M. nub.
Copenhaga	14	15	M. nub.
Estocolmo	13	15	M. nub.
Berlim	12	13	M. nub.
Viena	14	14	P. nub.
Varsóvia	11	14	P. nub.
Atenas	—	—	—
Moscovo	13	20	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	9	17	Chuva
Caracas	19	28	Nublado
Hong Kong	28	32	Limpo
Joanesburgo	5	20	Limpo
Los Angeles	18	27	Nublado
Montreal	18	27	—
Nova Deli	27	31	Nublado
Nova Iorque	22	34	Nublado
Rio de Janeiro	20	30	Nublado
São Francisco	14	23	Nublado
São Paulo	—	—	—
Tóquio	19	24	Nublado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
06.09	3.3m	11.3	0.8m
18.20	3.6m	00.03	0.6m

Amanhã

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
05.44	3.3m	12.35	0.8m
18.56	3.6m	00.44	0.7m

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Anjos (ao Cinema Roxy): Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; **Av. Roma (Bairro São Miguel):** São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, Tel. 771469; **Baixa:** Oliveira, Rua da Prata, 240, Tel. 878415; **Belém - Altinho:** Gomes Suc., Rua da Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; **Chelas - Zona 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Estados Unidos:** Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; **Lapa:** Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 7590332; **Luz - 2.ª Circular:** J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 7260969; **Madre Deus:** Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Tel. 880703; **São Sebastião:** Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; **Alfragide - Amadora:** Remédios, Rua Ivens, 20, Tel. 970544; **Odivelas:** Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B, Tel. 9815662; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 943912.

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; **Alvalade:** Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; **Arco Cego:** Providência, Rua D. Dilipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; **Arroios - Chile:** Brasil, Rua Alves Torgo, 29-33, Tel. 546843; **Benfica - Portas Benfica:** Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; **Campo de Ourique:** Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; **Chelas - Zona 2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Penha França:** Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; **Santos:** Marcos Nascimento, Calçada Marquês Abrantes, 36-A, Tel. 664238; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Permanente; Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente; **Queluz:** Vasconcelos, Est. Part. Henq. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Cruz Pau:** Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Tv.ª Paz Casal do Marco, Tel. 2210369. Até às 19 h; **Montijo:** Higiene, R. José Joaq. Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Nixon favorável ao reconhecimento da China Popular

O presidente norte-americano Richard Nixon é a favor do reconhecimento diplomático do regime de Pequim, segundo comunicou a noite passada a American Broadcasting Company. A notícia de Howard Smith, o comentador da ABC em Washington, dizia ainda que Nixon observara a favor de tal acção a seguir à recente emissão em que foi entrevistado pelas três maiores redes de televisão do país.

Mireille Mathieu estreará uma canção em Portugal

Ao chegar de Madrid e ao ser entrevistada em Paris pela Televisão, Mireille Mathieu anunciou que, este Verão, vai cantar de novo em Portugal, esperando estrear uma canção que actualmente trabalha e que julga que será um dos êxitos musicais da próxima temporada.

Belfast: cidade em estado de sítio

Soou na Irlanda do Norte a hora perigosa das festas orangistas de Julho. Ontem à tarde todos os trabalhadores largaram as suas ferramentas por quinze dias, mas não foram para casa, nem os protestantes, nem os católicos, mas sim para os "pubs", que em toda a região abarrotam de gente.

EFEMÉRIDES

1822

- Em Portugal, as cortes constituintes votam a primeira lei eleitoral do País, que prevê o sufrágio directo e secreto.

1828

- Em Portugal, D. Miguel é proclamado rei absoluto.

1904

- Iniciam-se em St. Louis (EUA) os Segundos Jogos Olímpicos da era moderna.

1960

- Moises Tschombé, primeiro-ministro do Katanga, proclama a independência do antigo Congo belga.

1978

- Em Espanha, um camião-cisterna carregado de combustível, despista-se e explode perto do parque de campismo de Los Angeles, em Terragona, matando mais de 180 pessoas.

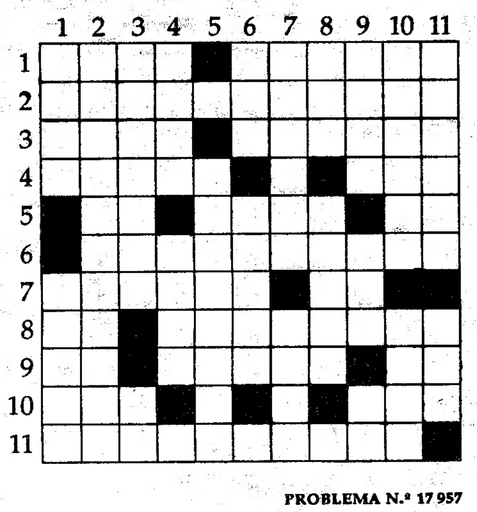
1984

- É inaugurado, em Lisboa, o primeiro fórum das pequenas e médias empresas, com a presença de mais de 150 expositores.

1988

- Um tribunal italiano condena 13 pessoas, a penas que vão até prisão perpétua, por envolvimento no atentado bombista na estação ferroviária de Bolonha, em 1980, que matou 85 pessoas e feriu 200.

PALAVRAS CRUZADAS



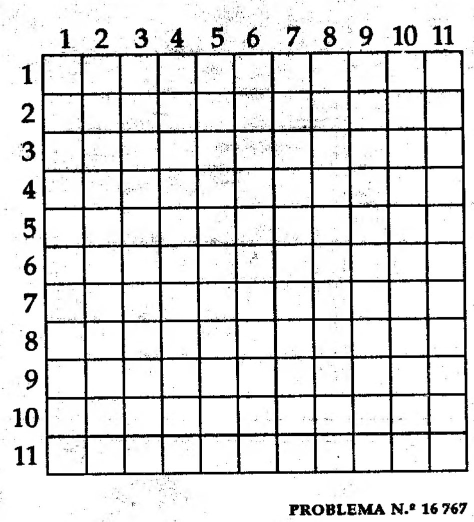
PROBLEMA N.º 17 957

HORIZONTAIS:

1 - Pronome indefinido. Parte superior do corpo humano.
2 - Afligiras
3 - Senhora. Nivela.
4 - História. Ente.
5 - Abreviatura de Santíssimo. Pátio. Nesse lugar.
6 - Sobreviera.
7 - Côdea. Nesse lugar.
8 - Rénio (s.q.). Enxugasses.
9 - Prefixo de negação. Cabrito de um ano. Germânio (s.q.)
10 - Pedras de moinho. Cidade de França.
11 - Coaremos.

VERTICAIS:

1 - Pronome indefinido. Pecado.
2 - Domesticaremos.
3 - Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Sentidas Condolências.
4 - Lavrai. Serra de Portugal.
5 - Julgamento.
6 - Planta cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Uma das ilhas Jónias.
7 - Separe. Recue.
8 - Cidade da Ucrânia. Poente.
9 - Estavas. Aqui está. Rio de Itália.
10 - Abrir casas (para botões) e. Aio de D. Afonso Henriques.
11 - Guarneceria de asas. Pronome possessivo.



PROBLEMA N.º 16 767

HORIZONTAIS:

1 - Preposição. Carta de jogar.
2 - Repousarias.
3 - Chinesa de Cordovão. Enfeita.
4 - Que cresce na areia. Estimais.
5 - O mesmo que bonzo. Átomo.
6 - Remariam para trás. Donzela de Orleães.
7 - Ósmio (s.q.). Herdade delimitada por marcos. Espera Resposta.
8 - Liguei. Livre de perigo.
9 - Érbio (s.q.). Nome de jogo. Prefixo de negação.
10 - Nome de frutos. Larva das feridas dos animais.
11 - Anéis. Filtraras.

VERTICAIS:

1 - Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Estava.
2 - Verbais. Grande quantidade.
3 - Antiga cidade da Darbonense. Moderato.
4 - Espécie de sorgo ou de milho na Índia. Tributos.
5 - Terra nova e arroteada de fresco. Tempo do verbo ir.
6 - Milímetro. Calote.
7 - Nesse lugar. Rio de Portugal.
8 - Cidade de Itália. Utensílios domésticos.
9 - Corsário. Cidade da antiga Caldeia.
10 - Antiga Agência de Imprensa hoje chamada ANOP. Torce.
11 - Membros de aves. Revestes de uma camada de crómio.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 17956

HORIZONTAIS: A. RICO. NÃO. 2 - Vãos. Beatas. 3 - Moreno. 4 - Alisa. Apa. 5 - Ornaram. Tri. 6 - MCMI. Oiros. 7 - Aproam. 8 - CI. Ao. Cem. 9 - Ver. Abra. Te. 10 - Anos. Ra. Cat. 1 - Sãs. Temessa. **VERTICAIS:** 1 - Aviso. DEVAS. 2 - A. Rm. Enal 3 - Romanceiros. 4 - Isolam. 5 - Riria. 6 - Obesa. POBRE. 7 - Enamoraram. 8 - Não. Io. 9 - AT. Carta. CS. 10 - Ao. PROMETAS. 11 - Suais. Mete.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16.766

HORIZONTAIS: 1 - Acaba. Corgo. 2 - Som. Sol. Aas. 3 - Amam. Canil. 4 - Eras. Rolas. 5 - Áridas. Ca. 6 - Om. Raios. Im. 7 - Nome. Otão. 8 - Trata. Use. 9 - Rã. Ra. 10 - Dra. Papa. Al. 11 - Osteoporose. **VERTICAIS:** 1 - Asa. Contado. 2 - Come. Mor. Rs. 3 - Amara. Marat. 4 - Marreta. 5 - As. Sia. Pó. 6 - Oc. Dio. Gap. 7 - Clarão. Pó. 8 - Nossos. Ar. 9 - Rail. Ter. 10 - Galácia. Aas. 11 - Os. Samos. Lê.

PROVÉRBIO:
A RICO NÃO DEVAS, A POBRE NÃO PROMETAS

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
SERES DO ESPAÇO II
Filme de Mick Garris
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30,1930, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
SERES DO ESPAÇO II
Filme de M ick Garris
M/12 anos - Às 13.45, 16.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 1515, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
NOITES QUENTES DE AMANDA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O LADO SENSUAL DE PATRÍCIA
Filme de Salvatore Samperi
M/16 anos
Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
LAMBADA
Filme de Joel Silberg
M/12 anos, às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O PODER DA JUSTIÇA
M/16 anos - às 24 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SECRETÁRIAS B.C.B.G.
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO GARBO DOES'T TALK
"DIE FREUDLOSE GASSE /1925
Filme de Georg Pabstl
Às 18.30
THE TORRENT/1926
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,, 19.15 e 21.45

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
ATENÇÃO BANDIDOS
Filme de Claude Lelouch
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
OS DELIQUENTES
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

Jason CONNERY
Francisco QUINN

O EXPRESSO DE CASABLANCA

Já em exibição nos cinemas S. Jorge - Fonte Nova - Estúdio A.C. Santos

KING TRIPLEX 3
O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
LAMBADA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
CADILLAC COR DE ROSA
M/16 anos - Às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
CALOR FATAL
Filme de Joel Silberg
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
PRAZERES ESCALDANTES DE SISSY
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade T.606847
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 21.15 e 23.45

PLAZA 2
ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
O VERÃO FRIO DE 1953
Filme de Alexander Proshkin
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
COOKIE
M/12 anos - Às 15.00, 16.45 18.30, 20.15 , 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
OS FANTASMAS DE UMA ESTRELA
Filme de Peter del Monte
M/12 anos - Às 14.15, 16.15 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 , 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
A TURMA DOS REPETENTES
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 246565
PARA ÍRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.30 E 21.30
Sala 2
ARMADILHA SENTIMENTAL
Filme de Nicholas Roleg
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
A FEBRE REGRESSA
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 2130.

Sala 2
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
CORAÇÕES DE AÇO
M/16 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
PARA ALÉM DO KILIMANJARO, ATRAVÉS DE UM RIO DE SANGUE
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AZELHAS AO VOLANTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltès
Em cena até dia 15

TEATRO ESPAÇO
Caixa Económica Operária, Rua Voz do Operário, 64 - T. 676410
De 4ª a Sáb. às 22.00
CULPA
Cenografia de Helena Flor

VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** A Voz de Roma; **20.30:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Antena 2
FM 2 - Estéreo

17.00: Formas musicais do Século XX; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As 32 sonatas para piano de Beethoven, por Alfred Brendel; **19.16:** Álbum Musical. Obras de John Ireland, Mussorgsky, Chopin, Paganini, Chabrier, Darius Milhaud, Poulenc, Mozart e Liszt; **20.10:** Álbum Musical (Cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Dois; **21.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **22.00:** Uma hora com Ernest Chausson (1855/1899); **23.00:** Eurorádio. As Jornadas Bach, 1989, em gravações cedidas pela Radiodifusão da Baviera. 1.ª Parte: Obras de Bach. Intervalo: Duas Aberturas de Offenbach. 2.ª Parte: Obras de Bach; **00.25:** Piano e Pianistas. Obras de Prokovieff, Schubert e Brahms; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

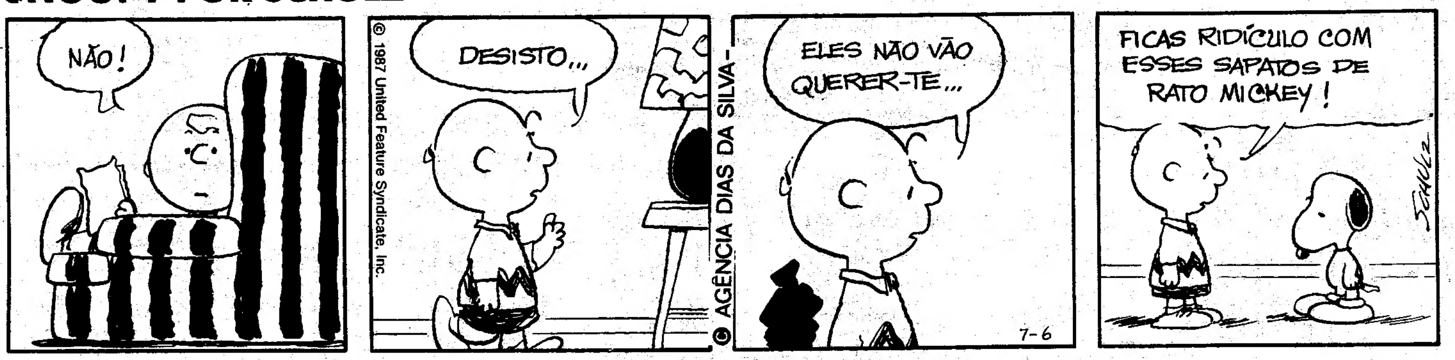
COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

SNOOPY POR SCHULZ

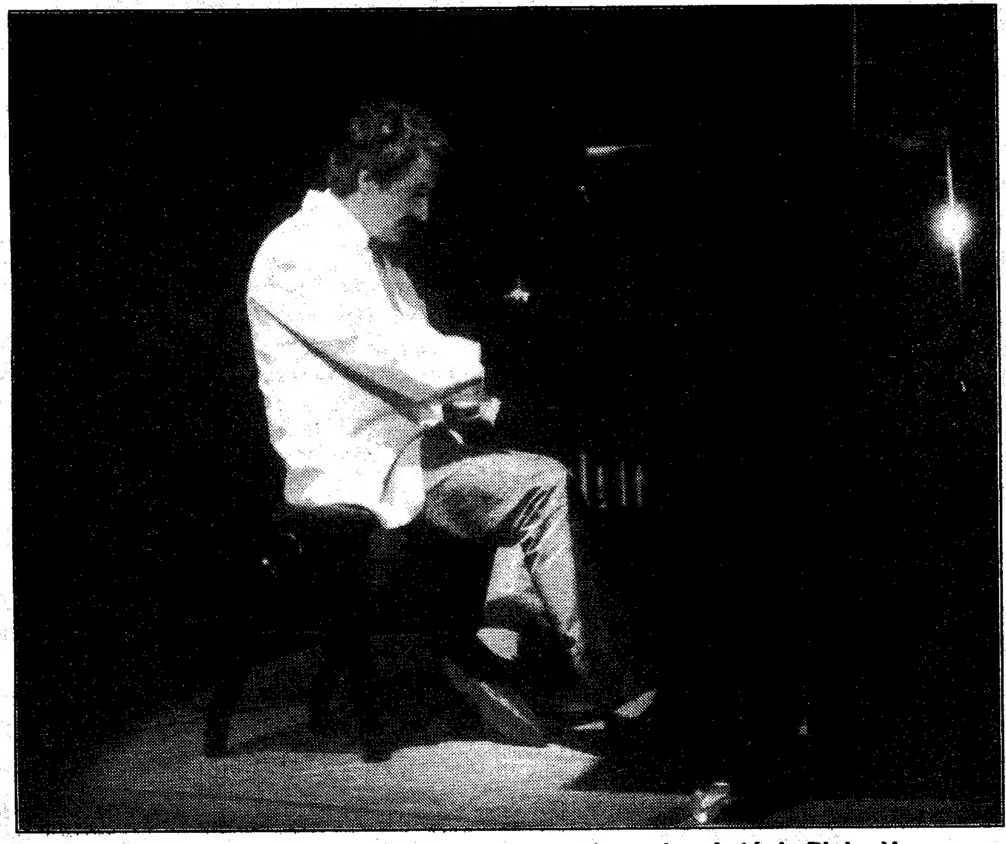


CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.50 - CASA DE IRENE
16.20 - ACÇÃO EM MIAMI
17.10 - O MUNDO ANIMAL
9º episódio
17.35 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - OS MARRETINHAS
6º episódio
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Alta Traição», um filme de Roger Donaldson (EUA, 1986), com Kevin Costner, Gene Hackman, Sean Young, Will Patton, Howard Duff, George Dzundza, Jason Bernard, Iman, Fred Dalton, Leon Russom. Trata-se de uma história de espionagem particularmente bem imaginada e construída com um excelente sentido de suspense, inquietação e surpresa. A situação que se descreve é de puro jogo do equívoco. Tudo gira em torno das investigações sobre um homicídio conduzidas por um oficial da Marinha que é simultaneamente o principal suspeito do crime do qual é a única testemunha. Com realização de Roger Donaldson e superiormente interpretado por um dos mais talentosos actores americanos surgidos na década de 80 (Kelvin Costner), «Alta Traição» conta ainda com um bem equilibrado elenco. Em suma, um excelente thriller que nos arrasta de surpresa em surpresa, de emoção, até ao seu surpreendente final.
23.50 - 24 HORAS
00.20 - REMATE


No 2º Canal às 23.25, um programa retrospectivo sobre António Pinho Vargas

Em «Lotação Esgotada», no 1º Canal a partir das 21.30, o filme «Alta Traição»

RTP-2

16.35 - O LICEU DEGRASSI
13º episódio
17.05 - O MENINO DOUTOR
17.25 - DE COMBOIO AO KILIMANJARO
2º e último episódio
18.30- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Kung Fu», 14º episódio.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - VAN GOGH
22.25 - SERVIÇOS SECRETOS AMERICANOS
1º programa. As origens do FBI e da OSS, organização que precedeu a CIA, durante o período da guerra, são o ponto de partida desta série documental em quatro episódios.
23.25 - ANTÓNIO PINHO VARGAS
Um programa retrospectivo da vida e obra deste músico nortenho, em que se recordam alguns dos seus temas mais conhecidos. Para além disso, surgem no ecrã vários depoimentos sobre a obra de António Pinho Vargas e também a sua própria reflexão sobre o que foi produzindo ao longo dos anos da sua carreira musical.

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.15- PESCADORES
14.40 - FESTIVAL ROCK DE MONTREUX
15.40 - DESENHOS ANIMADOS
16.00 - DERRICK
17.00- O MUNDO ANIMAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - OS MARRETINHAS
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.15 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
22.20 - OS SOVIÉTICOS
23.15 - MURPHY BROWN
23.50 - 24 HORAS
00.20 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - ESPAÇO INFANTIL
15.05 - FILHOS E FILHAS
15.30 - AGORA, ESCOLHA!
16.50 - OS CENTURIÕES
17.15 - RETRATOS DA MADEIRA
17.45 - OS DESAFIOS DA LEI
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CORRIDA DE TOUROS
23.45 - UNIVERSIDADE ABERTA

«Descendo ao nível do líder de um pequeno partido antifascista histórico, Mário Soares largou o Estado sem dizer nada a ninguém»
Nuno Rogeiro, «O Diabo», 10.07.90

A PERGUNTA DO DIA

Rui Pereira
membro da JS

Qual a opinião da JS sobre a política de juventude da Câmara Municipal de Lisboa e, em concreto, sobre o Forum Jovem, que hoje decorre?

«Não temos muita informação acerca do Forum. Tomámos conhecimento através da comunicação social. Parece-nos uma medida importante mas que não é original pois, noutras autarquias, como por exemplo Santarém, existem Conselhos Municipais de Juventude que englobam várias associações e clubes juvenis, e que têm como finalidade dinamizar as suas iniciativas. Se em Lisboa for esse o objectivo, encaramo-lo como muito positivo. Quanto à política de juventude da Câmara Municipal de Lisboa, é um facto que o novo elenco camarário ainda não teve tempo de respirar. A actividade tem sido diminuta pois ainda se está numa fase de reorganização. No entanto, sempre que nos pedirem a nossa opinião, a JS estará disponível para participar.»

Quinta-feira no
Diário de Lisboa
Televisão privada vem aí
As greves dos transportes
Galiza e Minho querem formar região autónoma

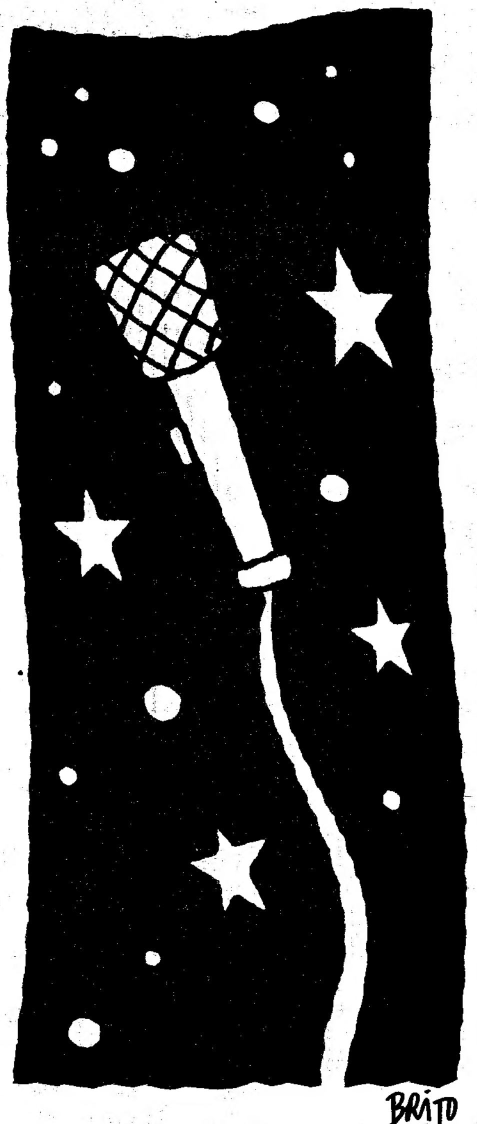
ENTREVISTA

O ano de 1990 inicou-se sob o signo da procura do Leste por parte das rádios francesas. Moscovo tem sido a cidade preferida pelos investidores que, depois da abertura de duas estações, optaram agora por ir mais longe e instalar na capital da URSS uma espécie de «Rádio Paris-Lisboa» à soviética

Moscovitas já têm rádio franco-soviética

Apesar de todos os avanços e recuos que vai sofrendo pelo caminho, a verdade é que a *perestroika* soviética está a permitir a realização, nos mais variados campos, de coisas impensáveis há poucos anos. O mais recente sector a ser varrido pelos ventos de mudança foi o da comunicação social, com a abertura de, nada mais nada menos, que uma estação de rádio franco-soviética.

De acordo com a Imprensa internacional, a nova estação, que dá pelo nome de Europa-Plus URSS, resulta de uma *joint-venture* efectuada entre a empresa francesa Europe 2 e a Gosteleradio, a entidade estatal soviética que detém o monopólio da produção e difusão de sons e imagens em todo o país. A surpresa acentua-se se tivermos em conta que o director da estação é Georges Polinsky, de 35 anos de idade, um antigo «pirata» da rádio e também o mais jovem director de empresas alguma vez nomeado em toda a União Soviética. A Gosteleradio dispõe de 49 por cento do capital, sendo o restante dividido por várias entidades francesas.



Inagurada com grande solenidade há cerca de um mês, a jovem estação é a primeira a emitir em FM e em onda média, com um raio de alcance de 350 quilómetros em redor de Moscovo. A programação, inteiramente concebida em França, consta de muita música ocidental acompanhada por algum *rock* soviético, e intercalada por blocos noticiosos pensados de forma a cativar um pública na faixa etária do 25 aos 40 anos.

O objectivo da Europa-Plus URSS é atingir 40 milhões de ouvintes e, embora tal meta ainda não tenha sido concretizada, os anunciantes estão a acorrer de forma espantosa.

No entender de analistas especializados, essa grande procura permite antever que a meta, inicialmente estipulada, de conseguir atingir receitas publicitárias no valor de 60 milhões de francos até 1993, seja facilmente cumprida.

A inauguração da Europa-Plus URSS - na qual estiveram presentes importantes personalidades francesas como o ministro da Cultura, Jack Lang, o actor Alain Delon e o compositor Charlélie Couture - integra-se numa onda de instalação de rádios francesas no Leste do Velho Continente. Conforme foi oportunamente noticiado, a rádio Fun foi, em Janeiro último, a pioneira nesta corrida, instalando-se em Bucareste e Cracóvia. Moscovo foi a segunda cidade contemplada, recebendo, respectivamente em Março e Abril, as rádios Nostalgia e Skyrock, e Leningrado acolheu, recentemente, a RFM. A Europa-Plus URSS tem, contudo, a particularidade de ser a primeira estação franco-soviética, sendo o seu modelo comparável ao da «Rádio Paris-Lisboa», que há poucos meses começou a emitir na capital portuguesa.

Segundo as informações que têm vindo a público, a formação desta *joint-venture* representa a abertura de uma brecha na Gosteleradio, de cuja gigantesca dimensão é bom exemplo o seu número de funcionários: 80 mil. O investimento inicial ascendeu aos 5 milhões de francos e foi inteiramente suportado pelos franceses que deram o primeiro arranque para a constituição de um capital que se espera vir a atingir os 40 milhões de francos nos próximos quatro anos. Os franceses são igualmente os responsáveis pela formação dos apresentadores moscovitas.

O sentimento de altruísmo não é, todavia, aquilo que reside por detrás desta «febre» de investimentos das estações radiofónicas francesas no Leste. Com a concorrência desenfreada das FM's no seu país e, de modo geral, na Europa Ocidental, o acesso aos mercados inexplorados do Leste está a apresentar-se cada vez mais como a melhor maneira de evitar uma crise que, de outra forma, estaria iminente.

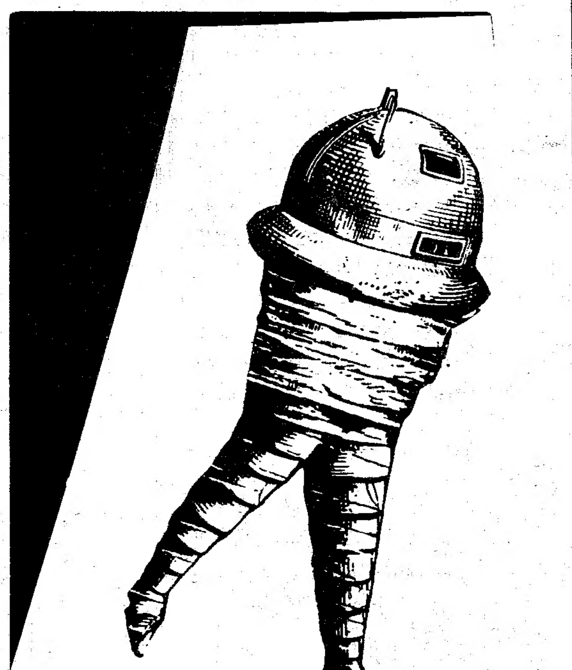
meteorologia

Canto de cisne

Com a lua cheia, os que sofrem de insónia dormem ainda menos. Com a subida de temperatura do ar, as gralhas nas colunas das gazetas multiplicam-se. A prova provada que os elementos físicos do mundo ainda influenciam e que nós não somos apenas dados objectivos mais ou menos confidenciais e mais ou menos públicos contidos em várias disquetes. Benditas insónias e benditas gralhas que atestam a resistência da natureza contra os novos mecanismos.

Pois não. Querem ainda mais uma prova: Ei-la: num dia destes, guiando o meu veículo nessa guerrilha matinal que se desenrola apesar de estarmos no mês de Julho, surpreendi-me a cantar. Cantei para mim próprio sem dar por isso e espantado ouvi-me a mim próprio. Há quanto temo já não cantava, o que se cantarola quando se faz a barba, quando se repara o curto-circuito, quando se descascam as ervilhas, uma dessas cançonetas parvinhas que entram no ouvido, ou outra modinha apanhada não se sabe onde, ou uma ária banalizada, da ópera italiana, ou o eco musical ligado à infância e quem sabe uma marcha militante de **bandieras rossas** (cuidado com as gralhas, e em italiano) de um mundo que já não existe.

A Vossa Excelência também acontece ouvir-se cantar surpreendido? Eu sei que gosta de música, mas cultiva-a passivamente. Fazer música sozinho é - outra música. Cantar é pôr à prova à suas, as nossas cordas vocais, a faculdade agradável dada ao homem, bastante termos um mínimo de ouvido e respirarmos segundo os preceitos básicos.



Faça o favor, pois, de cantar, surpreender-se, cantar em seguida até essa surpresa, enfim, não filosofar muito como faço aqui, e de vez em quando encher os pulmões enquanto há tempo.

Jorge Listopad

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75